UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO

ALESSANDRA MOREIRA PONTES

ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA: UMA ANÁLISE TEXTUAL DE INTERAÇÕES NA REDE SOCIAL INSTAGRAM.

São Luís
2025

ALESSANDRA MOREIRA PONTES

ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA: UMA ANÁLISE TEXTUAL DE INTERAÇÕES NA REDE SOCIAL INSTAGRAM.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Prof.ª. Dr ª. Marize Barros Rocha Aranha

São Luís
2025

ALESSANDRA MOREIRA PONTES

ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA: UMA ANÁLISE TEXTUAL DE INTERAÇÕES NA REDE SOCIAL INSTAGRAM.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Prof.ª. Dr ª. Marize Barros Rocha Aranha

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Marize Barros Rocha Aranha
(Orientadora – UFMA)

_____

Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz
(1ª avaliadora - UFMA)

_____

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito
(2ª avaliadora - UNILAB)

_____

Profa. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria
(Suplente - UFMA)

São Luís
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moreira Pontes, Alessandra.
Argumentação polêmica:uma análise textual de interações na rede social Instagram / Alessandra Moreira Pontes. - 2025.
125 p.

Orientador(a): Marize Barros Rocha Aranha.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2025.

1. Argumentação. 2. Discurso. 3. Polêmica. 4. Linguística Textual. I. Barros Rocha Aranha, Marize. II. Título.

Aos meus pais, Valdivino (*in memoriam*) e
Dulce, e ao meu filho, Vicente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu alicerce, por segurar sempre em minha mão nos momentos de aflição e por ter concedido calma e saúde ao meu corpo, para que este trabalho fosse concluído.

Ao meu pai, Valdivino, que, infelizmente, não pode me ver concluir mais essa etapa, mas sei que de onde ele estiver, está feliz por mim. O trabalho e o amor dele de uma vida inteira me trouxeram até aqui.

À minha mãe, Dulce, pelos sacrifícios que fez pela minha criação e pelo apoio que sempre foi dado para que eu pudesse estudar.

Ao meu filho, Vicente, que quantas vezes brincou sozinho para que eu pudesse estudar mais um pouco. Meu combustível para continuar. Essa conquista é nossa. Aos meus também filhos, Isabela e Christian.

Ao meu namorado, Sidney, por ter me incentivado a participar do seletivo do mestrado e me ajudado com o projeto inicial. Obrigada pela paciência e companheirismo ao longo dessa jornada.

Ao meu irmão, Alan, pela torcida de sempre.

Às minhas amigas queridas, Teresa, Rosana, Rose, Dianne e Brunna pela amizade, conversas, incentivos, por acreditarem que sempre podemos mais.

Às minhas amigas "letradas", Priscila, Lisiane, Samara e Emanuelle pela torcida fiel e companheirismo de muitos anos. Da UFMA para a vida!

À minha orientadora, Profa. Dra. Marize Barros Rocha Aranha, pela orientação e por me guiar nos estudos da argumentação. Sua gentileza, tranquilidade e segurança foram fundamentais.

À Profa. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria, por aceitar o convite de participar desta Banca como suplente. Obrigada por todos os ensinamentos e pelas contribuições preciosas desde o início do mestrado, nos seminários e na qualificação.

À Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito, por aceitar o convite de participar desta Banca, além da Banca Examinadora de Qualificação. Sinto-me honrada por sua leitura e pelas contribuições que ofereceu a esta pesquisa.

À professora Dra. Mônica da Silva Cruz, por aceitar compor esta Banca. Obrigada pelas contribuições.

À minha teórica de base, Prof. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*) pelo trabalho magnífico feito na Linguística Textual Brasileira. Seu legado vive e viverá para sempre.

A todos os professores e professoras do Mestrado Acadêmico em Letras, que contribuíram para a minha formação ao longo do curso.

Aos colegas do mestrado, que de algum modo fizeram parte deste processo.

À amiga feita no mestrado, Jackeline Braga, pela ajuda valorosa durante o mestrado. Obrigada por dividir as angústias, compartilhar conhecimentos e por sempre me socorrer quando precisei.

Ao grupo de colegas formado no mestrado, "Fofoca, Argumentação e Discurso", pelo apoio, desabafos e conversas alegres.

À todas e a todos que, de alguma maneira durante o processo de escrita deste trabalho, pelas palavras de incentivo, contribuíram para esta conquista.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar como a modalidade polêmica se constrói e se atualiza nas notícias publicadas na rede social *Instagram* e nos comentários dos internautas que repercutem essas notícias, à luz da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Ruth Amossy (2020). Assim, esta pesquisa busca investigar como as características da modalidade argumentativa polêmica se manifestam no gênero notícia, por meio de textos veiculados no *Instagram*, que marcas textuais, sob a ótica da Linguística textual e da Teoria da Argumentação, contribuem para a instauração da polêmica e que efeitos de sentidos são produzidos. Nessa perspectiva, a argumentação polemica é a modalidade do dissenso sustentada pelas características de dicotomização, polarização e desqualificação do adversário. Em relação à metodologia, este estudo se constitui como de natureza básica, quanto ao objetivo trata-se de uma pesquisa exploratória, quanto aos procedimentos é uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Os critérios utilizados para a escolha dos dados analisados foram o critério de gênero, textos pertencentes ao gênero notícia publicados em uma rede social. O segundo critério é o temático, onde as notícias abordam questões políticas brasileiras que ganharam repercussão, por seu caráter polêmico. Para auxiliar na análise argumentativa-discursiva, foram utilizadas categorias de textualidade, a referenciação e intertextualidade. A análise revelou que os comentários de fato marcam opiniões completamente contrárias, cuja argumentatividade se apoia em intertextualidades e referenciações.

Palavras-chave: Argumentação; Discurso; Polêmica; Linguística textual; Referenciação; Intertextualidade.

RÉSUMÉ

Cette recherche propose d'analyser comment la modalité polémique se construit et s'actualise dans les actualités publiées sur le réseau social *Instagram* et dans les commentaires des internautes qui reflètent ces actualités, à la lumière de la Théorie de l'Argumentation dans le Discours (TAD) de Ruth Amossy (2020). Ainsi, cette recherche vise à étudier comment les caractéristiques de la modalité argumentative polémique se manifestent dans le genre de l'information à travers des textes publiés sur *Instagram*, quelles marques textuelles, du point de vue de la linguistique textuelle et de la théorie de l'argumentation, contribuent à l'établissement de la controverse et quels effets de sens sont produits. Dans cette perspective, l'argumentation est appréhendée à travers un *continuum*, qui aborde les différents modes d'argumentation, y compris la modalité argumentative polémique. En ce qui concerne la méthodologie, cette étude a un caractère fondamental, en ce qui concerne l'objectif c'est une recherche exploratoire, en ce qui concerne les procédures c'est une recherche bibliographique avec une approche quantitative et qualitative. Les critères retenus pour choisir les données analysées étaient le critère de genre, des textes appartenant au genre de l'actualité publiés sur un réseau social. Le deuxième critère est thématique, où les nouvelles abordent des questions politiques brésiliennes qui ont eu des répercussions en raison de leur nature controversée. Pour faciliter l'analyse argumentative-discursive, des catégories de textualité, de référencement et d'intertextualité ont été utilisées. L'analyse a révélé que les commentaires présentent en réalité des opinions complètement opposées, dont l'argumentation repose sur des intertextualités et des références.

Mots clés: Argumentation; Discours; Controverse; linguistique textuelle; Référencement ; Intertextualité.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Interação nas postagens que constituem o *corpus* da pesquisa 95

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Redação do Enem 31
Figura 2 – Texto de autoajuda 33
Figura 3 – Livro didático 34
Figura 4 – Postagem do jornal *g1* no *Instagram*.....43
Figura 5 – Comentário da notícia "Bolsonaro admite ter pedido para empresário disparar texto questionando urnas." 44
Figura 6 – Compilado de respostas do comentário da Figura 10 44
Figura 7 – Postagem do jornal *Estado de Minas* 48
Figura 08 – Charge do jornal *Folha de São Paulo*.....52
Figura 09 – Captura de tela da interface do jornal g1 no *Instagram* 60
Figura 10 – Postagem do jornal g1 no *Instagram* 61
Figura 11 – Compilado de comentários do jornal *g1* no *Instagram*..... 61
Figura 12 – Comentário da notícia "Com voto de Carmém Lúcia, TSE forma maioria para tornar Bolsonaro inelegível." 63
Figura 13 – Respostas ao comentário do internauta AL (figura 07) 64
Figura 14 – Compilado de comentários da Notícia 01..... 75
Figura 15 – Meme com função dêitica 80
Figura 16 – Meme com citação 85
Figura 17 – Alusão – "Faz o L" 88
Figura 18 – Metatextualidade (comentários sobre a inelegibilidade de Bolsonaro) 90
Figura 19 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas..... 92
Figura 20 – Notícia 01 do portal *g1* no *Instagram* 99
Figura 21 – Notícia 02 do portal *g1* no *Instagram*..... 99
Figura 22 – Notícia 03 do portal *g1* no *Instagram*..... 100
Figura 23 – Compilado de comentários (dicotomização) da Notícia 01..... 100
Figura 24 – Compilado de comentários (dicotomização) da Notícia 02 103
Figura 25 – Compilado de comentários (dicotomização) da Notícia 03..... 103
Figura 26 – Compilado de comentários (polarização) da Notícia 01..... 106
Figura 27 – Compilado de comentários (polarização) da Notícia 02 108
Figura 28 – Compilado de comentários (polarização) "Faz o L de ladrão" 109
Figura 29 – Compilado de comentários (polarização) da Notícia 03 110
Figura 30 – Compilado de comentários (desqualificação) da Notícia 01 111

Figura 31 – Compilado de comentários (desqualificação) da Notícia 03 115
Figura 32 – Compilado de comentários (diabolização) da notícia 02..... 117
Figura 33 – Compilado de comentários (desqualificação) da Notícia 02..... 118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
1. A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO 19
1.1 Argumentação para Amossy 19
1.2 Modalidades argumentativas 30
2. A POLÊMICA 35
2.1 A polêmica como modalidade argumentativa 36
2.2 Traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica 40
2.2.1 Dicotomização 41
2.2.2 Polarização social 42
2.2.3 Desqualificação do outro 46
3. INTERAÇÃO POLÊMICA EM CONTEXTO DIGITAL 54
3.1 As mídias digitais..... 54
3.2 Redes sociais e a polêmica 57
3.2 Interação em ambiente digital 65
4. CRITÉRIOS TEXTUAIS DE ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO 70
4.1 A Linguística Textual Brasileira e seus Fundamentos 71
4.2 Referenciação 73
4.2.1 Processos referenciais 78
4.3 Intertextualidade 82
4.3.1 Categorias da Intertextualidade 84
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 93
5.1 Método de abordagem 93
5.2 Seleção e delimitação do *corpus* 93
5.3 Técnica de coleta de dados 95
5.4 Procedimentos de análise de dados 95
6. ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA 97
6.1 Análise da modalidade argumentativa polêmica e critérios textuais de análise da argumentação no discurso 97
6.2 Resultados 119
CONSIDERAÇÕES FINAIS 120
REFERÊNCIAS 122

INTRODUÇÃO

A todo momento, acontecimentos de interesse coletivo são noticiados à população, muitos deles por meio de sites e redes sociais. A notícia, enquanto gênero textual desprovido de visada argumentativa, não escapa totalmente à dimensão argumentativa e, por conseguinte, atualiza polêmicas, especialmente nas redes sociais, onde os comentários dos usuários refletem concordância ou discordância em relação ao assunto noticiado.

A modalidade argumentativa polêmica encontra um espaço profícuo nos ambientes virtuais, onde os usuários podem expressar suas ideias e crenças, bem como discordar dos outros sem a intenção de chegar a um consenso, gerando o dissenso. A polêmica pode ser considerada uma característica da democracia, uma vez que não há espaço para ela em regimes não democráticos. É a democracia que permite o debate e valoriza a diversidade. A internet possibilita esse encontro de opiniões antagônicas, transformando o cidadão comum de um ator passivo em um participante ativo nas discussões políticas, podendo se envolver em reivindicações, denúncias e posicionamentos contrários aos de outros usuários.

Dada a multiplicidade de perspectivas teóricas no campo da Argumentação, faz-se necessário esclarecer em qual vertente a presente pesquisa se fundamenta. Este trabalho se insere na perspectiva teórica da Argumentação em Ruth Amossy, especificamente na Teoria da Argumentação no Discurso (TAD). Além dessa abordagem, a fundamentação teórica também se apoia nas premissas da Linguística Textual.

Os estudos sobre a modalidade argumentativa polêmica têm se mostrado produtivos tanto na Teoria da Argumentação no Discurso quanto na Linguística Textual. A pesquisa pretende contribuir para o avanço desses estudos, bem como para futuras investigações nessas áreas. Este trabalho busca aprofundar os estudos sobre a argumentação retórico-discursiva e a análise do texto, combinando o exame dos processos textuais com as estratégias argumentativas empregadas por interlocutores que se posicionam sobre temas polêmicos.

A argumentação é um elemento que faz parte de todas as atividades da linguagem. Seja em manifestações linguísticas formais ou em conversas do cotidiano, estamos sempre tentando modificar os modos de ver, pensar ou sentir do nosso interlocutor, como bem ressalta Amossy (2020). Nesse cenário, esta dissertação tem como questão central analisar, com base em pressupostos da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), de

Amossy, a atualização da polêmica nos comentários (interações polêmicas) dos internautas em notícias publicadas na rede social *Instagram*.

Além disso, pretendemos verificar como os parâmetros de análise da Intertextualidade e Referenciação, que estão situados no escopo da Linguística Textual podem contribuir para a orientação argumentativa nas interações polêmicas dos internautas na rede social *Instagram*. Com isso, pretendemos identificar os traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica nas diferentes situações de manifestação dos comentários. Pretendemos, ainda, investigar como a polêmica se manifesta nos discursos que as mídias fazem circular nos espaços públicos.

Ruth Amossy é uma professora que se destaca nos estudos da argumentação e da polêmica, cujas contribuições têm sido amplamente reconhecidas e estudadas no campo da análise do discurso. Seu trabalho abrange uma variedade de tópicos relacionados à persuasão, retórica e comunicação, explorando a forma como a linguagem é usada para construir argumentos e incitar debates. Nesta pesquisa, examinaremos algumas das principais ideias e abordagens de Amossy, explorando como ela investiga a argumentação e a polêmica em diferentes contextos discursivos.

Uma das principais contribuições de Amossy para o estudo da argumentação é sua abordagem sobre a construção de argumentos persuasivos. Ela analisa como os argumentos são estruturados e como diferentes estratégias retóricas são empregadas para torná-los mais convincentes. Amossy argumenta que os argumentos persuasivos são construídos por meio de uma combinação eficaz de apelos racionais e emocionais, e que a escolha cuidadosa de palavras e recursos linguísticos desempenha um papel fundamental nesse processo.

Na **primeira seção**, trataremos da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Ruth Amossy (2020, 2017, 2016), que busca analisar e compreender como os argumentos são construídos e utilizados em diferentes contextos discursivos. A teoria de Amossy tem como base os estudos de outros teóricos, como Aristóteles e Perelman, pois seu estudo sobre argumentação se fundamenta em postulados e instrumentos analíticos derivados tanto da retórica clássica e nova quanto das ciências da linguagem, mais especificamente da linguística do discurso. Segundo a pesquisadora, os argumentos são elementos essenciais na construção e na persuasão discursiva. Eles são usados para convencer, persuadir e influenciar os interlocutores, tanto em situações formais, como debates políticos, quanto em situações cotidianas, como uma discussão entre amigos.

Além disso, Amossy também enfatiza a importância do contexto discursivo na análise dos argumentos. Ela considera que o discurso é influenciado por diferentes fatores, como a situação comunicativa, as características do público-alvo, as normas sociais e as convenções retóricas. Nesta seção, também veremos como Ruth Amossy propõe diferentes modalidades argumentativas que podem ser identificadas nos discursos. Essas modalidades são estratégias utilizadas pelos falantes para convencer, persuadir e influenciar os interlocutores. Em suma, a teoria da argumentação no discurso de Ruth Amossy busca compreender como os argumentos são construídos e utilizados de forma persuasiva em diferentes contextos discursivos, levando em consideração tanto os aspectos lógicos e retóricos quanto os fatores sociais e culturais que influenciam a persuasão.

Antes de chegarmos à teoria da argumentação do discurso de Amossy, será feito um breve percurso dos estudos da argumentação até chegarmos à teoria escolhida para este trabalho. Utilizamos como aporte teórico, nesta seção, os autores Aristóteles (2005); Perelman (2005); Bakhtin (1997); Benveniste (1970); Kerbrat-Orecchioni (1980, 1990); e Maingueneau (2015, 2005).

Além de investigar a argumentação persuasiva, Amossy também examina o papel da polêmica como modalidade argumentativa, objeto de análise da **segunda seção**. Ela explora como a polêmica é usada para incitar debates e atrair a atenção do público. No caso deste trabalho, analisaremos essas situações nas mídias sociais, especificamente no Instagram. Amossy destaca que a polêmica pode ser uma estratégia eficaz para atrair a atenção do público e gerar discussões. Em seguida, serão apresentados os três traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica: dicotomização, polarização e desqualificação do outro.

A **terceira seção** buscamos refletir sobre alguns aspectos relacionados à interação em contexto digital, tais como mídia, multimodalidade, redes sociais, especificamente, o *Instagram*. Pretendemos identificar como aspectos tecnológicos influenciam nos aspectos linguísticos de modo a influenciar na construção de sentidos. Discutiremos como se dá a relação entre as redes sociais e a polêmica argumentativa, inicialmente abordando a delimitação conceitual de redes sociais. Além disso, traçaremos um breve panorama sobre o uso das redes sociais como ferramenta para a participação ativa na vida política e social, por parte da população brasileira.

Na **quarta seção** intitulada "**Critérios textuais de análise de argumentação no discurso",** o locutor aciona e rearranja determinadas estratégias que possam ter êxito em

suas práticas discursivas, dentre elas os processos referenciais e os recursos intertextuais, que são parâmetros analíticos da Linguística Textual e que serão aqui colocados em interface com a Teoria da Argumentação no Discurso, uma vez que buscamos responder as seguintes questões:

- **De que forma marcas textuais contribuem para a instauração da polêmica nos comentários da rede social Instagram?**
- **Qual o papel da intertextualidade na argumentação interdiscursiva e na textualização de questões polêmicas?**
- **Sobre a referenciação, como um referente é construído nas teses antagônicas que constroem uma polêmica?**

A intertextualidade na Linguística textual refere-se à prática de fazer referências ou alusões a outros textos dentro de um texto específico. Ela ocorre quando um texto faz uso de elementos de outros textos, como citações, paráfrases, alusões, derivações. A referenciação é um recurso fundamental no processo de textualização e coconstrução de sentidos.

Como aporte teórico, utilizaremos, essencialmente, os seguintes autores Cavalcante et al (2020, 2022), líder do grupo Protexto, constituído de pesquisadores e estudantes que buscam definir um programa teórico-metodológico para uma vertente da linguística textual. Cavalcante *et. al*. publicou em 2020 um livro intitulado **Linguística Textual e Argumentação**. Esta obra reúne um conjunto de artigos que se dedicaram à análise de interações conflituosas mediadas pelas redes sociais, com ênfase no aporte teórico fornecido por Ruth Amossy, pela perspectiva da Linguística Textual. A segunda obra intitulada **Linguística Textual: conceitos e aplicações,** é um livro comemorativo dos 20 anos do grupo Protexto que reúne reflexões teóricas, metodológicas e práticas acerca das pesquisas desenvolvidas sobre as categorias diversas, dentre elas as utilizadas neste trabalho, referenciação e intertextualidade.

Destacamos que os estudos da argumentação polêmica no discurso e a relação entre fenômenos textuais e argumentação discursiva ainda estão sendo desenvolvidos no Brasil. Neste sentido, apresentamos alguns trabalhos que são fruto de produções acadêmicas, teses de relevância para o trabalho. Nestes segmentos, citam-se *Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual* (MACEDO, 2018); *Sobre intertextualidade estritas e amplas* (CARVALHO, 2018); *Relações intertextuais de copresença e de derivação em textos verbo-visuais: por uma abordagem didática* (FARIA, 2014)

Na quinta seção, "**Procedimentos metodológicos",** vamos explicar os procedimentos de descrição e análise adotados nesta pesquisa bem como o percurso metodológico desta dissertação. Além disso, discorremos sobre as etapas de tomada de decisão, seleção e delimitação do *corpus*, que consideramos essencial para a realização da nossa pesquisa. Os textos que iremos analisar as estratégias textuais de argumentação pertencem à esfera midiática, que são as interações polêmicas nos comentários dos internautas nas notícias de jornais *online* da rede social *Instagram*. Todos os textos escolhidos tratam de questões polêmicas contemporâneas inscritas no contexto sociopolítico brasileiro.

Na sexta seção "Análise da argumentação polêmica", nos propusemos a analisar sob a óptica da polêmica argumentativa a forma como a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação do outro* são concebidas em interações conflituosas protagonizadas nas redes sociais. Para isso, recorremos também a parâmetros analíticos da Linguística Textual e que serão aqui colocados em interface com a Teoria da Argumentação no Discurso, que são os processos referenciais e os recursos intertextuais.

1. A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

1.1 Argumentação para Amossy

A compreensão sobre a argumentação no discurso, abordada neste capítulo, contribui para os estudos da modalidade argumentativa polêmica, que será a principal teoria deste trabalho. Antes de explorarmos as teorias de Ruth Amossy sobre argumentação e polêmica, é importante entender o contexto em que seu trabalho se desenvolve. Amossy é uma estudiosa francesa cujas raízes intelectuais estão profundamente enraizadas na tradição da retórica clássica, mas que também incorpora perspectivas contemporâneas, combinando abordagens teóricas e metodológicas em sua pesquisa.

Ruth Amossy defende, em sua teoria da argumentação, a reorientação dos estudos retóricos, valendo-se principalmente dos postulados da retórica clássica e nova, para articulá-los com a Análise do Discurso de linha francesa. Ela reivindica, dessa maneira, o lugar da argumentação nas Ciências da Linguagem, afirmando que não há necessidade de separação entre disciplinas que lidam com argumentação e discurso, pois, segundo a autora, a argumentação é parte fundamental do funcionamento discursivo.

Amossy propõe uma concepção ampla de argumentação em sua obra L'argumentation dans les discours (2000), ampliando a Nova Retórica de Perelman ao tentar fazer aderir não apenas uma tese, mas também modos de ver, pensar e sentir.

A integração entre retórica, argumentação e ciências da linguagem será exposta e problematizada no capítulo a seguir. Para isso, apresentaremos de forma breve o percurso dos estudos da argumentação até chegarmos ao ponto fundamental para a compreensão da proposta de Amossy: a nova retórica. Em seguida, discutiremos os demais fundamentos teóricos e metodológicos da análise argumentativa do discurso.

Os estudos da argumentação no Ocidente remontam uma trajetória de 25 séculos, (PLANTIN e DAMASCENO-MORAIS, 2021) que teve início com a retórica clássica de Aristóteles. Retórica, definida como a arte de persuasão, a "arte do discurso eficaz" é uma das disciplinas humanas mais antigas, onde por volta de 485 a. C. na Sicília, teve sua origem como metalinguagem do discurso oratório (BARTHES, 2001).

Foi um momento histórico em que a democracia precisou se impor à tirania. Tal necessidade suscitou a criação de uma arte que pudesse ser lecionada nas escolas e tornasse os cidadãos capazes de defenderem suas causas e lutarem por seus direitos através das suas faculdades orais de comunicação.

Para Aristóteles (2005), a retórica é a outra face da dialética. "De facto, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma ou de outra, pois todas elas tentam em

certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar." (ARISTÓTELES, 2005, p. 89) Ainda na sua obra "Retórica", Aristóteles define a retórica como a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com a finalidade de persuadir.

> A *Retórica* de Aristóteles compreende três livros. O primeiro trata do enunciador, de como ele concebe os argumentos, de como constrói seu *éthos* na enunciação; o segundo analisa o enunciatário, como ele recebe os argumentos em função do *páthos*; o terceiro estuda a mensagem, o *lógos*, como se expressam os argumentos. (FIORIN, 2022, p. 21).

Logo, pode-se inferir que a retórica deu início aos estudos do discurso e da argumentação. Conceitos trabalhados na obra de Aristóteles, como ethos, pathos e logos, continuam presentes nas pesquisas argumentativas. No fim do século XIX, a retórica perdeu sua posição como disciplina, o que levou os estudos da argumentação ao descrédito. A partir do século XX, a argumentação foi retomada com os trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Toulmin, Grize, Ducrot, Plantin, entre outros teóricos.

Entre esses teóricos, destacamos o jusfilósofo Chäim Perelman, que, em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, publicou em 1958 a obra "Tratado de Argumentação". Esse trabalho reiniciou os estudos clássicos da argumentação aristotélica, dando origem à teoria da Nova Retórica. O termo "nova" é apropriado, pois Perelman não apenas recupera a retórica clássica, mas também a amplia.

Perelman expõe as características particulares da argumentação ao contrapor-se à concepção clássica da demonstração. "Ora, a teoria lógica da demonstração desenvolveu-se segundo Leibniz, e não Pascal, e não admitiu que o que era evidente não tinha necessidade nenhuma de prova." (PERELMAN, 2005, p. 04) Ou seja, quando o objeto de conhecimento não é evidente, a razão e a dedução lógica não podem solucionar o problema.

Segundo Perelman, o campo da argumentação é o verossímil, e o objeto da teoria é "o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento.*" (PERELMAN, 2005, p. 4) Na retórica são três os meios de que um locutor lança mão com a finalidade de persuadir um auditório: *éthos, páthos* e *logos*. A Nova Retórica privilegia o *logos*. "Tendo, portanto, como preocupação central os raciocínios subjacentes aos discursos das ciências humanas, a nova retórica concentra seus esforços no estudo do logos." (MACEDO, 2018, p. 24)

Cabe destacar elementos importantes na Nova Retórica perelmaniana, são eles: o orador e o auditório. Perelman compreende que o orador é aquele que pronuncia e escreve

o discurso, pois ele considera que ao analisar a argumentação não se pode limitar-se ao discurso oral. Além disso, ele destaca a importância e o papel dos textos impressos, e suas análises se concentram nos mesmos.

> A ênfase dada aos textos escritos trará como resultado, por estes se apresentarem nas formas mais variadas, que o nosso estudo será concebido em toda a sua generalidade e não se deterá especialmente em discursos encarados como uma unidade de uma estrutura e de um tamanho mais ou menos convencionalmente aceitos. (PERELMAN. 2005, p. 07).

Por auditório, a nova retórica conserva a mesma ideia da retórica clássica: se trata de um conjunto daqueles que o orador deseja influenciar. Todo discurso se dirige a um auditório, quer seja ele oral ou escrito. É, pois, em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve. “Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso de fato, que aqueles a quem ela se destina lhes prestem alguma atenção.” (PERELMAN, 2005, p. 20)

Para que o orador tenha êxito ao influenciar o seu auditório, “(...) ele deve partir de pontos de acordo: trata-se de premissas da argumentação, que permitem estabelecer uma comunhão dos espíritos construída sobre valores e hierarquias em comuns.” (AMOSSY, 2020, p. 21)

Logo, é fundamental conhecer o seu auditório de forma mais próxima da realidade, pois é a partir desse conhecimento que se obterá uma argumentação eficaz. A influência mútua que um exerce sobre o outro – o locutor e seu auditório, na dinâmica do discurso persuasivo – caracteriza um dos elementos basilares da nova retórica.

Podemos concluir que, para a nova retórica, a argumentação é discursiva e dialógica, desenvolvendo-se em uma situação comunicacional que necessita de pelo menos dois sujeitos. Apesar disso, a teoria não tem como questão central o funcionamento discursivo da interação argumentativa, embora apresente princípios relevantes para a análise argumentativa.

É a partir da reorientação das antigas e novas retóricas que a análise argumentativa e a análise do discurso são articuladas. Ruth Amossy dedicou-se a estudar e defender essa aliança, a argumentação no discurso, pois todo discurso supõe o funcionamento da linguagem entre sujeitos (locutor e alocutário), onde há um jogo de influências entre eles. “(...) a análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD) na medida em que deseja esclarecer os funcionamentos discursivos.” (AMOSSY, 2020, p. 11)

Dessa forma, Amossy concebe um quadro teórico e metodológico que permite compreender a argumentação em seus quadros discursivos e institucionais. A AD por sua vez, não reconheceu de fato a argumentação como parte constitutiva do discurso. Isso se deu, principalmente devido a algumas incompatibilidades epistemológicas entre a Análise do Discurso e a retórica, em especial às concepções de sujeito das duas abordagens.

As teorias da argumentação são consideradas carregadas de intencionalidade, para a AD, que por sua vez, consideram os sujeitos discursivos dominados pelas determinações sociais e as relações de poder. Para a AD, o sujeito não governa o seu dizer, não é senhor de si.

A análise do discurso adota a perspectiva de identificar para além das palavras, mas também as restrições institucionais, a carga ideológica, dóxica e os jogos de poder, relacionando esses elementos a uma determinada situação discursiva, em um determinado espaço e interdiscurso. Ou seja, a argumentação discursiva leva em consideração os agentes sociais, que por sua vez, modelam os discursos e, consequentemente, os argumentos.

> O argumentador só pode, portanto, exercer a sua vontade nos quadros sociais e institucionais nos quais se desenrola a sua fala – mesmo que essas restrições lhe sejam frequentemente mascaradas pelo hábito (senão pelo *habitus*) e pelas evidências que naturalizam e dissimulam as forças sociopolíticas subjacentes. (AMOSSY, 2016, p. 172).

No contexto retórico, o sujeito assume um papel fundamental no processo de persuasão e argumentação, pois é um sujeito soberano. Ele é o dono de seu discurso, capaz de utilizar a língua e organizar seus raciocínios para convencer e persuadir seu interlocutor. Assim, é possível observar a agentividade do sujeito retórico, que, com iniciativa e ação, torna-se capaz de influenciar o outro.

> (...) enquanto o sujeito da AD não é dono de sua vontade, porque ou é coagido por forças ideológicas e discursivas ou está submetido a uma inconsciência que lhe é constitutiva, o sujeito da retórica se mostra um sujeito soberano, que governa a si e a seus textos, sendo capaz de utilizar conscientemente a língua para condicionar e persuadir outros sujeitos. (CAVALCANTE, 2020, p. 25).

Ruth Amossy ressignifica esse sujeito na sua Teoria da Argumentação no discurso (TAD), pois se trata de um sujeito estrategista, elaborador de um projeto persuasivo, porém, constrangido por fatores de ordem social. Em outras palavras, o seu discursivo argumentativo é determinado pelo lugar social em que está inserido.

> A TAD, como ramo da AD francesa, reconfigura esse sujeito retórico autônomo e plenamente consciente, concebendo-o como uma instância

> enunciativa constrangida pela *doxa* que o circunda e tributária dos quadros institucionais nos quais ele se situa. (CAVALCANTE, 2020, p. 27).

Esclarecida essa noção de sujeito entre as teorias AD e retórica, e de como ela está proposta na abordagem da argumentação no discurso de Amossy, vamos retornar para a noção de argumentação que irá nortear este trabalho. Para a autora, ela se inicia com a Argumentação na Língua de Ducrot:

> A noção de argumentação foi, por outro lado, solidamente introduzida no seio das ciências da linguagem pela corrente conhecida como Argumentação na Língua, iniciada por Anscombre e Ducrot (1988), a qual nós sabemos ser uma teoria pragmático-semântica preocupada em mostrar como a orientação argumentativa dos enunciados determina o seu sentido. A argumentação é, nesse sentido, um elemento constitutivo da língua, e não do discurso." (AMOSSY, 2016, p. 167).

Na abordagem de Anscombre e Ducrot a argumentação não é vista em seu sentido amplo de arte persuasiva, mas em um sentido específico de um encadeamento de proposições visando uma conclusão. Porém, Ruth Amossy defende que a argumentação está inserida dentro da materialidade discursiva, e "os argumentos se constroem na densidade do discurso e que só fazem sentido no interior da rede interdiscursiva e do contexto comunicacional em que operam." (AMOSSY, 2016, p. 170, 171) A AD está alinhada à perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin ao considerar como pressuposto teórico a argumentação como parte do funcionamento discursivo, uma vez que o enunciado é uma resposta de um já dito, onde se pode concordar, refutar ou tentar modificá-lo.

Amossy assevera que o discurso comporta como qualidade intrínseca a capacidade de agir sobre o outro e de influenciá-lo. Elevando dessa maneira a argumentação a um aspecto constitutivo do funcionamento discursivo. Sabemos que nem todo discurso defende uma tese. Mas a autora ressalta que a fala exerce influências, orientando maneiras de ver e pensar. Nesse sentido, o conceito de argumentação é ampliado na abordagem da TAD:

> Passa-se, então, a uma concepção mais larga de argumentação, entendida como a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. Essa é a definição que desenvolvi em L'argumentations dans le discours (2006 [2000]), ampliando a da nova retórica de Perelman, pela tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir. Essa ampliação permite à argumentação, tomada como sinônimo de retórica ou de arte de persuadir, tratar do vasto leque de discursos, tanto os privados, quanto os públicos, que circulam no espaço contemporâneo. (AMOSSY, 2011, p. 130).

Logo, a análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD) buscando esclarecer os funcionamentos discursivos, explorar uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções sócio-históricas. O objetivo da argumentação no discurso é a análise do discurso em sua visada e/ou dimensão persuasiva. Ela possui as seguintes abordagens, segundo Amossy (2020):

- Linguageira: a argumentação se constitui a partir da mobilização dos meios que a linguagem oferta no nível das escolhas lexicais, das modalidades de enunciação, das associações dos enunciados;
- Comunicacional: a argumentação se constitui em função de um auditório e seu desenvolvimento só pode ser compreendido dentro de uma relação de interlocução;
- Dialógica: a argumentação intenciona agir sobre o auditório, para isso, deve adaptar-se a ele. Ela está inserida na troca entre os sujeitos;
- Genérica: a argumentação está sempre inscrita em um tipo e gênero discursivo;
- Figural: a argumentação invoca os efeitos de estilo e as figuras que operam um impacto sobre o alocutário;
- Textual: a argumentação deve ser compreendida no nível de sua construção textual, a partir dos mecanismos de ligação que comandam seu desenvolvimento.

O *corpus* da análise argumentativa é considerado bastante amplo, pois pode ser desde uma conversa cotidiana ao texto literário, passando por diferentes tipos de discurso, pelas mídias e internet. “A análise pode aplicar seus procedimentos a qualquer extrato de diálogo, a qualquer fragmento de texto.” (AMOSSY, 2020, p.42). Diante dessa afirmativa, pode-se fazer o seguinte questionamento: em todo enunciado há argumentação? As teorias retóricas, clássica e nova, possuem o consenso de que não se argumenta sobre aquilo que é evidente.

Logo, a argumentação acontece diante de uma pergunta que aceita respostas divergentes. Amossy defende, portanto, que todo texto é argumentativo, pois por trás dele há um sujeito que, embora sofra coerções sociais, culturais e ideológicas, tem sempre uma intencionalidade de influenciar o outro, portanto um sujeito dono de seu dizer. Nesse contexto, é preciso ainda retomar três constituintes (*ethos, pathos e logos*) da retórica clássica e verificar como a autora os situa na perspectiva da análise argumentativa. “Se o

logos diz respeito às estratégias discursivas e o *ethos* diz respeito à imagem do locutor, o *pathos* incide diretamente sobre o auditório." (AMOSSY, 2020, p. 195)

Para Amossy (2020) é mais benéfico considerar como o discurso constrói um *ethos* originado em dados pré-discursivos, desenvolvendo a noção de *ethos* prévio. "(...) a imagem elaborada pelo locutor apoia-se em elementos preexistentes, como a ideia que o público faz do locutor antes mesmo que ele tome a palavra, ou a autoridade que lhe confere sua posição ou seu *status*." (AMOSSY, 2020, p. 89) Portanto, temos o *ethos* prévio, imagem que o auditório faz do locutor antes dele iniciar sua fala, que é construída a partir de sua posição social, *status*, poder e nos estereótipos que circulam sobre ele. E temos o *ethos* discursivo, que se trata da imagem que o sujeito constrói sobre si mesmo durante o discurso. O locutor durante o seu discurso pode confirmar o *ethos* prévio ou tentar modificá-lo se considerar o mesmo inadequado.

As teorias da argumentação reservam seu foco ao *logos*, como discurso e razão, pois acreditam que para levar o auditório a aderir uma tese, deve ser por vias racionais, excluindo, portanto, quaisquer vias sentimentais para atingir o objetivo. Aristóteles, por sua vez, em seus estudos retóricos recusava-se a separar o *phatos* do *logos*. O apelo às emoções é legítimo em diversos discursos.

Assim, a argumentação no discurso considera o projeto retórico inicial e dá lugar ao pathos em sua análise. "No entanto, isso não a isenta de resolver os inúmeros problemas suscitados pela aliança da razão e da paixão tratados nas diferentes retóricas e teorias da argumentação, desde a época clássica até a atualidade." (AMOSSY, 2020, p. 196) Os três componentes da retórica clássica permanecem necessários e são utilizados em diversas combinações argumentativas e níveis do discurso. Amossy (2011) sintetiza a análise argumentativa:

- Estuda os argumentos em língua natural, na materialidade discursiva.
- Estabelece a argumentação em uma situação enunciativa, onde se faz necessário identificar todos os elementos da cena (sujeitos, lugar, circunstâncias etc.)
- Examina o modo como a argumentação é inscrita no interdiscurso.

> Leva em conta a maneira como o *logos*, ou o emprego de argumentos em língua natural, alia-se, concretamente, ao *ethos*, a imagem de si que o orador projeta em seu discurso, e ao *pathos*, a emoção que ele quer suscitar no outro e que também deve ser construída discursivamente. (AMOSSY, 2011, p. 134).

A inscrição da análise argumentativa como ramo da Análise do Discurso abre novas perspectivas para as pesquisas, tanto as disciplinares como as extras disciplinares, pois os instrumentos da Análise do Discurso e da Argumentação podem responder questões linguísticas e extralinguísticas. “Nesse sentido, o estudo da argumentação e do modo como ela se alia aos outros componentes na espessura dos textos é parte integrante da análise do discurso.” (AMOSSY, 2020, p. 12)

Outro aspecto importante mencionado por Amossy (2008) em sua Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) é que a argumentação é um elemento essencial do funcionamento discursivo. Portanto, a Análise do Discurso não pode desconsiderar a dimensão argumentativa dos discursos. Essa perspectiva contrasta com a retórica clássica de Aristóteles, que reconhece apenas alguns discursos como argumentativos.

Amossy (2020) defende que toda fala, mesmo quando não intenciona a persuasão, busca influenciar o ouvinte de alguma maneira, orientando modos de ver, pensar e sentir. Assim, nenhum discurso é feito sem argumentatividade. Não há mais separação entre uma disciplina que lida com o discurso (AD) e outra que lida com argumentação, pois a Teoria da Argumentação analisa, dentro da materialidade discursiva, as modalidades argumentativas.

A Análise do Discurso, ao se propor a descrever o funcionamento discursivo em situações concretas, não pode ignorar sua dimensão argumentativa (AMOSSY, 2011). Embora nem toda fala vise a adesão do auditório a uma tese, mesmo aquelas que não têm o objetivo explícito de persuadir buscam influenciar o ouvinte de alguma forma, ao apresentar e orientar modos de ver e pensar.

Alguns teóricos corroboram a abordagem de Ruth Amossy no que diz respeito às influências nas trocas verbais entre os sujeitos da enunciação. Será feito um recorte bibliográfico em alguns estudos das Ciências da Linguagem, começando pela contribuição de Bakhtin para o estudo da linguagem dialógica, passando pelo linguista Benveniste e sua teoria da enunciação, até Kerbrat-Orecchioni, que adota uma abordagem interacionista, Charaudeau e Maingueneau, especialistas em Análise do Discurso.

A linguagem sob a perspectiva bakhtiniana tem vida em um espaço enunciativo discursivo, onde não há locutor e ouvinte, mas sim, sujeitos que em uma situação concreta de linguagem, o sujeito B ao ouvir o sujeito A, se apropria desse discurso, podendo concordar ou não com ele, gerando assim, uma atitude responsiva ativa.

> De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa:* ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Ainda segundo Bakhtin, o modo de funcionamento real de todo discurso é o dialogismo. Por dialogismo, compreende-se que todo texto resulta de uma tessitura de vozes advindas tanto dos (inter) locutores quanto de outros sujeitos sociais. Portanto, toda enunciação é o resultado de uma interação social.

Para Benveniste (1970, p. 267), "[...] toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte, e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro." Nesse caso, o autor entende o discurso de maneira ampla, desde os discursos orais a qualquer nível e natureza, seja uma conversa trivial a uma oração mais elaborada, e que o discurso pressupõe a existência de uma interação de pelo menos dois sujeitos, onde há o objetivo de influência por meio do enunciado. Amossy (2008) declara que a teoria da argumentação no discurso se estabelece nesse conceito de discurso de Benveniste. Ainda sobre as influências em práticas comunicativas, as contribuições de Kerbrat-Orecchioni (1990) acerca das interações verbais são pertinentes, pois também destacam as trocas entre os interlocutores.

> (...) ao longo do desenvolvimento de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes, que podemos chamar de "interactantes", exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas – falar é trocar, e é trocar trocando. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p.17).[1]

Mais uma vez compreende-se que a prática comunicativa é vista como uma rede de influências definidas entre os interlocutores. Charaudeau (2018) ao formular a noção de Ato de Linguagem elabora um princípio de influência que também contribui para a teoria de Ruth Amossy, no sentido de que no Ato da Linguagem um sujeito leva o outro a pensar, dizer ou agir segundo sua intenção.

> Todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um princípio de alteridade (sem a existência do

[1] No original: "tout au long du déroulement d'un échange communicatif quelconque, les différents participants, que l'on dirá donc des "*interactants*", exercent les uns sur les autres un réseau d'*influences mutuelles* – parler c'est échanger, et c'est échanger en échangeant."

> outro, não há consciência de si). Nessa relação, o sujeito não cessa de trazer o outro para si, segundo um princípio de influência, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele. Entretanto, se esse outro puder ter seu próprio projeto de influência, os dois serão levados a gerenciar sua relação segundo um princípio de regulação. (CHAURAUDEAU, 2018, p.16).

Um dos primeiros analistas do discurso a pensar a argumentação dentro de um quadro de análise discursiva foi Dominique Maingueneau. Algumas definições de discurso na obra *Discurso e Análise do Discurso* (2015) de Maingueneau contribuem para a noção de discurso adotada neste trabalho: o discurso é uma forma de ação sobre o outro e o discurso é interativo. Maingueneau retoma filósofos da linguagem, Austin (1962) e Searle (1969), para abordar a problemática dos "atos de linguagem" (conhecidos também como "atos de fala" ou "atos de discurso") que considera que:

> (...) toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, perguntar...) que visa modificar uma situação. Num nível superior, tais atos elementares se integram a gêneros de discursos determinados, que são outras formas de atividades socialmente reconhecidas. (MAINGUENEAU,2015, p. 25,26).

Maingueneau considera que a atividade verbal é uma interatividade entre dois ou mais sujeitos, e que a manifestação mais evidente dessa interatividade seria a troca oral "[...] onde os interlocutores coordenam suas enunciações, enunciam em função da atitude do outro e percebem imediatamente os efeitos que suas palavras têm sobre ele." (MAINGUENEAU, 2015, p. 26)

O autor ressalta, porém, que algumas enunciações orais não seriam consideradas tão interativas. Por outro lado, não se pode reduzir a interatividade do discurso à conversação. "Qualquer enunciação, mesmo que produzida na ausência de um destinatário ou na presença de um destinatário passivo, se dá em uma interatividade constitutiva." (MAINGUENEAU, 2005, p. 26)

Todos os teóricos citados defendem que nas práticas comunicativas há um jogo de influências entre os interlocutores. Para Amossy (2011, p. 132) "[...] é importante identificar e analisar a maneira como os diferentes discursos destinados a informar, descrever, narrar, testemunhar, direcionam o olhar do alocutário para fazê-lo perceber as coisas de uma certa maneira." Logo, podemos nos questionar se todos os discursos são argumentativos. Amossy (2011) pontua que as posições são divergentes. A retórica clássica, compreendida como sinônimo de argumentação, e representada por Aristóteles (2005), considera que apenas alguns gêneros do discurso seriam argumentativos: o jurídico, o deliberativo e o epidítico.

As teorias contemporâneas da argumentação vão de encontro a restrição colocada na retórica clássica. Ruth Amossy ao propor uma concepção ampla de argumentação em sua obra *Argumentação no Discurso* (2006) e é denominada de ampla pois ela incorpora ao conceito da Nova Retórica que define a argumentação como a tentativa de fazer aderir a uma tese. Para Amossy (2011, p. 130) seria "[...] mas também a modos de pensar, de ver, de sentir." Dessa forma, possibilitou a argumentação tratar de uma variedade maios de discursos presentes na atualidade. Além disso, ela faz uma importante distinção entre intenção e dimensão argumentativa, que são denominações que estão diretamente relacionados à natureza dos discursos e sua argumentatividade.

> Mesmo que, por sua natureza dialógica, o discurso comporte, como qualidade intrínseca, a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo, é preciso diferenciar entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso a orientar modos de ver do(s) parceiro(s). No primeiro caso, o discurso manifesta uma intenção argumentativa: o discurso eleitoral ou anúncio publicitário constituem exemplos flagrantes disso. No segundo caso, o discurso comporta, simplesmente, uma dimensão argumentativa. (AMOSSY, 2011, p. 131).

Para Amossy, a noção de dimensão argumentativa contribui para a concepção ampliada de argumentação, pois até então a concepção era de que alguns discursos usam de argumentos para provar a validade de uma tese, o que se pode chamar de concepção estrita de argumentação. "(...) as teorias ampliadas da argumentação, como as de Grize, Amossy e de Rabatel, veem, entretanto, uma dimensão argumentativa na ausência de qualquer argumento explícito." (AMOSSY *in*: CAVALCANTE, 2020, p. 75).

A dimensão argumentativa propõe pensar em formas alternativas de argumentação, tornando assim, a concepção de argumentação ampla e inclusiva. Pode-se dizer que os teóricos Grize e Plantin foram os precursores da noção de dimensão argumentativa e da concepção ampliada de argumentação. Grize compreende a argumentação como uma atividade discursiva ampla, pois, para ele seria "(...) um tipo de "esquematização" discursiva, isto é, como a produção de um discurso (procedimento e resultado) organizado de forma a intervir sobre a opinião, a atitude e o comportamento de alguém." (GRIZE, 2020, p. 254).

Logo, em uma situação de comunicação, o discurso se desenvolve quando há, pelo menos, dois sujeitos em uma situação de interlocução. Nesse processo de persuasão verbal, o locutor age sobre o alocutário, visando modificar o seu modo de ver sobre determinada situação. Plantin compreende a argumentação sob uma perspectiva dialogal, o que significa pensar a atividade argumentativa em um quadro mais amplo, em que a enunciação acontece no âmbito do diálogo, nas situações de interação entre sujeitos. "(...)

uma dada situação linguageira começa a se tornar argumentativa quando manifesta uma oposição de discursos." (PLANTIN, 2011, p. 17) Dessa maneira, a concepção de argumentação é fundamentada sobre a interação de discursos em oposição.

1.2 Modalidades argumentativas

Ruth Amossy amplia a concepção de argumentação desenvolvidas pelas retóricas clássica e nova, ao dizer que a argumentação não visa somente a adesão de um público a uma tese, mas como pode reorientar e modificar modos de ver, pensar e sentir. A autora afirma que o discurso possui a capacidade de agir sobre o outro e influenciá-lo, tornando a argumentação um aspecto constitutivo do discurso. Sobre as práticas discursivas, Amossy (2011) aponta que há discursos com *visada argumentativa*, que são aqueles que possuem um conjunto de argumentos em defesa de uma tese, e existe o discurso de *dimensão argumentativa*, que seriam os enunciados sem uma opinião central acentuada.

Na visada argumentativa, há uma maneira planejada de persuasão, uma vez que o propósito do locutor, ao produzir um texto que permita essa visada, é orientar o interlocutor a concordar com sua opinião ou tese acerca do tema em questão, utilizando para isso, uma série de argumentos construídos com raciocínios lógicos. Em termo de gênero, os discursos com **visada argumentativa** seriam:

1) pregação da Igreja
2) o discurso eleitoral;
3) o editorial;
4) a tese.

Na dimensão argumentativa, temos "[...] a tendência de todo discurso orientar os modos de ver do(s) dos parceiros(s)" (AMOSSY, 2011, p. 131). Nesses casos, a estratégia de persuasão é indireta. Entre os discursos que portam uma **dimensão argumentativa** estão:

1) o artigo científico;
2) a reportagem, notícia;
3) as informações televisivas;
4) a narrativa de ficção;
5) algumas formas de testemunhos ou de autobiografia;
6) a carta ao amigo;
7) a conversação cotidiana.

Objetivando instrumentalizar o funcionamento discursivo da argumentação, Amossy sustenta a ideia de que há diferentes modos de tentar influenciar o outro nos diferentes gêneros. Sendo assim, ela desenvolve a noção de modalidades argumentativas: "tipos de trocas argumentativas que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona tanto num quadro dialogal quanto num dialógico." (AMOSSY, 2008, p. 232) Essa estrutura geral de argumentação torna possível que uma mesma modalidade argumentativa se manifeste em diferentes gêneros.

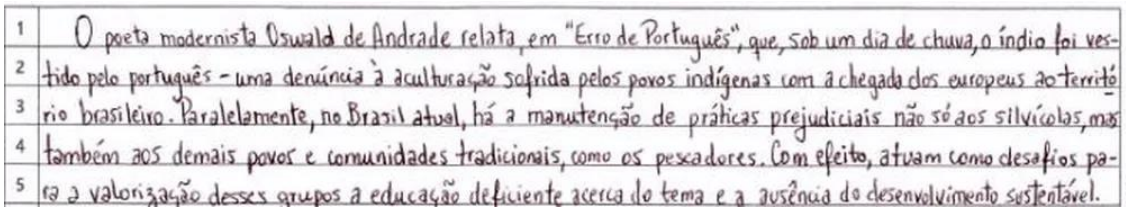
Em cada gênero há determinados padrões argumentativos e as modalidades argumentativas estão de certo modo condicionadas ao gênero em questão. "O gênero pode, por vezes, ditar as modalidades de apelo às emoções, sua intensidade, a legitimidade dos dizeres, até o modo como algumas relações intertextuais são marcadas e referidas." (CAVALCANTE et al, 2019, p. 105)

Amossy (2008) apresenta seis modalidades argumentativas, porém, ressalta que se trata de possibilidades, não sendo, portanto, um grupo fechado. É importante ressaltar que essas modalidades argumentativas não são mutuamente exclusivas, e um discurso pode utilizar mais de uma delas simultaneamente. Além disso, Amossy destaca que a escolha da modalidade argumentativa é influenciada pelo contexto discursivo, pelo público-alvo e pela estratégia de persuasão adotada pelo falante. Iremos então, retomar as modalidades argumentativas apresentas por Amossy (2008):

- **Modalidade demonstrativa**: quando o locutor busca a anuência do auditório apresentando em um discurso monogerado ou em diálogo uma tese apoiada em provas. Exemplos de gêneros que contemplam a modalidade demonstrativa são: **o discurso parlamentar, o ensaio filosófico, o editorial, o artigo científico, o debate de ideias etc**.

Vejamos abaixo um exemplo de um trecho de uma redação acadêmica. Nela o locutor utiliza argumentos para validar sua tese.

Figura 1 – Redação do Enem



O poeta modernista Oswald de Andrade relata, em "Erro de Português", que, sob um dia de chuva, o índio foi vestido pelo português - uma denúncia à aculturação sofrida pelos povos indígenas com a chegada dos europeus ao território brasileiro. Paralelamente, no Brasil atual, há a manutenção de práticas prejudiciais não só aos silvícolas, mas também aos demais povos e comunidades tradicionais, como os pescadores. Com efeito, atuam como desafios para a valorização desses grupos a educação deficiente acerca do tema e a ausência do desenvolvimento sustentável.

Fonte: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/10/enem-2022-leia-redacoes-nota-mil.ghtml. Acesso em: 10 jun. 2023

- **Modalidade patêmica:** quando o locutor apela às emoções para "tocar" o auditório e obter sua adesão. Exemplos de gêneros da modalidade patêmica**: o apelo à ajuda humanitária, a defesa perante os jurados, o discurso lírico.** CAVALCANTE et al., 2020 acrescenta a declaração de amor, os textos de autoajuda.

Exemplo de um texto de autoajuda, pertencente à modalidade patêmica, retirado do *site O Pensador*. Onde vamos observar como recorre-se às emoções do interlocutor, objetivando sua adesão.

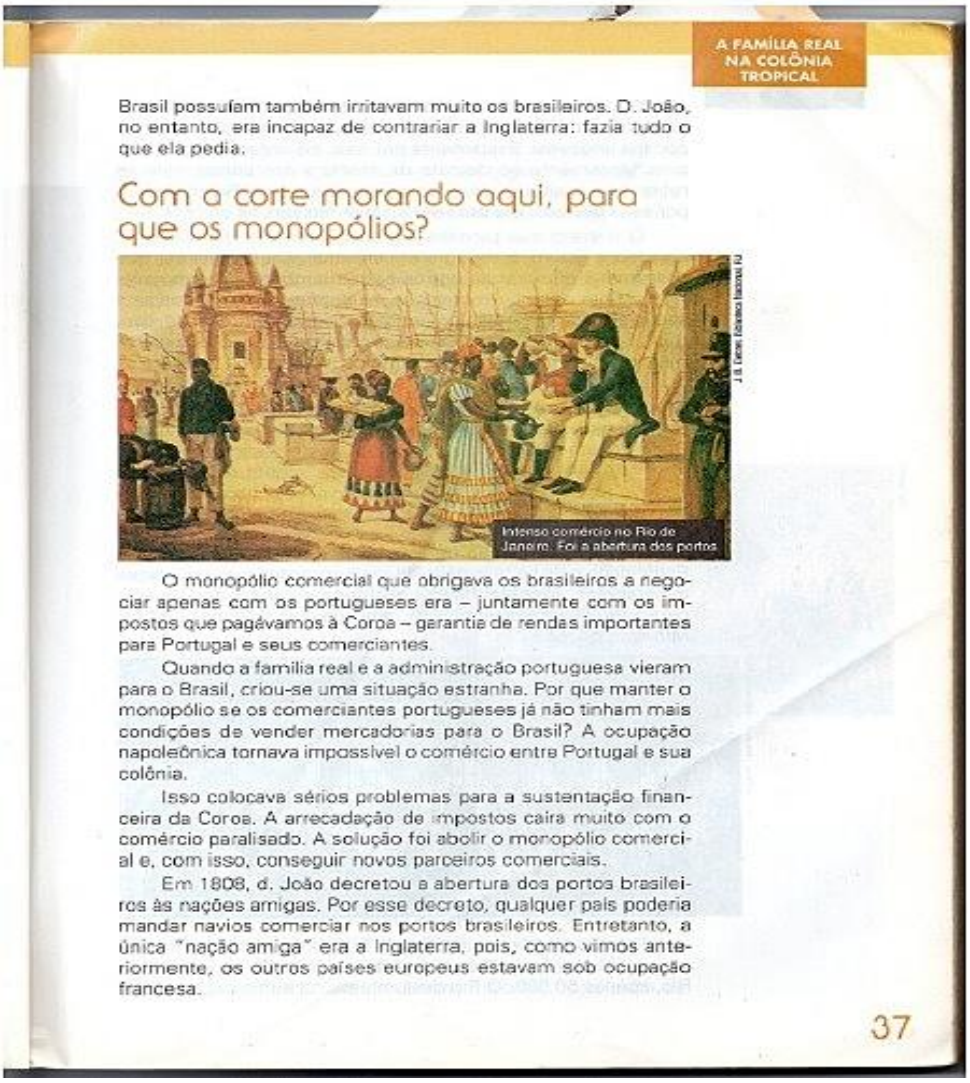
Figura 2 – Texto de autoajuda

Fonte: https://www.pensador.com/frase/MTgzODQ4NA/ . Acesso em: 11 jun. 2023

- **Modalidade pedagógica**: "Uma instância de locução em posição superior transmite um saber e leva à reflexão um auditório que ocupa um lugar de aprendiz, pelas vias do diálogo ou da troca verbal sob a forma monogerada." (AMOSSY, 2008, p. 234) Exemplos de gêneros que abrangem a modalidade pedagógica são: **o manual escolar, a literatura infantil, romance de tese, alguns tipos de cursos fundados sobre interação, aulas etc.**

Como exemplo da modalidade pedagógica, vejamos uma página de livro didático, que tem como objetivo principal instruir o interlocutor:

Figura 3 – Livro didático



A FAMÍLIA REAL NA COLÔNIA TROPICAL

Brasil possuíam também irritavam muito os brasileiros. D. João, no entanto, era incapaz de contrariar a Inglaterra: fazia tudo o que ela pedia.

Com a corte morando aqui, para que os monopólios?

Intenso comércio no Rio de Janeiro. Foi a abertura dos portos

O monopólio comercial que obrigava os brasileiros a negociar apenas com os portugueses era – juntamente com os impostos que pagávamos à Coroa – garantia de rendas importantes para Portugal e seus comerciantes.

Quando a família real e a administração portuguesa vieram para o Brasil, criou-se uma situação estranha. Por que manter o monopólio se os comerciantes portugueses já não tinham mais condições de vender mercadorias para o Brasil? A ocupação napoleônica tornava impossível o comércio entre Portugal e sua colônia.

Isso colocava sérios problemas para a sustentação financeira da Coroa. A arrecadação de impostos caía muito com o comércio paralisado. A solução foi abolir o monopólio comercial e, com isso, conseguir novos parceiros comerciais.

Em 1808, d. João decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Por esse decreto, qualquer país poderia mandar navios comerciar nos portos brasileiros. Entretanto, a única "nação amiga" era a Inglaterra, pois, como vimos anteriormente, os outros países europeus estavam sob ocupação francesa.

37

Fonte: https://www.brasildefatopb.com.br/2020/09/21/o-ensino-de-historia-e-a-representacao-das-mulheres-negras-nos-livros-didaticos . Acesso em: 11 jun. 2023

- **Modalidade de coconstrução:** "Trata-se aqui das interações concretas ao longo das quais os participantes co-coonstroem as respostas para o problema levantado em conjunto." (AMOSSY, 2011, p. 234) Exemplos de gêneros que contemplam a modalidade de coconstrução**: a reunião profissional, a conversação familiar, debates sobre uma questão onde se busca uma solução conjunta etc.**
- **Modalidade negociada:** nessa modalidade temos uma situação de conflito, onde os interlocutores, mesmo com opiniões divergentes, buscam uma solução comum para o problema, chegando, dessa maneira, ao consenso. Exemplos de gêneros que privilegiam a modalidade negociada: **trocas diplomáticas orais e escritas, a conversação familiar que trata de um conflito, negociações comerciais etc**.

- **Modalidade polêmica:** o confronto violento de teses antagônicas que visa conquistar o terceiro, que assiste ou acompanha o debate. Para isso, os lados atacam as teses adversárias e tentam desacreditar o seu oponente. Exemplos de gêneros da modalidade polêmica: **o panfleto, a controvérsia filosófica, debates midiáticos etc.**

A modalidade argumentativa polêmica foi objeto de análise no livro *Apologia da polêmica* (2017) de Ruth Amossy. Nessa obra, a autora aborda com mais profundidade a polêmica discursiva em análise do discurso. É observado como a polêmica se instaura no espaço público, para isso, é analisado o corpus de casos concretos, de interações conflituosas. A modalidade em questão será objeto de estudo e reflexões no capítulo seguinte deste trabalho. Amossy (2011) estabelece parâmetros essenciais para a definição das modalidades argumentativas, que seriam:

1. A **estrutura** da interação argumentativa (os papéis desempenhados pelos participantes no dispositivo enunciativo).
2. A **forma** (apaixonada, violenta, racional etc.) pela qual a ação persuasiva vai ser construída.
3. O **modo** como o alocutário é concebido na relação (aluno, oponente, parceiro etc.)

Dessa forma, podemos observar como de diferentes modalidades e categorias de interações, alocutários e modos persuasivos, a argumentação pode manifestar-se no discurso.

2. A POLÊMICA

Esta seção é dedicada a analisar sob a perspectiva de Ruth Amossy, como a polêmica se manifesta nos espaços públicos, em especial nas mídias sociais, *corpus* do nosso trabalho, como conflitos de opinião. Apesar da polêmica ter uma má fama, Amossy reflete acerca do seu funcionamento e suas funções nos espaços democráticos, uma vez que ela pode ser considerada um elemento fundamental da democracia, pois se a polêmica é caracterizada por um choque de ideias antagônicas, elas só podem ser explanadas em ambientes que sejam permitidos a explanação de pontos de vista divergentes, ou seja, espaços democráticos.

O momento em que vivemos é repleto de conflitos de opiniões e debates acirrados. Esses choques de pontos de vista antagônicos mediante um assunto, frequentemente tornam-se polêmicos, e ganham uma proporção maior na *internet*, por meio, sobretudo, das redes sociais. Acrescido a esse cenário, temos as mídias que possuem um importante papel na implantação e difusão de polêmicas de assuntos diversos que são do interesse público. Amossy (2017) questiona a presença constante da polêmica nas sociedades democráticas e plurais:

> Se a polêmica não apresenta nenhuma vantagem, se merece apenas ser vilipendiada e banida, por que ela invade, de forma tão persistente, o espaço público? Se ela é tão depreciada, como ocupa uma posição privilegiada nas mídias das quais se nutre a opinião? Há uma contradição flagrante entre o desdém que se atribui a ela o lugar que lhe é conferido no espaço público: entre a condenação que a atinge em teoria e o vivo interesse que ela não para de suscitar na prática. (AMOSSY, 2017a, p.8).

A proposta da autora e a que nos propomos neste trabalho é de pesquisar a natureza dos debates polêmicos ocorridos em nossa sociedade plural e democrática. Para isso, Amossy investiga as funções e o funcionamento da polêmica nos espaços públicos e democráticos. Sobre o funcionamento, ela afirma que "[...] para compreender o papel que a polêmica pode desempenhar, é importante ver *in loco*, isto é, em casos concretos, como a polêmica se constrói discursivamente e modela a comunicação." (AMOSSY, 2017a, p. 9)

Dessa forma, a teórica defende que somente analisando em exemplos concretos da atualidade, pode-se chegar às funções da polêmica no ambiente democrático. Para uma análise mais precisa desses confrontos verbais polêmicos, Amossy sustenta que a posição do pesquisador deve ser neutra diante da polêmica a ser analisada. "[...] se o analista tomasse a precaução de não se transformar, ele próprio, em polemista: ele deve estudar

as controvérsias públicas sem tomar partido por uma ou outra causa." (AMOSSY, 2017a, p.11).

Para este capítulo, preferimos fazer um recorte teórico da abordagem argumentativa proposta por Ruth Amossy, concentrando nosso foco na modalidade argumentativa polêmica. Sendo assim, vamos delinear o funcionamento verbal do discurso polêmico, refletir sobre sua inscrição no debate público, examinando a sua relação com as redes sociais, em especial o *Instagram*. Além de abordar os traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica, que são eles: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro.

2.1 A polêmica como modalidade argumentativa

Antes de trazer a definição de polêmica como modalidade argumentativa, faz-se necessário destacar que a polêmica aqui estudada e a qual Ruth Amossy investiga, trata do fenômeno verbal que gira em torno dos problemas sociais que são de interesse público, tais como: o aborto, o casamento homoafetivo, a redução da maioridade penal, a descriminalização das drogas, entre outros. Surge a inquietação sobre como, ao mesmo tempo em que se condena o tratamento polêmico dessas questões sociais, não se deixa de discutir sobre elas.

Amossy (2017b) defende que a confluência entre análise do discurso e argumentação retórica consiga dar conta do funcionamento verbal do discurso polêmico e suas funções. Na análise do discurso, vai ser privilegiado o contexto em que a fala está inserida, as coerções sociais, institucionais, culturais que modelam o enunciado. Na argumentação retórica, por sua vez, o foco está nas estratégias verbais que vão permitir com que o sujeito controle seu *logos*, buscando a adesão do auditório, ou seja, se concentrando no jogo persuasivo. Mas ambas as teorias estão a nível de discurso, voltadas para o uso que os sujeitos fazem da língua.

> Ambos se interrogam pela maneira pela qual diferentes práticas discursivas permitem gerir as relações humanas e os interesses públicos. A esse respeito, a questão que se coloca é: como esses interesses podem ser gerenciados pelo exercício de uma palavra desmedida, cuja etimologia (polemos) a torna semelhante a uma guerra verbal? (AMOSSY, 2017b, p.229, 230).

A argumentação retórica, que tem suas origens na retórica clássica aristotélica, busca o acordo como um meio necessário para o bom funcionamento da democracia. O consenso nas sociedades democráticas é um objetivo desejado, que é alcançado quando há um acordo ou uma maioria ampla sobre determinada questão, em que os diferentes

grupos conseguem encontrar um ponto comum e concordar em uma determinada direção. Existem várias formas de buscar o consenso em sociedades democráticas. Algumas estratégias comuns incluem:

- Diálogo e negociação: É essencial promover o diálogo aberto e construtivo entre os diferentes grupos e indivíduos. Através da troca de ideias, argumentos e perspectivas, é possível buscar pontos de convergência e chegar a um consenso.
- Processos democráticos: As sociedades democráticas possuem mecanismos institucionais para tomar decisões coletivas. Isso inclui eleições, debates parlamentares, audiências públicas e consultas populares. Esses processos democráticos visam garantir a participação de todos e buscar o consenso por meio de votações e tomadas de decisão.
- Mediação e arbitragem: Em situações de conflito mais intensas, pode ser necessário recorrer a mecanismos de mediação ou arbitragem. Terceiras partes imparciais podem ajudar a facilitar a negociação e a encontrar soluções aceitáveis para todas as partes envolvidas.

Vamos destacar a deliberação, que se trata de um processo essencial nas sociedades democráticas, que envolve a discussão e a análise cuidadosa de diferentes perspectivas e argumentos antes de tomar uma decisão coletiva. É uma forma de tomada de decisão que busca envolver os cidadãos, promover o diálogo e a troca de ideias, e garantir que as decisões sejam baseadas em um amplo espectro de opiniões. A deliberação é um elemento constituinte da retórica clássica.

> Aristóteles situa o deliberativo ao lado do jurídico (a cena do tribunal) e do epidítico (o cerimonial). Para ele, a deliberação voltada para o futuro, permite buscar o caminho a seguir nos assuntos públicos ao discutir opções alternativas disponíveis para os cidadãos da *polis*. (AMOSSY, 2017a, p.19).

No entanto, é importante reconhecer que nem todas as questões serão resolvidas por consenso absoluto. Em uma sociedade plural, é natural que existam discordâncias e que diferentes opiniões coexistam. A retórica considera o debate com uma pluralidade de opiniões, válido, desde que se chegue a uma resposta comum. “Sem dúvida, a divergência de opiniões e a discussão contraditória surgem como necessárias. Entretanto, elas são consideradas uma etapa, um estágio a ser superado.” (AMOSSY, 2017a, p.18).

Em uma sociedade democrática, diferentes grupos e indivíduos têm pontos de vista, interesses e valores diversos. Essa diversidade é uma das características fundamentais de uma democracia saudável, pois permite a livre expressão e a participação

cidadã. Sendo assim, essa diversidade também pode gerar conflitos e divergências de opinião. Temos então o dissenso, que está ligado à polêmica pública, que é quando não há acordo diante de opiniões contrárias. "Dissensão está, então, relacionada a uma discordância, como uma profunda, até mesmo violenta, diferença de opiniões." (AMOSSY, 2017a, p.18).

Perelman recupera postulados da retórica clássica aristotélica em sua obra *Tratado da argumentação: a nova retórica*, e os reformula. Entre eles, o teórico reconhecia que por meio das técnicas discursivas era possível a adesão dos espíritos às teses, conceituando assim, a argumentação. Além disso, o discurso compreendido como interação, supõe uma comunicação entre pelo menos dois sujeitos que buscam uma solução comum e plausível para determinado problema. Mais uma vez, o acordo prevalece no âmbito argumentativo e discursivo.

> Devemos notar que o acordo recebe um lugar privilegiado para Perelman, na medida em que se torna a pedra de toque da racionalidade. Na verdade, é o acordo dos espíritos sobre o que parece aceitável que funda na razão um posicionamento ou uma opinião. Nessa perspectiva, a busca pelo consenso compreende questões ao mesmo tempo filosóficas e sociais. (AMOSSY, 2017a, p. 22).

As teorias da argumentação que sucederam à nova retórica continuaram com a perspectiva de estabelecer o consenso como objetivo da busca, privilegiando o *logos*. Devemos ressaltar que o *logos* retórico está no domínio do razoável. "Na ausência de uma verdade cientificamente demonstrável que não existe nas relações humanas, é preciso, com efeito, que a maioria consiga concordar sobre uma solução que lhe pareça aceitável. Trata-se então do domínio do razoável." (AMOSSY, 2017b, p.230).

Dessa forma, as trocas verbais com opiniões divergentes sobre um problema comum devem chegar a um consenso. A preferência pelo consenso, leva o dissenso, e, consequentemente, a polêmica à inúmeras críticas e ao descrédito. Para muitos, "a polêmica é coercitiva e estéril, não chegando a uma solução, não participando da argumentação raciocinada em busca de concordância." (AMOSSY, 2017b, p. 231). Essa noção simplista e negativa sobre a polêmica não permite uma discussão mais profícua do discurso polêmico e suas funções.

Nos assentamos nos pressupostos de Amossy (2017a, 2017b, 2020), no que diz respeito que a polêmica verbal está inserida no âmbito da argumentação, sendo uma modalidade argumentativa, bem como "a questão das funções da polêmica na democracia não é estranha à análise do discurso, que examina o discurso no entrecruzamento do

formal com o social, em suas determinações sociais, institucionais e políticas." (AMOSSY, 2017b, p.231). Portanto, não há como ignorar o fato de que o dissenso é um elemento essencial nas democracias pluralistas, pois as diferenças nos argumentos, nos discursos sobre diversas questões sociais tornam os debates democráticos.

A relação entre polêmica e democracia é complexa e multifacetada. Em uma sociedade democrática, a polêmica desempenha um papel fundamental, pois permite a expressão de diferentes opiniões, o debate aberto e a participação ativa dos cidadãos na tomada de decisões.

> Em sociedades democráticas pluralistas, nas quais a liberdade de expressão é tomada como princípio e é constantemente reivindicada em casos de profundas dissonâncias de opiniões, o dissenso9 se manifesta abertamente, deixando entrever projetos de sociedade que são inconciliáveis. (MACEDO, 2018, p. 53)

A democracia é baseada no princípio da liberdade de expressão, que inclui o direito de expressar opiniões controversas e desafiar ideias estabelecidas. "É na democracia que floresce a contradição, base da retórica. As relações sociais estão sempre fundadas na heterogeneidade e a democracia é o respeito ao dissenso." (FIORIN, 2014, p. 65). A polêmica, nesse contexto, é uma forma saudável e necessária de exercer essa liberdade, permitindo que diferentes visões sejam ouvidas e debatidas.

Amossy (2017a) menciona que podemos apreender sobre a noção de polêmica, basicamente por três fontes, que seriam os dicionários, o discurso corrente e os conceitos científicos. Sobre as definições de dicionário, Kerbrat-Orecchioni (1980) declara que o termo polêmica foi inserido no *Dictionnaire de l'Académie française* em 1718, e ao longo dos séculos pouco foi acrescentado à denominação de "debate vivo ou agressivo" aos dicionários de língua francesa. No *Dictionnaire universel François et latin, vulgairement appelé Dictionnaire de Trévoux* (1771) o nome polêmica vem do grego *polemos*, que quer dizer guerra "(...) uma polêmica é uma guerra metafórica, uma "guerra de caneta", para retomar uma perífrase muitas vezes mencionada como equivalente, mais explícita porque a metáfora é "corrigida", de "polêmica"" (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 2)[2] Sendo assim, a polêmica se assimilaria a uma luta armada, porém, o embate seria o confronto verbal, onde o intuito é vencer o oponente através da palavra.

Como na guerra são utilizadas estratégias militares, no discurso polêmico recorre-se a violência verbal para se alcançar a morte simbólica do outro, e vencer o debate. "A

[2] . No original: "(...) une polémique, c'est une guerre métaphorique, une « guerre de plume », pour reprendre une périphrase souvent mentionnée comme l'équivalent, plus explicite puisque la métaphore s'y trouve « corrigée », de « polémique »"

etimologia permite, então, apreender, à primeira vista, toda a negatividade que se inscreve na degradação do diálogo em combate. Ela explica as conotações pejorativas ligadas ao termo *polêmica*." (AMOSSY, 2017a, p.44) Pela própria origem da palavra e o uso dela em contextos passionais marcados pela violência verbal, a polêmica é considerada um discurso de dissenso e desprovido de argumentatividade.

Um movimento surgiu em 1980 e se estende aos dias atuais nas ciências da linguagem e nos estudos sobre a argumentação, que é o de buscar uma definição do fenômeno polêmica. Porém, a referência de definição da polêmica adotada neste trabalho é a defendida por Ruth Amossy, que compreende a polêmica como uma modalidade argumentativa. O conceito de Amossy é ancorado em dois pontos principais: a polêmica precisa partir de um debate em redor de uma questão de domínio público e que seja atual. "A polêmica é, portanto, um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura." (AMOSSY, 2017a, p.49).

Cabe ainda estabelecer uma diferença entre o discurso polêmico e a interação polêmica. Ambos são as intervenções constitutivas que a polêmica pode assumir. O discurso polêmico é a produção de apenas uma parte envolvida. Ele é dialógico, pois em seu discurso há a presença de outros discursos, mas não é dialogal, uma vez que não há interação direta com o seu Oponente. A interação polêmica temos como definição:

> (...) é uma interação face a face ou uma interação assíncrona. Ela implica que dois ou mais adversários se engajem em uma discussão falada ou escrita, em que um tenta levar a melhor sobre o outro. O discurso é aqui inteiramente dialogal. Podemos pensar no debate televisivo, nas cartas abertas, nas interações dentro dos fóruns de discussão na internet... É, repetimos, o conjunto dos discursos e das interações que circulam em um espaço público que constrói a polêmica. (AMOSSY, 2017, p.72).

Com o conceito definido de polêmica, abordaremos agora como se estabelece a relação das redes sociais e a polêmica argumentativa, uma vez que a análise da materialidade da linguagem do nosso trabalho são exemplos concretos retirados da rede social *Instagram*. Vamos ainda explorar os três traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro.

2.2 Traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica.

O discurso polêmico se constitui na atividade em trazer argumentos a favor de sua tese e contra a tese adversa. A base da modalidade argumentativa polêmica é a confrontação de dois discursos antagônicos. "A polêmica seria, então, a manifestação

discursiva sob forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público." (AMOSSY, 2017, p 53).

Trata-se de uma interação argumentativa que perpassa gêneros e discursos. Amossy (2017) sistematiza a modalidade argumentativa polêmica, caracterizando sua estrutura, que tem como base a relação conflitual e define os traços que dão a polêmica a condição de uma modalidade argumentativa: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro.

2.2.1 Dicotomização

A dissensão é o centro da polêmica. Ela é definida como um choque de opiniões antagônicas em torno de um assunto de interesse público. Esse choque de opiniões contrárias constitui o primeiro traço da polêmica, "(...) a *dicotomização* na qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente." (AMOSSY, 2017, p.53). Essa definição nos leva a uma importante conclusão acerca das dicotomias: se elas se constituem a partir de polos opostos que se excluem, logo, não há possibilidade de um acordo ou a busca de uma alternativa intermediária entre elas.

> Construir as oposições como dicotomias, ou seja, como pares de noções excludentes uma da outra, sem possibilidade de compromisso, consiste em bloquear toda possibilidade de solução e aprisionar as partes em um face a face em que cada uma defende posições inconciliáveis. (AMOSSY, 2017, p.54).

Essa impossibilidade de acordo caracteriza a polêmica como uma modalidade argumentativa do inconciliável. A "dicotomia" é um termo que se refere a uma divisão ou distinção entre duas coisas contrastantes ou opostas. Essa palavra é frequentemente usada para descrever uma situação em que há duas categorias ou ideias claramente diferentes e separadas. Podemos observar que as dicotomias não são oposições absolutas, mas estão diretamente relacionadas ao seu contexto sócio histórico, crenças e culturas. Algumas delas, podemos citar: esquerda/direita, igualdade/desigualdade, justiça/injustiça, entre outros.

> É um choque de duas posições que se excluem mutuamente, como sobre política, sobre religião, sobre futebol, dentre outras. Não existe possibilidade de um acordo a ser firmado, pois se formam oposições (direita/esquerda; progressista/conservador e assim por diante). (CAVALCANTE et al, 2022, p. 126).

Ainda segundo Amossy (2017), vão ser nas interações *in loco* que seremos capazes de observar essa dicotomização, onde o modo polêmico situa os participantes em polos distintos e opostos, tornando o debate radical e difícil de se chegar a um consenso. "(...) *a polêmica que trata de questões de interesse público é uma gestão verbal do*

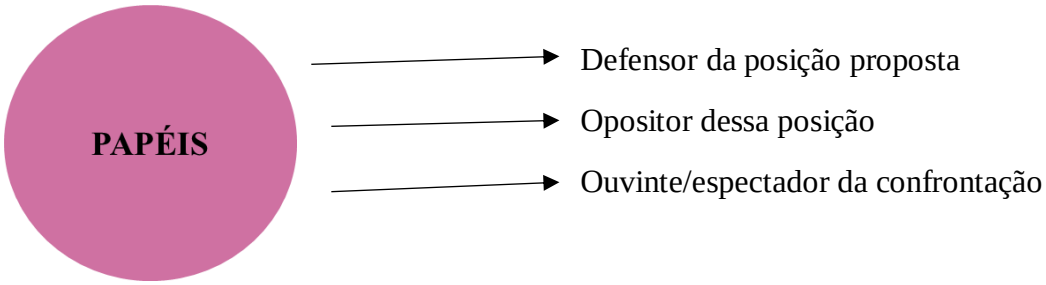
conflitual, caracterizada por uma tendência à dicotomização, que torna problemática a busca por um acordo." (AMOSSY, 2017, p.55). Essa distinção de ideias antagônicas será responsável pela constituição do segundo marco da polêmica, a polarização social.

2.2.2 Polarização social

O debate se estabelece por meio de duas posições contrárias de uma ideia (dicotomização) e se concretiza nos atores, os indivíduos que ocupam essas posições opostas no discurso. Logo, há um movimento que parte do plano das ideias, do abstrato, e se direciona para os sujeitos que as defendem, formando grupos de acordo com as posições defendidas no debate. A polarização se constitui a partir da mobilização de vozes que se agrupam nos dois conjuntos antagônicos. Os sujeitos defendem uma tese (a favor) em oposição aos que refutam essa tese (contra) frente a uma polêmica pública. "(...) essas vozes concretas são tomadas numa orquestração que acaba por estabelecer dois conjuntos diametralmente opostos." (AMOSSY, 2017, p.56).

Amossy (2017) faz uma distinção entre atores e actantes, no sentido de que os atores são os sujeitos que desempenham os papéis dos actantes em uma determinada estrutura "(...) que envolve um Proponente e um Oponente em face de um Terceiro. Não se trata aqui de pessoas, mas de papéis: defensor da posição proposta, opositor dessa posição, ouvinte-espectador da confrontação." (AMOSSY, 2017, p.56). A polarização mobiliza os sujeitos e os reagrupam em diversos campos de natureza social, pois se trata de papéis distintos, onde o Proponente pode não pertencer ao mesmo grupo social do Oponente, utilizam argumentos diferentes e eles defendem ideologias distintas.

Esquema – Papéis da estrutura actancial



Para Amossy (2017) a polarização é de ordem social, pois a posição defendida pelo debatedor é um fenômeno de identidade. A tese defendida está intimamente relacionada à sua visão de mundo, ao seu conjunto de crenças e valores, ao seu pertencimento a um determinado grupo. Dessa forma, vamos demonstrar em um exemplo

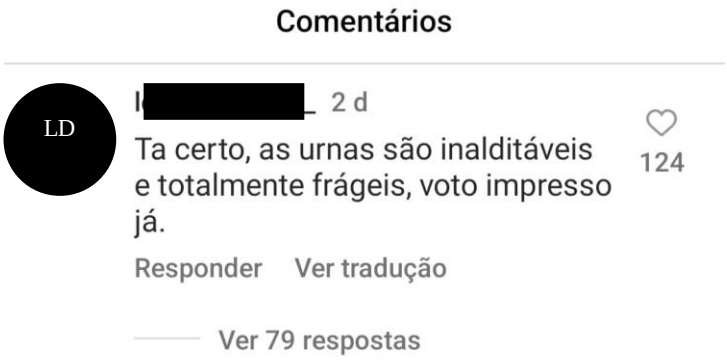
concreto a formação de grupos polarizados a partir da interação de comentários no *Instagram*, na página *g1*. A postagem foi publicada em 24 de agosto de 2023, e consiste numa nota jornalística cuja manchete é “Bolsonaro admite ter pedido para empresário disparar texto questionando urnas.” onde um internauta que concorda com a posição do ex-presidente Jair Bolsonaro em relação à segurança das urnas eletrônicas utilizadas nas eleições.

Figura 4 – Postagem do jornal *g1* no *Instagram*

Fonte: https://www.instagram.com/p/CwSliCaOmAh/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==. Acesso em: 24 ago. 2023

Vamos destacar um comentário da postagem que no momento da captura de tela tinha 124 curtidas e 79 respostas. O comentário concorda com a posição do ex-presidente ao questionar a eficácia das urnas e defender o voto impresso. Por ir de acordo com a opinião do Jair Bolsonaro, os outros internautas respondem o seu comentário e podemos observar a polarização instaurada, onde os interactantes já identificam o internauta LD como um seguidor do ex-presidente.

Figura 5 – Comentário da notícia “Bolsonaro admite ter pedido para empresário disparar texto questionando urnas.”



Fonte: https://www.instagram.com/p/CwSliCaOmAh/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==. Acesso em: 24 ago. 2023

Figura 6 – Compilado de respostas do comentário da Figura 10

Fonte: https://www.instagram.com/p/CwSliCaOmAh/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==. Acesso em: 24 ago. 2023

O internauta 01 o identifica como simpatizante do grupo bolsonarista, ao se referir a este como "boizinho desmamado". Assim como o internauta 02 chama o mesmo de "gado". Essas referências estão relacionadas aos seguidores bolsonaristas que são denominados pela expressão "gado", utilizada para se referir aos eleitores do então candidato Jair Bolsonaro em 2018, ano das eleições e ganhou popularidade, sendo bastante utilizado ainda. Ao compará-los com gado, sempre seguindo e defendendo Bolsonaro não importa as atitudes tomadas por ele.

O internauta 03 se refere ao Oponente como "eleitores de Bozo", também fazendo referência ao Jair Bolsonaro, pois o termo "Bozo" vem sendo constantemente relacionado a pessoa do ex-presidente. O internauta 05 situa o internauta LD em um grupo que ele denomina de "bando de perdedores", que seria o grupo de pessoas que apoiaram o Bolsonaro nas eleições de 2022. Podemos perceber que uma polêmica atualizada nas redes sociais, onde há um espaço para comentários abertos ao público, torna-se explícita a polarização social, quando a partir de um comentário que o internauta faça, os interactantes logo identificam a qual grupo ele pertence. Percebemos também mediante as respostas no comentário do internauta LD, que essa identificação vem acompanhada de apresentar esse grupo de maneira pejorativa ao outro, pois se trata de um grupo inimigo no debate.

> Em suma, a retórica da polarização consiste em estabelecer campos inimigos e é, portanto, um fenômeno social, e não uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis. Trata-se de aderir a um grupo constitutivo de uma identidade ou de apresentar as coisas de modo a aqueles que se sentem, de início, solidários a um dado grupo mobilizem-se em favor da tese que o reforça. (AMOSSY, 2017, p. 56, 57).

Nesse exemplo, a polarização sustentou a identidade de dois grupos (direita/esquerda) que veio se consolidando ao longo das eleições presidenciais no país (2014 – 2022). A última eleição presidencial em específico, que será o foco da análise deste trabalho, mobilizou dois grupos político-partidários: os bolsonaristas, grupo simpatizante do movimento de direita, e os lulistas, grupo simpatizante do movimento esquerdista da política brasileira. Segundo Amossy (2017), a polarização trabalha com divisões pré-estabelecidas, como também reorganiza grupos.

> Se a polarização vem algumas vezes sustentar identidades pré-formadas (ela pode estabelecer-se sobre uma divisão direita/esquerda, laicos/religiosos, antidiscriminação/tradicionalista cheios de preconceitos...), ela não segue necessariamente linhas de divisão preexistentes e pode reconfigurar os grupos em torno de bandeiras que clamam ao agrupamento. (AMOSSY, 2017, p.57).

Devido a essa questão identitária, a polarização torna-se difícil de chegar a um acordo. O vínculo a um determinado grupo não se trata de uma mera escolha, mas de um processo de pertencimento ao grupo em questão. “A partir daí, a distância entre o actante (o papel) e o ator (indivíduo que o assume) parece, tanto quanto a possibilidade de uma “desdicotomização”, determinar a capacidade de a polêmica resolver o impasse.” (AMOSSY, 2017, p. 58) Logo, a interação não ocorre visando um acordo, pois Proponente e Oponente não tem a projeção de renunciar ao seu ponto de vista. O debate ocorre visando alcançar a opinião do Terceiro, o espectador que observa o debate.

> (...) na polêmica, as possibilidades de se chegar a um acordo são impossíveis, ou seja, proponente e Oponente nunca abrirão mão de seus posicionamentos. E é por essa razão que, cientes de que não estão interagindo para serem persuadidos, nem chegarem a um consenso, os atores sociais destinam seus fazeres estratégicos à reafirmação de seus pontos de vista e às tentativas de persuadir o Terceiro, de levá-lo a aderir a um dos lados do debate, fortalecendo, dessa forma, a polarização. (CAVALCANTE et al, 2020, p.51).

A maneira como os actantes interagem no discurso polêmico, muitas vezes atacam não apenas a tese defendida pelo seu adversário, como a pessoa do seu Oponente. Nesse momento, emerge o terceiro traço definitório da polêmica, a desqualificação do outro. Veremos no tópico subsequente do capítulo como essa característica presente nas interações dos actantes é uma estratégia discursiva para depreciar o outro, anular seus argumentos e obter a adesão do Terceiro para o seu lado no discurso.

2.2.3 Desqualificação do outro

O terceiro elemento caracterizador da modalidade argumentativa polêmica segundo Amossy (2017) é a desqualificação do outro. Como vimos na polarização social, os grupos são formados de acordo com suas ideologias e posições antagônicas, e passam a concorrer entre si no debate. Nesse momento, a polarização passa a atacar a palavra do seu adversário, através da demonstração de que o discurso dele não merece credibilidade.

> É por isso que a polarização utiliza, de bom grado, manobras de difamação (o inglês emprega o termo *vilification*). Trata-se de uma estratégia retórica para desacreditar o adversário, definindo-o como um defensor de um ponto de vista caracterizado por sua má-fé (*não autêntico*) e suas más intenções (*mal-intencionado*) (Vanderford, 1989, p. 166; tradução da autora). Não nos impressionamos, portanto, em ver que a exacerbação de oposições (a dicotomização) se concretiza, *in loco*, numa divisão em grupos antagônicos, em que cada um afirma sua identidade social opondo-se e fazendo do outro o símbolo do erro e do mal. (AMOSSY, 2017, p. 58).

Kerbrat-Orecchioni em seu trabalho “O discurso polêmico” (1980) corrobora com à perspectiva de Amossy ao colocar a desqualificação do outro para o centro da

modalidade argumentativa polêmica. Segundo a autora, "Polemizar é tentar falsificar (no sentido lógico deste termo, mas também muitas vezes, voltaremos a ele, no seu sentido comum) as palavras do outro" (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.6)[3]. A polêmica não seria apenas uma modalidade argumentativa que gere conflitos, mas que tem como objetivo desacreditar o seu Oponente e a tese que ele sustenta.

> O procedimento mais atenuado consiste em atacar a palavra do outro, tendo ele como alvo apenas por meio dela. O Oponente refuta, assim, as razões do adversário, mostrando que seu discurso é indigno de confiança e não merece que o apoie. A polêmica responde, então, ao discurso adverso, enfraquecendo-lhe os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação dos propósitos. (AMOSSY, 2017, p.9).

Além de desqualificar a tese e o adversário, existe o objetivo de influenciar a opinião do Terceiro, que assiste ao debate, trazendo o mesmo para o seu lado. O descrédito lançado sobre o outro pelo Proponente fará uso do argumento *ad hominem*, o qual vamos analisar sob a perspectiva dos estudos empreendidos por Fiorin (2015). O argumento *ad hominem* é uma fala na qual se ataca a pessoa que apresenta um argumento no lugar de refutar ou discutir a validade de seu argumento na mesma ocasião. Em outras palavras, em vez de abordar diretamente o conteúdo do argumento, ele desqualifica ou critica a pessoa que o apresenta, com a intenção de desacreditar sua posição ou apostar em sua credibilidade. "Essa forma de resposta dirige-se à audiência e não ao oponente. Ela busca silenciá-la, ao pôr em dúvida sua confiabilidade. Nesse argumento, confrontam-se a pessoa com seus discursos ou atos." (FIORIN, 2022, p.180).

O termo "*ad hominem*" vem do latim e significa argumento dirigido à pessoa. Este tipo de argumento é uma tática comum utilizada em debates e discussões para desviar a atenção do tema real e debilitar a posição do oponente sem abordar os méritos reais de seu argumento. O argumento *ad hominem* é considerado um paralogismo (argumento falacioso), muito utilizado no discurso polêmico. Dessa forma, o polemista visa a pessoa do seu adversário, "atacando-o", colocando em questão sua competência, confiabilidade, integridade, entre outros atributos.

O argumento *ad hominem* apresenta três variações segundo Fiorin (2022, p.180), são elas: o ataque pessoal direto; o ataque pessoal indireto e a apresentação de contradições entre posições do oponente ou entre suas palavras e ações. O *corpus* do trabalho evidencia a primeira variante, o ataque pessoal direto que "[...] dirige-se a

[3] No original: "Polémiquer, c'est tenter de falsifier (au sens logique de ce terme, mais aussi bien souvent, nous y reviendrons, en son sens ordinaire) la parole de l'autre."

qualquer aspecto da pessoa do argumentador: seu caráter, sua competência, sua honorabilidade. O que se pretende é atingir a ética do oponente, considerando-o desonesto, não íntegro, não digno de confiança." (FIORIN, 2022, p.180).

Vejamos um exemplo de desqualificação do Oponente onde recorreu-se ao argumento *ad hominem*. Para efeitos de contextualização, os trechos que serão analisados fazem parte de uma notícia intitulada "Lula e Bolsonaro se atacam em debate da Globo, e Bonner pede respeito" publicada no site *Estado de Minas* em 29/09/2022. A notícia que foi publicada remete a um dos debates eleitorais realizados pela emissora de televisão *Globo* com os candidatos à presidência do Brasil, na época, o candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Figura 7 – Postagem do jornal *Estado de Minas*

Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/29/interna_politica,1400216/lula-e-bolsonaro-se-atacam-em-debate-da-globo-e-bonner-pede-respeito.shtml Acesso em: 03 ago. 2023

É necessário ressaltar algumas considerações acerca do gênero aqui analisado. O debate eleitoral é um elemento essencial das democracias modernas, especialmente em países com sistemas políticos multipartidários. É um momento em que os candidatos ou representantes de partidos políticos se reúnem para discutir suas propostas, visões e diferenças em relação a questões-chave antes das eleições. Levando em conta as características do gênero debate, podemos dizer que se trata de uma modalidade argumentativa demonstrativa, descrita por Amossy (2008), porque defende um ponto de vista do autor, no caso, os pontos de vista dos candidatos à presidência.

O debate eleitoral possui algumas características, entre elas, o principal objetivo é permitir que os eleitores conheçam melhor os candidatos, suas ideias e planos para a

governança. “Os políticos sempre tiveram necessidade de *visibilidade* (devem ter acesso à cena pública), de *imagem* (devem seduzir) e de *legibilidade* de seu projeto político (devem ser compreendidos).” (CHARAUDEAU, 2018. P. 287).

Além disso, os assuntos discutidos nos debates podem variar dependendo do contexto e das eleições específicas, mas geralmente incluem questões religiosas, políticas externas, questões sociais, educação, saúde, meio ambiente, entre outros. Portanto, o debate deveria ser uma ocasião para a discussão de ideias, planos de governo entre os candidatos, porém, ao longo das campanhas eleitorais, nem sempre esse momento é utilizado para tais fins.

Como o próprio título da notícia sugere, “Lula e Bolsonaro se atacam em debate da Globo, e Bonner pede respeito”, o debate virou em alguns momentos ataques pessoais diretos. Tomando como base os parâmetros para identificação e definição de uma modalidade argumentativa propostos por Amossy (2008), podemos dizer que: a estrutura de troca argumentativa se dá através da distribuição de papéis desempenhados pelos participantes no dispositivo enunciativo, constituindo uma relação de Proponente, Jair Bolsonaro, de Oponente, Luiz Inácio Lula da Silva e de Terceiro, os prováveis leitores.

A maneira pela qual ocorre a tentativa de persuasão, construída face ao interlocutor de forma agressiva, muitas vezes violenta se vale de argumentos *ad hominem*. Os ataques começam após Jair Bolsonaro afirmar que Lula teria criado uma quadrilha quando foi presidente e o candidato atacado rebateu:

> Ele veio falar de quadrilha comigo? Precisa se olhar no espelho e saber o que está acontecendo com ele. A quadrilha da vacina. Se quiser pedir direito de resposta, peça à CPI, e não ao debate. Respeite quem está assistindo, não minta. Comporte-se como presidente da República”, afirmou Lula. (Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/29/interna_politica,1400216/lula-e-bolsonaro-se-atacam-em-debate-da-globo-e-bonner-pede-respeito.shtml. Acesso em: 03 ago. 2023).

O candidato Lula em resposta à acusação de ter formado uma quadrilha durante o seu mandato de presidente, aponta o então presidente Bolsonaro de ter organizado a quadrilha da vacina, fazendo referência às investigações do período de pandemia da COVID-19. Alguns elementos apontam que o então presidente do Brasil teria cometido crime de epidemia, crime contra a saúde pública, crime contra a ordem sanitária e prevaricação.

Além disso, aconselha o candidato à reeleição a se comportar de fato como o presidente da República e a não mentir. Dessa forma, o candidato Lula desqualifica o seu

adversário no debate, ao afirmar que ele mente e não tem postura de presidente. Ao utilizar argumentos *ad hominem* na desqualificação, o principal objetivo é de influenciar o terceiro que não tem voz no debate, mas que vai decidir a eleição, o eleitor.

> O argumento *ad hominem* se dirige ao opositor, mas busca, na verdade, influenciar outra audiência, na perspectiva da *Nova Retórica* de Perelman e Olbrechts-Tyteca, ou o Terceiro, na perspectiva da modalidade polêmica, proposta por Amossy. (CAVALCANTE et al, 2020, p.63).

Em contrapartida, Jair Bolsonaro responde o questionamento da vacina utilizando argumentos *ad hominem* também, ao chamar o candidato Lula de "mentiroso", "ex-presidiário" e "traidor da pátria". Novamente podemos observar o uso do argumento *ad hominem* como uma estratégia para se esquivar e não responder com argumentos consistentes as acusações feitas. Segue um fragmento da resposta do candidato Bolsonaro:

> Traidor da pátria. Que rachadinha? Rachadinha é teus filhos. Roubando milhões de empresas após a tua chegada ao poder. Que CPI é essa da farsa? Que dinheiro de propina? Propina teve (...). Seu governo, por meio de Carlos Gabas, fez muitos nordestinos morrerem de ar. Nada tem contra meu governo. Deixe de mentir. Tome vergonha na cara, Lula!", disse. (Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/29/interna_politica,1400216/lula-e-bolsonaro-se-atacam-em-debate-da-globo-e-bonner-pede-respeito.shtml. Acesso em: 04 ago. 2023).

Os ataques se estendem aos filhos do candidato Lula, ao Bolsonaro mencionar que eles teriam roubado milhões (subentende-se pelo contexto que ele se refere a dinheiro) após a chegada dele à presidência. Sobre a CPI que Lula havia mencionado anteriormente, Bolsonaro se ateve a responder que era uma farsa e rebateu afirmando que no governo do seu adversário houve propina (quantia que se oferece ou paga a alguém para induzi-lo a praticar atos ilícitos; suborno). Nesse quadro, o argumento *ad hominem* visa silenciar o adversário, ao mesmo tempo, Bolsonaro visa atacar Lula e a imagem do político.

> Por isso, o argumento *ad hominem* é uma estratégia de discussão que livra o debatedor de rebater um argumento, muitas vezes procedente. No geral, usa-se esse argumento, quando se está acuado num debate, quando não se tem como responder ao oponente. (FIORIN, 2022, p.182).

Apesar de ser considerado antiético e não ter validade lógica em diversas teorias da argumentação, o argumento *ad hominem* se mostra decisivo em diversas situações de uso, como podemos verificar ao longo da análise do debate. "No entanto, ele é eficaz na discussão, quando não se tem provas consistentes para sustentar um argumento ou elas são muito fracas." (FIORIN, 2022, p. 182). Em um debate eleitoral, quando um candidato não tem como se defender por meio de argumentos lógicos, recorre ao argumento *ad*

hominem, atacando o seu adversário, desqualifica-o com o intuito de alcançar a opinião de quem assiste ao debate, o eleitor.

> Também é forte para replicar um argumento ad hominem usado por outro e funciona como uma estratégia de discussão que livra o debatedor de rebater um argumento muitas vezes procedente, usado quando se está acuado num debate, quando não se tem como responder ao adversário. (CAVALCANTE et al, 2020, p.64).

O extremo da desqualificação do outro seria o uso da violência verbal, quando o Proponente propõe discursivamente uma anulação total do seu adversário. Para isso, ele recorre a estratégias argumentativas como a "diabolização", onde o seu Oponente vai ser apresentado como pertencente ao mal, e, portanto, deveria ser anulado, segundo Amossy (2017) sofrer uma morte simbólica. "(...) a diabolização é uma forma levada ao extremo da polarização, desempenhando, assim como esta, um papel de agrupamento (em torno do Verdadeiro e do Bem) e de divisão (a luta do Bem contra o Mal)." (AMOSSY, 2017, p. 60) Apesar de ser um elemento recorrente na polêmica, Amossy (2017) não considera a violência verbal um traço definitório da mesma, que tem como base o conflito, que não precisa ser necessariamente violento, mas sim haver uma confrontação de posições antagônicas (dicotomização), com tendência à polarização e o intuito de desqualificar o outro.

Na figura a seguir temos um exemplo concreto de um pronunciamento que foi transformado em charge onde encontramos uma tentativa de diabolização por parte do Proponente. Trazemos o conceito de charge em Faria (2014) "A charge é um texto humorístico que trata de algum fato veiculado pelo noticiário, estabelecendo, assim, uma relação intertextual com a notícia." A charge publicada no dia 19 de agosto de 2022 na página do *Instagram* vinculada ao perfil "*Folha de São Paulo*", cuja descrição na publicação é a seguinte: "Charge colorida mostra Deus, nas nuvens, apoiando o rosto na palma da mão, num gesto de desânimo. Uma voz se ergue de lá de baixo, gritando: "É a luta do bem contra o mal!!". Ao que Deus exclama: "meu Deus do céu."

Figura 8 – Charge do jornal *Folha de São Paulo*

Fonte: https://www.instagram.com/p/ChZf1l6PPzp/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==. Acesso em: 03 set. 2023

Como a própria descrição da Charge sinalizou, tem-se na primeira fala um grito, onde o balão está com um formato de explosão, por meio das linhas espalhadas. Já o segundo balão, indica uma fala comum, tendo o seu formato de linha simples, inteira, oval, com ponta direcional simples.

O assunto da charge são as eleições presidenciais do Brasil de 2022. A frase "É a luta do bem contra o mal!!" foi proferida pelo então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, candidato à reeleição. Portanto, trata-se de uma ocorrência intertextual por citação. No dia 09 de julho de 2022, Bolsonaro fez a declaração durante pronunciamento na Marcha para Jesus em São Paulo. O candidato, que defende valores cristãos, a pátria e a família, se intitulou como o Bem e a batalha que fez referência seriam as eleições, cujo principal rival é o candidato de esquerda e ex-presidente, Luís Inácio Lula da Silva, a representatividade do Mal.

> Destacamos ainda o caráter opinativo da charge, que apresenta uma fusão de ideias e de avaliações compartilhadas entre os interlocutores (atores sociais) envolvidos no processo. Em outras palavras, o chargista lança um olhar especial sobre o cotidiano ou sobre o evento noticioso - amplamente divulgado na mídia – e, de forma quase sempre caricatural, constrói outra realidade na qual os dados referenciais passam a ser abordados de forma satírica, crítica, humorística, resultando, consequentemente, um novo texto. (FARIA, 2014, p. 72).

A retomada intertextual com a citação de Bolsonaro foi feita com a intenção de conferir a crítica da charge, de modo que a parte não verbal da charge, na imagem, uma figura representando Deus aparece desanimada, sentada sobre as nuvens, cobrindo parte do rosto com a mão, como se estivesse frustrada ou perplexa. Ele responde à frase "É a luta do bem contra o mal!!" dizendo: "Meu Deus do céu."

A crítica parece apontar para a banalização desse tipo de discurso, geralmente usado para justificar polarizações extremas e conflitos, muitas vezes sem reflexão sobre

nuances e complexidades da realidade. A expressão de Deus sugere cansaço ou desaprovação, reforçando o tom irônico da charge. Para a compreensão do sentido da frase “É a luta do bem contra o mal!!” na charge é necessário que o leitor recupere todos os intertextos, todas as informações acima listadas.

A Linguística Textual, acerca da intertextualidade defende que os diferentes modos como os textos se repetem uns nos outros atuam como vetor para que se engendrem os pontos de vista e sua relação com valores e posicionamentos. “(...) as funções das intertextualidades ultrapassam os limites formais. Acreditamos que elas têm a ver, sim, com a intencionalidade, com a tentativa de influenciar o outro e, por isso, são argumentativas.” (CARVALHO, 2018, p. 84) Por isso, consideramos necessário para a realização deste trabalho apresentar o enquadre teórico dos critérios textuais de intertextualidade e referenciação para a análise argumentativa que nos propomos.

3. INTERAÇÃO POLÊMICA EM CONTEXTO DIGITAL

Esta seção busca reflexão sobre a relação entre a interação em contexto digital e a noção de texto na Linguística Brasileira, realizada nesta pesquisa. Além disso, investigamos como essas características ocorrem nas redes sociais, com foco no Instagram, a plataforma evidenciada em nosso estudo sobre interações discursivas polêmicas nos comentários de notícias publicadas no portal jornalístico G1. Para isso, discutiremos alguns conceitos relevantes para a compreensão da interação no ambiente digital, tais como mídia, rede e multimodalidade.

Neste capítulo, adotamos uma abordagem teórico-descritiva, pois propomos uma reflexão teórica sobre os conceitos considerados, ao mesmo tempo que analisamos aspectos tecnolinguageiros presentes nas interações discursivas polêmicas e seu impacto na construção de sentidos.

O fenômeno da interação é estudado em diversas áreas do conhecimento, como Sociologia, Antropologia, Ciências da Comunicação e Ciências da Linguagem. Nosso recorte teórico se concentrará nas Ciências da Linguagem, fundamentando-se em autores da Linguística Textual Brasileira.

3.1 As mídias digitais

Para a Linguística Textual o texto é um enunciado multimodal completo e se realiza na interação. Na interação em contexto digital é necessário levar em consideração as particularidades tecnolinguageiras de cada mídia. Antes de abordamos sobre a mídia *Instagram*, é fundamental ponderar sobre o que é a mídia no contexto desta pesquisa.

O conceito de mídia em geral refere-se aos meios e tecnologias utilizadas para transmitir informações, ideias e discursos a diferentes públicos. A mídia funciona como um intermediário entre emissores e receptores, influenciando a forma como as mensagens são produzidas, distribuídas e interpretadas. Bonini (2011) discute o conceito de mídia:

> "(...)tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação. Cada mídia, como tecnologia de mediação, pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem." (BONINI, 2011, p. 688)

Dessa forma, cada mídia define como os discursos são organizados, produzidos e recebidos. O rádio, por exemplo, se baseia predominantemente na oralidade e em uma estrutura sequencial de informação, enquanto a internet permite interatividade, hiperlinks e multimodalidade, combinando texto, imagem e som. Essas características influenciam

diretamente a maneira como as mensagens são construídas e interpretadas pelos receptores.

Outro aspecto fundamental é o suporte da mídia, ou seja, o meio físico ou digital onde o discurso se materializa. Bonini (2011, p. 688) afirma que o suporte é o "(...) elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção)." O suporte pode ser um papel impresso, uma tela de computador, um arquivo de áudio ou vídeo, e influencia diretamente na formação do gênero e na experiência do usuário ao acessar o conteúdo.

A mídia não apenas transporta a linguagem, mas também transforma a maneira como nos comunicamos e estruturamos nossos discursos. Ao determinar a forma e a função dos gêneros discursivos, as mídias exercem um papel central na dinâmica da interação linguageira na sociedade.

Tradicionalmente, a mídia era definida como os canais financeiros ou tecnológicos utilizados para divulgar informações em larga escala, pois ela depende tanto de investimentos financeiros (como publicidade e patrocínios) quanto de avanços tecnológicos (como a imprensa, o rádio e a televisão) para operar e alcançar grandes audiências. Isso inclui meios como:

- Mídia impressa: jornais, revistas, panfletos e livros.
- Mídia audiovisual: rádio, televisão e cinema.
- Mídia digital: plataformas online, redes sociais e aplicativos de mensagens.

Sob essa perspectiva, a mídia é entendida como um meio no processo interacional. No entanto, para o nosso trabalho, essa definição se revela limitante, uma vez que consideramos a mídia como um elemento que vai além, influenciando ativamente a construção de sentidos. Assim, alinhamo-nos à visão de Muniz-Lima (2024), ao afirmar que a mídia é um elemento constitutivo e essencial nesse processo de construção de sentidos.

> "(...) não seria suficiente compreender mídia apenas como ferramenta ou como um intermediário da interação, pois ela mesma se constitui parte fundamental do processo de construção de sentidos, disponibilizando ferramentas as mais diversas que se integram às nossas ações linguageiras cotidianas e geram efeitos de sentido na tentativa de influenciar o outro." (MUNIZ-LIMA, 2024, p. 123)

A mídia não deve ser vista apenas como uma ferramenta de comunicação, mas sim como um elemento ativo que participa da construção de sentido. A mídia, ao invés de ser apenas um meio para transmitir mensagens, se constitui como uma parte fundamental do processo de criação de sentido. Ela disponibiliza uma variedade de ferramentas e recursos que se integram nas interações diárias, influenciando como as pessoas se comunicam e interpretam as mensagens.

Essas ferramentas podem ser textos, imagens, sons, vídeos, entre outras formas, que são utilizadas nas ações de linguagem cotidianas. A mídia, assim, não apenas transmite conteúdos, mas também contribui para os efeitos de sentido gerados nas interações, com a intuição de influência nas percepções e ações dos outros.

Com a ascensão das tecnologias digitais, a mídia passou a ser definida pela interatividade, descentralização e multimodalidade. Diferentemente dos meios tradicionais, onde a comunicação era predominantemente unilateral (emissor → receptor), a mídia digital possibilita a participação ativa dos usuários, que agora também são produtores de conteúdo. No caso específico das redes sociais, como o *Instagram*, a mídia se manifesta por meio de várias camadas discursivas que envolvem:

- Textos escritos (legendas, comentários, hashtags);
- Imagens e vídeos (elementos visuais e audiovisuais);
- Elementos interativos (curtidas, compartilhamentos, enquetes, filtros).

A convergência de diferentes formas de comunicação caracteriza a multimodalidade, um aspecto essencial para compreender a construção e interpretação dos discursos na era digital. Nesse contexto, a comunicação não se limita a um único canal, mas combina diversos modos, como texto, som e imagem. Esse aspecto é fundamental para entender como as mensagens são criadas e absorvidas no ambiente digital. Um exemplo claro disso é o meme, que não se restringe ao texto escrito, mas incorpora elementos visuais, referências culturais e a forma como as pessoas interagem com ele.

Na Linguística Textual, a mídia não se restringe apenas aos veículos de comunicação, mas é compreendida como um conjunto de recursos e códigos que estruturam a produção e a circulação de sentidos. Dessa forma, os diferentes meios (impressão, audiovisual, digital) não apenas transportam mensagens, mas também influenciam a forma como os discursos são construídos e interpretados.

Por exemplo, um mesmo discurso pode ter significados diferentes dependendo do suporte midiático: uma notícia veiculada na televisão pode ter um impacto diferente postado em um site ou compartilhado em uma rede social. Podemos ainda afirmar que a mídia não é neutra: ela desempenha um papel ativo na formação de discursos e na construção da realidade social. As escolhas editoriais, os algoritmos das redes sociais e os formatos midiáticos influenciam cujas informações são destacadas e como são percebidas pelo público.

As características da mídia digital afetam a dinâmica das interações. As redes sociais potencializam discursos polêmicos por meio da viralização, do engajamento e da amplificação de certas narrativas, criando novos desafios para a análise linguística e discursiva.

3.2 Redes sociais e a polêmica argumentativa

A princípio trabalharemos na subseção com a noção de rede, rede social, interação e interações virtuais. Para isso, traremos como aporte teórico as contribuições de Recuero (2009); Cavalcante e Muniz Lima (2022). Explanaremos também sobre algumas especificidades da rede social escolhida que compõe o *corpus* do trabalho, o *Instagram*.

Os avanços tecnológicos tiveram um impacto significativo no desenvolvimento e na evolução das redes sociais. A expansão da tecnologia da internet, dispositivos móveis e o aumento da conectividade permitiram o surgimento e o crescimento de plataformas com a finalidade de reunir pessoas no ambiente digital e a interagir entre elas. Rede social é um conceito que vem antes da Internet e refere-se a um conjunto de pessoas e suas conexões. “Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.” (RECUERO, 2009, p. 24).

As conexões estabelecidas pelos atores na rede social são constituídas dos laços sociais, que por sua vez, são gerados por meio das interações sociais entre os atores. As interações virtuais referem-se às maneiras como as pessoas se comunicam e se relacionam online, através de plataformas como redes sociais, fóruns, chats e outros meios digitais. Isso inclui troca de mensagens, comentários, curtidas, compartilhamentos e participação em grupos ou comunidades online, enfim, os rastros sociais que os atores deixam na Internet.

> Essas interações, na Internet, são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali. Um comentário em um *weblog*, por exemplo, permanece ali até que alguém o delete ou o *weblog*

> saia do air. Assim acontece com a maior parte das interações na mediação do computador. Essas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais mesmo distante, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas." (RECUERO, 2009, p.30).

As interações virtuais desempenham um papel importante na construção de relacionamentos, disseminação de informações e no engajamento com interesses comuns. Elas também podem influenciar a forma como as pessoas percebem e se conectam umas com as outras, embora nem sempre substituam as interações presenciais. A interação virtual tem se tornado cada vez mais integrada às nossas vidas, proporcionando maneiras eficientes de se comunicar, colaborar e se engajar em diversas atividades, independentemente da distância física entre os participantes. Ela desempenha um papel importante na globalização da comunicação e na forma como as pessoas se conectam e mantêm informações na era digital.

> A interação é, portanto, aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social. Os autores entendem que a interação atua diretamente sobre a definição da natureza das relações entre aqueles envolvidos no sistema interacional. (RECUERO, 2009, p. 31).

As conversas face a face vem sendo substituídas pelas interações virtuais. Vimos esse movimento se intensificar nos últimos anos, e especificamente no período da pandemia da COVID-19 em 2020, onde foi necessário ser realizado o distanciamento social. As interações virtuais foram amplamente utilizadas para diversos fins, seja para o trabalho, estudos, lazer e conversação. "Nesse cenário, ganham espaço, cada vez maior, os smartphones, com suas multifuncionalidades. A Internet vai na palma da mão, e com ela as possibilidades de interação social." (CABRAL, 2017, p.87).

No primeiro momento, vimos que o mundo virtual tomou posse da palavra e se materializou a partir da escrita. Além do texto, as redes sociais agora suportam uma variedade de mídias, como imagens, vídeos, transmissões ao vivo e realidade aumentada. "No contexto digital, a negociação de sentidos nas interações se dá numa configuração tecnolinguageira, na qual os sistemas semióticos estão atrelados às características, por exemplo, do tipo de mídia envolvido." (CAVALCANTE; MUNIZ-LIMA, 2022, p.11).

Temos então, semioses imagética, sonora e gestual nos processos de construção de sentidos em contexto digital. Vejamos como exemplo, a rede social que compõe o *corpus* deste trabalho, o *Instagram*. O *Instagram* é uma plataforma de mídia digital e social que permite aos usuários compartilhar fotos e vídeos, bem como interagir com outros usuários através de curtidas, comentários e mensagens diretas. Foi lançado em

outubro de 2010 e desde então se tornou uma das redes sociais mais populares em todo o mundo.

Uma característica principal do *Instagram* é o compartilhamento de fotos e vídeos, que podem ser personalizados com filtros e edições antes de serem postados. Os usuários podem seguir outros perfis para ver suas postagens em seu *feed* principal e podem explorar o conteúdo de outros usuários através da aba "Explorar". Além disso, o *Instagram* oferece recursos como:

- *Stories*: Posts temporários que desaparecem após 24 horas. Os usuários podem adicionar fotos, vídeos e texto para criar histórias que oferecem uma visão mais instantânea de suas vidas.
- IGTV: Uma plataforma de vídeo de longa duração no *Instagram*, permitindo que os usuários postem vídeos mais longos do que os tradicionais posts de *feed*.
- *Reels*: Vídeos curtos e criativos semelhantes aos encontrados em outras plataformas populares, como o TikTok.
- Mensagens Diretas: Os usuários podem enviar mensagens privadas para outros usuários, incluindo fotos, vídeos e texto.
- Curtidas e Comentários: Os usuários podem interagir com as mensagens de outras pessoas através de curtidas e comentários, o que promove uma interação social.
- Explorar: Uma seção da plataforma onde os usuários podem descobrir novos conteúdos com base em seus interesses e atividades anteriores.
- Filtros e Edições: O *Instagram* oferece uma variedade de filtros e ferramentas de edição para aprimorar as fotos antes de serem postadas.
- Anúncios e Monetização: A plataforma também é usada por muitas marcas e influenciadores para fins de marketing e monetização, através de parcerias, promoções pagas e anúncios direcionados.

Figura 9 – Captura de tela da interface do jornal g1 no *Instagram*

Fonte: https://instagram.com/portalg1?igshid=MzRlODBiNWFlZA== Acesso em: 13 ago. 2023)

O foco deste trabalho é o jornalismo nas redes sociais, especificamente no *Instagram*. Veremos como uma página de jornal da rede social mencionada noticiam fatos de interesse público, que geram polêmicas a partir dos comentários que repercutem a notícia. "A interatividade é um dos conceitos que mais podemos observar no jornalismo das mídias sociais. A interatividade está no momento em que um ator social comenta a notícia que a organização jornalística posta nos seus perfis oficiais." (FIORINI, 2019, p.61).

As redes sociais permitem interações instantâneas (síncronas), permitindo que as pessoas compartilhem eventos em tempo real, como notícias, atualizações pessoais e transmissões ao vivo. Bem como existem as interações assíncronas, onde a expectativa de resposta não é imediata. No caso da rede social *Instagram*, as interações podem acontecer das duas formas nos comentários de alguma postagem onde os usuários podem responder no comentário do outro. Espera-se que o agente leve algum tempo para responder ao que foi escrito, porém a resposta pode ser imediata. Espera-se que o ator, por não estar presente no momento temporal da interação, possa respondê-la depois.

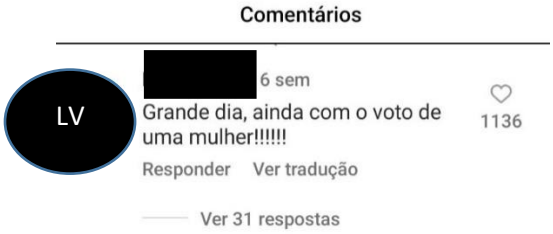
A seguir, veremos como acontece a dinâmica dos comentários na rede social *Instagram*. O exemplo foi retirado da página do jornal g1 da rede citada. A postagem foi publicada em 30 de junho de 2023 e consiste numa nota jornalística cuja manchete é "Com voto de Carmém Lúcia, TSE forma maioria para tornar Bolsonaro inelegível."

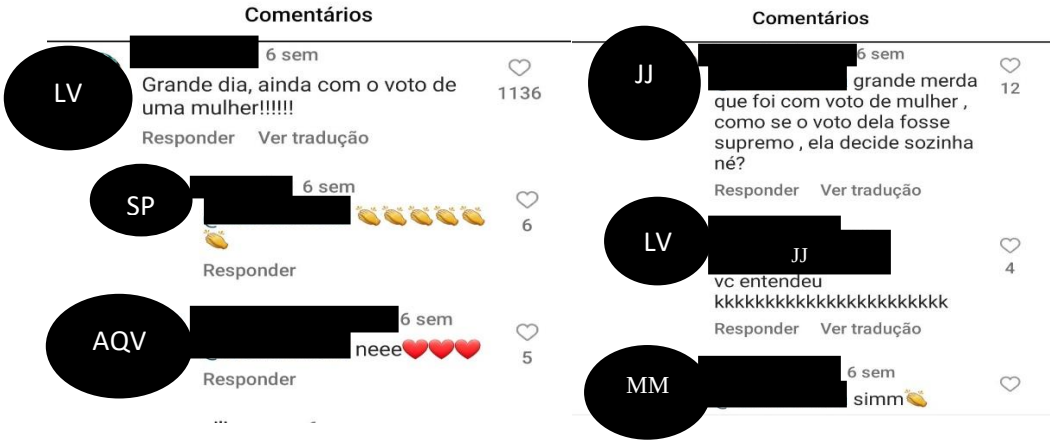
Figura 10 – Postagem do jornal g1 no *Instagram*

Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng== Acesso em: 14 ago. 2023

A notícia de grande relevância política para o nosso país teve repercussão, e quando foi coletada, teve 104.340 curtidas e 9.747 comentários de internautas. Dos comentários publicados nessa postagem, selecionamos 1, que contém 1.136 curtidas e 31 respostas, números que indicam um número considerável de interações. Cavalcante et al (2020, p. 93) considera que o uso das reações e *emojis* tem ganhado cada vez mais destaque em estudos linguísticos devido a sua importância nas interações virtuais, principalmente em relação a posicionamentos discursivos. Estendemos essa consideração de Cavalcante ao número de curtidas e respostas que um comentário na rede social *Instagram* pode ter. Por uma questão ética, as imagens de perfil e os nomes dos internautas serão omitidos e utilizamos as iniciais dos nomes para a identificação de cada usuário em seu respectivo comentário.

Figura 11 – Compilado de comentários do jornal *g1* no *Instagram*





Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng Acesso em: 14 ago. 2023

Como é possível observar, o comentário que selecionamos é do internauta LV onde ele expressa contentamento com o fato noticiado, o ex-presidente Jair Bolsonaro tornou-se inelegível pelo TSE, com o voto de uma mulher, a ministra Carmém Lúcia. As respostas desse comentário, em sua maioria foram concordando com o internauta LV. Porém, destacamos a resposta do internauta JJ, que não concorda com o comentário, pois sustentou uma agressividade em seu comentário.

Dessa forma, as redes sociais são também espaços para dissensão na internet, onde constantemente a polêmica é instaurada, isso se dá principalmente devido à sua natureza da internet de conectar pessoas e permitir a livre expressão. Quando surge uma questão de interesse público, seja por meio de um artigo de opinião, notícia, charge, meme, declarações de alguma personalidade pública, entre outros, os usuários das redes se manifestam por meio de comentários/*twets*. A partir desses comentários pode surgir então as interações verbais conflituosas, muitas delas com violência verbal e a polêmica se atualiza.

> Mídias, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* (as chamadas redes sociais), por exemplo, por facilitarem interações cada vez mais poligeridas e com níveis cada vez mais altos de sincronicidade, têm grande potencial para debates acirrados. (CAVALCANTE, 2020, p.74).

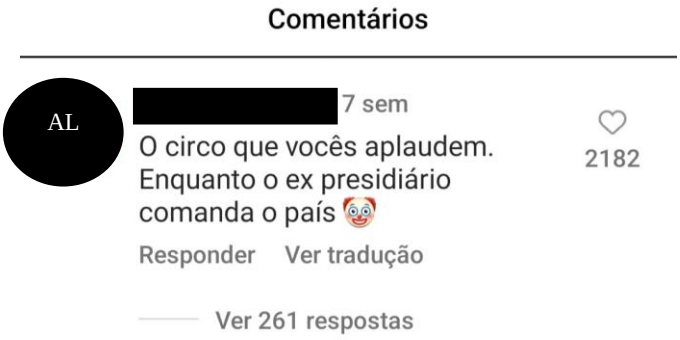
Os debates acirrados, violentos, acontecem com mais frequência nas redes sociais, devido a uma característica em particular da Internet: a capacidade do usuário ser anônimo. Usuários anônimos nas redes sociais referem-se a indivíduos que usam essas plataformas sem revelar sua identidade real ou informações pessoais. Eles podem optar por não divulgar seu nome, foto, localização ou qualquer outro dado que os identifique.

Isso pode ser feito por uma variedade de motivos, incluindo preocupações com a privacidade, medo de assédio, bem como o desejo de expressar opiniões controversas.

> (...) o ambiente digital e a condição de participante de uma discussão, aliados ao fato de os usuários poderem assumir uma identidade fictícia, permanecendo anônimos, lhes chancela a exposição mais espontânea de seus pontos de vista. Nesse contexto, o usuário expõe de forma mais explícita suas opiniões, podendo tornar-se agressivo até. É como se a máquina o protegesse de uma contra agressão direta e ele se sentisse livre para agir mais violentamente. (CABRAL, 2017, p.88).

Vejamos um exemplo concreto de interações conflituosas da rede social *Instagram*. O caso a seguir, refere-se a comentários feitos por usuários que acessaram a página do jornal g1. A notícia que está sendo compartilhada pela página é a mesma da figura 5, que noticia a inelegibilidade de Bolsonaro. Mas iremos destacar um comentário no qual já podemos identificar nessas interações digitais, um primeiro modo de como a polêmica se atualiza, e busca à desqualificação do outro em comentários dos internautas.

Figura 12 – Comentário da notícia "Com voto de Carmém Lúcia, TSE forma maioria para tornar Bolsonaro inelegível."



Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng
Acesso em: 15 ago. 2023

O comentário feito pelo internauta AL, na postagem que noticia a inelegibilidade do ex-presidente Jair Bolsonaro, já é contrário ao comentário que destacamos anteriormente, e a interação com os internautas foi bem maior, como os números revelam: 2.182 curtidas e 261 respostas. Porém, quando vemos a interação estabelecida, grande parte dessas respostas são agressivas e atacam diretamente o internauta AL.

Figura 13 – Respostas ao comentário do internauta AL (figura 07)

Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng Acesso em: 15 ago. 2023

O símbolo @ tornou-se um elemento fundamental na comunicação digital, desempenhando diversas funções em diferentes plataformas. Seu uso mais comum é a marcação de usuários, especialmente em redes sociais como *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e *TikTok*. Ao inserir @ seguido do nome de um usuário, é possível mencioná-lo diretamente, chamando sua atenção e promovendo interação e engajamento.

Como podemos observar nas respostas que selecionamos, muitas são insultos diretos ao internauta AL. O internauta 01 o chama de gado, que no contexto político

brasileiro, o termo faz referência aos eleitores de Jair Bolsonaro. O internauta 05 também o chama de gado, e acrescenta o bolsominion ridícula. O termo bolsominion também faz referência aos simpatizantes de Bolsonaro. O internauta 04 e 02 seguem a linha de natureza agressiva nos comentários, e chamam o internauta AL de "v@g@bunda" e "mizera". Por fim, temos o internauta 03 que ao digitar "Continue LATINDO," compara o internauta AL a um cachorro, o que na nossa cultura, também se trata de um insulto.

Com esse breve exemplo de um caso concreto de instauração da polêmica, podemos demonstrar que a notícia apresentou uma questão polêmica discursiva política do cenário brasileiro e os comentários que a repercutem, atualizam a polêmica, "(...) uma vez que a polêmica só se atualiza quando os atores sociais e os actantes entram em cena." (CAVALCANTE et al, 2020, p.52).

Segundo Amossy (2017), a modalidade argumentativa polêmica tem como principal característica o choque de opiniões antagônicas, como podemos observar a respeito da notícia, onde verificamos internautas que concordam com a inelegibilidade de Bolsonaro e outros não. Os traços definitórios da modalidade argumentativa polêmica, como ela se instaura e se atualiza serão mais bem explanados no restante do capítulo e no capítulo de análise dos casos concretos selecionados para compor o *corpus* deste trabalho.

3.3 Interação em ambiente digital

A interação entre internautas no ambiente digital é um fenômeno complexo que envolve uma vasta gama de formas de comunicação e colaboração, influenciada pela evolução das tecnologias da informação e pela mudança de comportamento social. De maneira geral, a noção de interação nos remete a troca, reciprocidade. No contexto digital, a interação seria a troca de informações através das mensagens entre os usuários. "(...) a interação é tomada a partir de palavras-chave como ação recíproca ou troca entre elementos." (MUNIZ, 2022, p. 15) As interações podem ocorrer em diferentes plataformas, como redes sociais, fóruns, blogs, e-mails, chats, entre outros, e são mediadas por interfaces digitais que transformam as formas tradicionais de comunicação. Alguns aspectos chave dessa interação são:

- **Comunicação assíncrona**: As mensagens não são respondidas imediatamente, como em e-mails, fóruns ou postagens em blogs.
- **Comunicação síncrona**: A comunicação acontece em tempo real, como em chats, redes sociais ou videochamadas.

- **Interações unidimensionais e multidimensionais**: Algumas interações podem ser simples (por exemplo, "curtir" uma postagem) ou mais complexas (como uma discussão em threads ou grupos de debate).

As plataformas de interação no ambiente digital são ferramentas essenciais para a comunicação, colaboração e o compartilhamento de conteúdo entre os usuários. Elas abrangem uma vasta gama de tipos de interação, desde comunicação em tempo real até fóruns de discussão e redes sociais, que são o nosso objeto de estudo, especificamente o *Instagram*.

As redes sociais no ambiente digital são plataformas online que permitem que usuários se conectem, compartilhem conteúdo, troquem mensagens e interajam em tempo real ou de forma assíncrona. Elas têm se tornado cada vez mais integradas ao cotidiano das pessoas, funcionando não apenas como meios de interação social, mas também como ferramentas para marketing, ativismo e construção de comunidades.

Dentre as redes sociais, destacam-se as plataformas *Facebook, Twitter, Instagram, TikTok*, entre outras, permitem a troca de mensagens rápidas, imagens e vídeos, além da formação de comunidades baseadas em interesses comuns. Vejamos algumas especificidades da rede *Instagram*, objeto de estudo desta dissertação.

Instagram

- **Lançamento**: 2010
- **Descrição**: Focada no compartilhamento de imagens e vídeos, o *Instagram* é uma das redes sociais mais visuais. Ele permite que os usuários publiquem fotos e vídeos, compartilhem stories (conteúdos temporários) e interajam por meio de "curtidas", "comentários" e mensagens privadas.
- **Características principais**:
    - Postagens de fotos e vídeos.
    - Stories temporários e Reels (vídeos curtos).
    - Ferramentas de e-commerce e "shoppable posts".
    - Funcionalidades para influenciadores e marcas.

Dentre as diferentes formas de consumo de conteúdos digitais no *Instagram*, destacamos o jornal *online*. Os jornais *online* nas redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação de notícias, na interação com os leitores e na construção de audiência. Com o avanço da tecnologia e a popularização das plataformas digitais, muitas publicações tradicionais passaram a adaptar suas estratégias para essas novas formas de comunicação, aproveitando a interatividade e o alcance das redes sociais.

As principais características dos gêneros jornalísticos digitais são a hipertextualidade, multimidialidade e a interatividade. A hipertextualidade é um conceito fundamental no ambiente digital, especialmente quando se trata de textos produzidos e consumidos na internet. Refere-se à capacidade de um texto de se conectar a outros textos por meio de links, criando uma rede de referências e de caminhos de leitura não lineares. Essa característica é um dos pilares da navegação digital e da leitura na internet, permitindo que o leitor explore conteúdos de forma dinâmica e interativa.

A hipertextualidade é a estrutura que permite que um texto seja interligado a outros textos de forma direta ou indireta, através de hiperlinks (links clicáveis). A hipertextualidade se refere à forma como os textos são organizados e conectados de maneira não-linear, ou seja, há links, referências e conexões entre partes do texto que podem ser acessadas em diferentes ordens.

Isso pode ocorrer tanto em ambientes digitais (na internet, por exemplo), quanto fora dele (em textos físicos que fazem referência a outras partes ou fontes). Portanto, a hipertextualidade organiza essas interações entre diferentes conteúdos ou fontes, independentemente do ambiente ser online ou off line.

A hipertextualidade no texto digital transforma a maneira como consumimos e interagimos com as informações. "A hipertextualidade é a enunciação digital, que se forma a partir dos gêneros hipertextuais, um fenômeno definido essencialmente pelas características de multilinearidade, hipermodalidade e interatividade." (CAVALCANTE *et al*, 2019, p. 37) Ao conectar diferentes textos e conteúdos por meio de links, ela cria uma experiência de leitura dinâmica, não linear e interativa, permitindo aos leitores explorarem informações de maneira personalizada e profunda.

No que se refere à multimidialidade, adotamos o entendimento de CAVALCANTE, *et. al*, 2019 que tem como seu objeto de estudo, o texto, a partir de uma perspectiva plurissemiótica, onde os textos comportam sistemas semióticos verbais e não verbais. Deste modo, o jornal *online*, materializado em um texto multimodal que utiliza diferentes modos de comunicação (como verbal, visual, sonoro, gestual e espacial) para transmitir uma mensagem de forma mais rica e completa. "(...) o texto é hoje entendido como enunciado multimodal completo, único e irrepetível, que se conclui como unidade de comunicação e que é reconhecível por sua unidade de coerência em contexto" (CAVALCANTE; SILVA; SILVA, 2020, p. 36)

Ao contrário dos textos tradicionais, que geralmente se baseiam apenas na linguagem escrita ou falada, os textos multimodais combinam diferentes formas de

expressão para reforçar ou complementar a mensagem principal, oferecendo uma experiência mais dinâmica ao leitor ou espectador. Ele se tornou cada vez mais comum no ambiente digital, onde as ferramentas de comunicação permitem a combinação de diferentes formas de expressão para alcançar e engajar o público de maneira mais dinâmica.

O texto e a interação em contexto digital estão intrinsecamente ligados no ambiente virtual, onde a comunicação vai além da simples troca de informações. A natureza dinâmica das plataformas digitais permite que o texto seja usado de maneiras mais interativas, colaborativas e multifacetadas, oferecendo novas formas de engajamento e participação para os usuários. Na plataforma *Instagram*, os perfis "públicos" dos jornais online possibilitam que qualquer interlocutor acesse as informações contidas no *feed* e nos *stories* da conta, podendo reagir às postagens, seja por meio de curtidas ou comentários, por exemplo.

Muniz-Lima (2024) destaca o papel da interatividade e suas principais variáveis que seriam o controle do conteúdo, o caráter dialogal e a sincronicidade na construção de sentidos em contexto digital. Além disso, a autora ressalta que as interações são diversificadas e dependem de alguns fatores:

> (...) para que se observem as mais distintas interações, incluindo aquelas que ocorrem em contexto digital, nas quais observamos diferentes níveis de engajamento, mais ou menos ativos, do interlocutor em função, como vimos, da interferência de uma série de fatores tecnolinguageiros, como o tipo de mídia, o tipo de suporte e os sistemas semióticos. (MUNIZ-LIMA, 2024, p. 228)

Adotamos a abordagem da Linguística Textual, especialmente com base em Cavalcante e Muniz-Lima que relacionam em suas pesquisas a noção de interatividade à de texto, principalmente em contexto digital. Cavalcante *et al* 2022 afirma que o acontecimento do texto envolve o contexto social e histórico necessário para que os participantes negociem sentidos e se comuniquem até concluir a interação. Em contexto digital, a abordagem foca na análise dos elementos linguísticos e dos fatores tecnológicos que impactam a interação.

> (...) de modo que devem ser observados outros meios de realização textual, como as semioses imagética, sonora e gestual em sua relação com aspectos de ordem tecnológica, que também interferem nos processos de construção de sentidos entre interlocutores, sobretudo em contexto digital. (CAVALCANTE; MUNIZ LIMA, 2022, p. 04)

A concepção de texto aqui adotada está alinhada com a das autoras, que o veem como um evento único, interativo, dialógico e multifacetado, levando em consideração

os elementos linguajeiros e tecnológicos no contexto digital. Além disso, o texto se organiza em padrões textuais, os gêneros. “Em contexto digital, o gênero adquire especificidades e funções que precisam ser consideradas em paralelo aos aspectos que interferem na interação.” (MUNIZ, 2022, p. 56).

Os gêneros reúnem textos que compartilham características semelhantes, como forma, conteúdo, estrutura e finalidade comunicativa. Além disso, estão inseridos em contextos sócio-históricos que, à medida que mudam, também provocam transformações nos gêneros originados nesses contextos, assim como nas estruturas que organizam esses padrões textuais. Muniz 2022 estabelece uma relevante relação entre interação, texto e gênero:

> Se tomamos texto como um evento singular, que compõe uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, que acontece em uma interação, por meio de gêneros, observar esses fenômenos, não de maneira hierárquica, mas numa relação de dependência e associação, é indispensável para que não percamos de vista as trilhas de sentido que se revelam, no caso mais específico desta investigação, em contexto digital. Portanto, assumimos que a interação ocorre por meio da relação entre textos, que são planejados tendo em conta a prática social dos gêneros. (MUNIZ, 2022, p. 57)

O nosso trabalho se dedica à interação ocorrida no meio digital, mais especificamente à interação polêmica. Toda interação humana na internet envolve o uso de linguagem, o que dá origem às trocas de mensagens. Além disso, esse espaço de troca e reações a publicações também serve para a expressão de opiniões, gerando divergências sobre temas controversos e contribuindo para o surgimento das interações polêmicas. “(...) esta interação pode acontecer entre dois ou mais atores sociais que buscam, por meio da desqualificação, se sobressair em relação ao outro, para que este seja desconsiderado, ou ainda ridicularizado pelos demais.” (PEREIRA; BRITO, 2020, p. 5) A agressividade verbal nas interações polêmicas será investigada por meio da análise dos comentários em notícias digitais que geram repercussão no *Instagram* do jornal G1, que é o objeto de estudo deste trabalho.

4. CRITÉRIOS TEXTUAIS DE ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

Neste capítulo, abordaremos dois critérios textuais fundamentais para a análise argumentativa deste trabalho: a referenciação e a intertextualidade. Baseados na Linguística Textual, especialmente na vertente brasileira, partiremos da noção de texto que orienta nossa pesquisa. Em seguida, analisaremos a ocorrência desses fenômenos na composição textual.

No geral, a Linguística Textual se dedica ao estudo dos textos, buscando entender como as diferentes partes se conectam, como são construídos os sentidos no discurso e como a coesão e a coerência textual são estabelecidas. A Linguística Textual, enquanto um campo específico de estudo dentro da Linguística, passou a se consolidar e ganhar importância na década de 1970, principalmente na Alemanha, tanto na parte ocidental quanto na oriental. Durante esse período, a Alemanha, dividida politicamente em dois blocos (a República Federal da Alemanha - RFA e a República Democrática Alemã - RDA), viu o surgimento de um movimento teórico que propunha uma análise mais detalhada e aprofundada dos textos, considerando sua estrutura, organização e os efeitos de sentido gerados pela interação entre o texto e seu contexto comunicativo.

Esse movimento de desenvolvimento da Linguística Textual é frequentemente associado a várias universidades e centros de pesquisa na Alemanha, como Munster, Colônia, Berlim Oriental, Constança e Bielefeld. Esses locais se destacaram como centros de estudo e produção acadêmica, com pesquisadores que buscavam compreender os princípios que regem a coesão e a coerência dos textos, além de explorar como diferentes tipos de texto, sejam eles escritos ou falados, se organizam para transmitir significados de forma eficaz.

> Nos primeiros tempos, o objeto de estudo era o texto idealizado, criado, muitas vezes para a própria pesquisa, podendo ser caracterizado, como fazem Blühdorn e Andrade, como microtexto, pois o objetivo era descrever os princípios e as regras que subjazem à sua constituição, e a noção fundamental parece ser a de coerência, seguida da de coesão. (FÁVERO, 2019, p. 16)

Na década de 1970, a Linguística Textual se tornou um campo de estudo proeminente, e esse período é frequentemente caracterizado como um "boom" de novas ideias e abordagens teóricas sobre a natureza dos textos. A proposta central desse movimento era ampliar a análise linguística para além da frase isolada, levando em consideração o texto como um todo, em sua complexidade, com ênfase nas relações de sentido que se estabelecem entre as diversas partes do discurso.

Além disso, a Linguística Textual busca entender como os textos se comunicam com seus receptores, levando em conta aspectos como a organização textual, a intertextualidade, a função do contexto, os mecanismos de coesão e coerência, e a interação entre o produtor e o receptor do texto.

4.1 A Linguística Textual Brasileira e seus Fundamentos

A Linguística Textual no Brasil teve uma formação gradual ao longo das décadas de 1960 e 1970, ganhando destaque nas décadas seguintes com o desenvolvimento de teorias próprias, marcando a década de 1980 como um período de maior visibilidade para a área. A partir de trabalhos de pesquisadores como Marcuschi (1978) e Koch (1981) que a Linguística Textual se solidificou no cenário brasileiro. Esses pesquisadores começaram a desenvolver e sistematizar teorias e métodos para analisar o texto como um fenômeno complexo, que envolve aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais.

> A Linguística textual inicia-se, no Brasil, na década de 80 do século passado. O primeiro trabalho de que se tem notícia é o do Prof. Dr. Ignácio Antônio Neis da PUCRS, intitulado *Por uma gramática textual*, publicado na revista *Letras de Hoje*, revista do curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras e do Centro de Estudos Portugueses da PUCRS, em junho de 1981, no. 44. (FÁVERO, 2019, p. 17)

Entre os principais fenômenos explorados por essa linha de pesquisa, destacam-se a referenciação e a intertextualidade, conceitos amplamente discutidos sob diversas perspectivas teóricas. Para este trabalho, adotaremos a abordagem de CAVALCANTE. A referida pesquisadora brasileira dedicou-se a investigar como os textos se constroem e se inter-relacionam, abordando não apenas as unidades linguísticas, mas também os aspectos interacionais, como os indícios cotextuais integrados ao contexto sociocultural, as determinações do gênero, as conexões intertextuais e as disputas argumentativas presentes na comunicação. Sua contribuição para a Linguística Textual Brasileira é fundamental para compreender como o sujeito, ao produzir e interpretar textos, recorre a processos complexos.

A Linguística Textual tem se consolidado como um campo fértil para a análise da construção dos textos e da produção e interpretação de significados a partir da interação entre seus elementos. Podemos afirmar que para a LT o texto não se limita apenas à sequência de palavras ou frases, mas envolve uma construção discursiva que resulta da interação entre as diferentes partes e da relação entre o produtor e o receptor.

O texto é uma característica social e comunicativa, que se organiza em função das intenções do enunciado e das condições de produção e recepção. “(...) podemos, de

partida, falar de *texto* como uma unidade de coerência e de comunicação que os interlocutores representam mentalmente na atividade negociada da interação." (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 127) Dessa maneira, o texto é um conjunto de unidades linguísticas organizadas de forma coerente e coesa, envolvendo a comunicação de uma mensagem específica em um contexto específico.

Em sua abordagem, a Linguística Textual se interessa em entender como os textos são estruturados e como as relações de significação se estabelecem entre os elementos textuais, considerando tanto aspectos linguísticos quanto extralinguísticos (como contexto e situação de comunicação).

Todo o texto possui orientação argumentativa, uma vez que, mesmo na ausência de uma defesa explícita de um ponto de vista, o emissor busca influenciar de alguma forma o outro, provocando alterações em seu modo de pensar, perceber, sentir ou agir. Essa perspectiva foi desenvolvida por Amossy (2017), que se dedica a integrar teoricamente a Nova Retórica com a Análise do Discurso de linha francesa. Sua abordagem argumentativa também foi empregada na realização deste trabalho.

"Assim, o texto implica, fundamentalmente, o contexto também sócio-histórico e ideológico de uma dada interação, ou seja, implica o discurso." (MACEDO, 2018, p. 96) Desta forma, o objetivo deste estudo foi analisar a argumentação polêmica em interações digitais, evidenciada por processos referenciais e intertextuais, a partir da compreensão de que a Linguística Textual pode dialogar com a Teoria da Argumentação no Discurso de Ruth Amossy.

> (...) a LT pode contribuir para uma análise da argumentação nos discursos, pois os critérios analíticos da LT são como que motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para buscar atender a seus propósitos. É justamente a suposição dessa agentividade, ou dessa actorialização, que faz a LT eleger como critérios de análise os diversos recursos de que pode se valer o locutor para tentar persuadir a quem ele projeta como interlocutor e, muitas vezes, como terceiro. (CAVALCANTE *et al*, 2020, p. 15)

A Linguística Textual aborda uma variedade de fenômenos relacionados à estrutura, função e organização do texto. Alguns dos principais fenômenos que a linguística textual estuda incluem: coesão e coerência, referenciação, marcadores discursivos, gêneros textuais, intertextualidade, entre outros. Nesse contexto, a referenciação e a intertextualidade são dois fenômenos centrais para a compreensão da dinâmica textual, pois ambos lidam com a relação que o texto estabelece com o mundo externo, com outros textos e com o próprio leitor.

4.2 Referenciação

A referenciação, conceito introduzido por Lorenza Mondada em 1994, surge a partir de uma perspectiva etnometodológica e sociointeracionista da linguagem. A etnometodologia, desenvolvida por Harold Garfinkel na década de 1960, defende que os significados são socialmente construídos e que os papéis sociais são definidos pelos próprios sujeitos. Mondada defende uma concepção praxeológica do dizer e do saber, integrando atividades de linguagem aos contextos sociais.

Segundo Lorenza Mondada, referência ou referenciação é o processo discursivo pelo qual os participantes em uma interação constroem, negociam e estabilizam objetos de discurso. Mondada, em seus estudos sobre análise de conversação e práticas interacionais, destaca que a referenciação não é apenas uma atividade linguística isolada, mas uma preocupação profundamente situada, contextual e interacional.

> (...) os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo. De acordo com esta segunda visão, as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. (MONDADA, 2002, p. 118)

Apothéloz, contemporâneo de Mondada, também adota uma abordagem construtivista da referência, refutando a noção de que os significados são pré-existentes. No Brasil, essas referências podem ser observadas em trabalhos de pesquisadores como Marcuschi e Koch. Marcuschi (1998) defende que a referenciação é um processo discursivo, no qual os referentes são construídos ao longo do discurso.

> A referenciação, tal como a tratam Mondada e Dubois (1995), é um processo realizado no discurso e resultante da construção de referentes de tal modo que a noção de referência passa a ter um uso diverso daquele que se lhe atribui na literatura semântica em geral. Referir não é uma atividade de "etiquetar" um mundo pré-existente extensionalmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso. (MARCUSCHI, 1998, p. 4).

Na Linguística Textual, a referenciação é o processo pelo qual os participantes do discurso constroem e organizam os referentes no texto, na interação. Em outras palavras, é a forma como os elementos incluídos no discurso são introduzidos, retomados, modificados ou desenvolvidos para garantir a coesão e a coerência do texto. A referenciação vai além da simples identificação de elementos: ela envolve processos cognitivos e interpretativos, pois os interlocutores negociam os sentidos e estabelecem as exigências para a compreensão do texto.

A referência não é apenas um ato simples de referir ou apontar algo, mas também serve a diversos objetivos comunicativos dos falantes, tais como guiar a argumentação e até criar efeitos estilísticos. As categorias e os objetos de discurso são moldados por práticas discursivas e cognitivas que estão inseridas em contextos sociais e culturais, não sendo algo previamente existente ou fixo.

Essas categorias são instáveis e se modificam de acordo com os contextos e as interações. O postulado da negociação dos referentes refere-se à ideia de que os referentes, ou seja, as entidades do mundo às quais as palavras ou expressões fazem referência, não são fixos nem resultados por natureza. Isso se baseia no entendimento de que tanto as entidades do mundo quanto as construções linguísticas estão sujeitas a variações contextuais, interpretativas e culturais.

Essa instabilidade generalizada que Mondada (2002) se refere, implica que o processo de referenciação envolve um acordo dinâmico entre os interlocutores, que negociam, no contexto de interação, o que exatamente está sendo referido. Essa negociação pode depender de fatores como o conhecimento compartilhado, o contexto situacional, as preocupações comunicativas e as pistas linguísticas.

> (...) é necessário considerar que a construção dos sentidos, em princípio, se dá pela forma como os participantes de uma interação via texto trabalham/negociam para que os objetos de discurso – os referentes textualmente acionados – sejam estabilizados a partir de um consenso que permita a progressão textual. (CUSTÓDIO FILHO, 2017, p. 64)

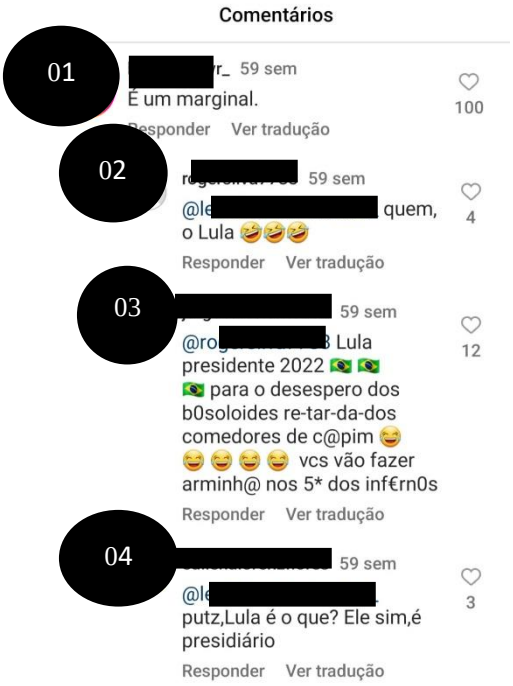
Essa negociação de sentidos nem sempre ocorre de maneira consensual sobre os mesmos referentes. Em algumas práticas de linguagem, não é necessário que as pessoas envolvidas na interação estabeleçam um entendimento comum ou claro sobre os referentes para que a comunicação ou a interação via texto continue. É o caso da modalidade argumentativa polêmica, onde Amossy em *Apologia da Polêmica* (2017) defende que os indivíduos debatem sem o intuito de chegarem a um acordo, pois o que prevalece nessa modalidade argumentativa é o dissenso.

> A partir da reflexão de Amossy, podemos estabelecer uma relação entre dois processos distintos de negociação para a construção dos objetos de discurso. No primeiro processo, considerando-se perspectiva de argumentação como busca de consenso, estariam as negociações conforme sempre se exemplificou nos estudos sobre referenciação (e que demonstramos na seção "O princípio da negociação em referenciação"): os sujeitos participam da interação com o intuito de colaborar para a construção de objetos de discurso razoavelmente especificados e comungados; uma conclusão a partir dessa premissa é a de que o avanço da interação só se dá se essa base comum for assentada. No segundo processo, considerando-se a perspectiva de argumentação como a manutenção do dissenso, podemos assumir que os participantes da interação proporão traços diferentes para um mesmo objeto, sem que isso implique,

> necessariamente, a interrupção da progressão textual. (CUSTÓDIO FILHO, 2017, p. 71)

Vamos analisar um caso de nossa pesquisa para ilustrar a reflexão sobre uma negociação voltada à construção de um objeto não compartilhado. O exemplo em questão é baseado em uma interação entre internautas que reagiram à primeira notícia apresentada neste estudo, publicada em 18 de julho de 2022 no portal G1 no *Instagram*, com a manchete: "Sem provas, Bolsonaro repete a embaixadores suspeitas já desmentidas sobre urnas."

Figura 14 – Compilado de comentários da Notícia 01



Fonte: https://www.instagram.com/p/CgK4gi2Onhs/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==.
Acesso em: 04 set. 2023

O comentário do internauta 01 afirma: "*É um marginal*." No contexto da postagem, o termo "marginal" é atribuído de forma pejorativa ao candidato Bolsonaro, com o objetivo de desqualificá-lo, indicando que ele seria alguém que não respeitasse as leis, ou seja, um criminoso. Em seguida, o internauta 02 questiona se a referência seria ao Lula, indicando que não concorda com o sentido atribuído pelo internauta 01.

Já o internauta 04 intervém, dizendo: "*Putz, Lula é o quê? Ele sim, é presidiário*." Nesse momento, Lula é novamente inserido na interação, sendo associado ao termo "presidiário". É evidente que, nessa interação, a caracterização do "objeto de discurso" como "marginal" ou não resulta de uma negociação entre os interlocutores.

> Seria possível questionar que, em estudos sobre referenciação, o habitual é que, quando se trata de analisar a negociação, leva-se em

> conta a interação efetivada por meio de um único texto, de modo que interessa refletir sobre como os interlocutores (dois ou mais participantes de uma interação síncrona, ou o locutor e seus destinatários em uma interação assíncrona) consideram a interferência do outro na construção da referência. (CUSTÓDIO FILHO, 2017, p. 74,75)

Apesar de pesquisas recentes provarem que no processo de referenciação, a referência pode se construir a partir da presença de um mesmo objeto de discurso em mais de um texto, foi possível observar na interação como os internautas 02 e 04 alteraram a construção de sentido inicialmente proposta pelo internauta 01. Nenhum dos lados (internauta 01 e internauta 02/04) parece ter a intenção de que suas teses sejam consideradas como base para alcançar um consenso.

Na Linguística Textual, o processo de referenciação refere-se à construção de sentidos e à criação de referentes no discurso. Trata-se de como os elementos textuais usados para construir e evocar objetos, ideias ou entidades no mundo discursivo, seja ele real ou imaginário. Esse processo não é simplesmente a "nomeação" de algo que já existe, mas uma construção ativa, contextual e dependente das interações entre os interlocutores.

Referentes são os elementos ou entidades do mundo real (ou imaginário) às quais palavras, expressões ou pronomes fazem referência em um texto. O caráter argumentativo da referenciação ocorre quando o uso de referentes não apenas identifica elementos no discurso, mas também direciona o entendimento ou a interpretação do receptor, influenciando sua opinião ou postura na relação ao que é considerado. “(...) tal reelaboração dos referentes se efetua mediante a necessidade de os sujeitos interferirem na visão de mundo uns dos outros.” (CAVALCANTE et al, 2020, p. 133).

Os referentes desempenham um papel central na coesão e na construção do sentido do texto, pois ajudam a estabelecer conexões entre as partes do discurso e entre o texto e o contexto extralinguístico. “(...) para que qualquer texto tenha continuidade de sentido, é necessário, consequentemente, existir também a progressão dos referentes.” (CAVALCANTE *et al,* 2022, p. 271) Vale ressaltar que a referenciação se trata de um processo dinâmico e contextual de criação ou ativação de referentes no discurso. Não é apenas um processo de "recuperação", mas muitas vezes de construção.

A construção de referentes é uma atividade discursiva que envolve:

1. Seleção de informações relevantes: O falante decide o que mencionar, como descrever e com que grau de detalhamento.

2. Contextualização: Os referentes são construídos com base no contexto comunicativo, nos conhecimentos partilhados e nos objetivos do discurso.

Por exemplo:

"Aquele cara estranho do restaurante de ontem" constrói um referente específico, mas só faz sentido no contexto de um interlocutor que esteve no restaurante. A construção de referentes, portanto, é um processo dinâmico, colaborativo e contextual, no qual a Linguística Textual analisa as escolhas linguísticas e cognitivas que permitem a criação e manutenção de sentidos no discurso. Dessa forma, os referentes se vinculam a progressão textual, associando-se a outros de maneira a constituir uma rede referencial. A rede referencial seria a retomada anafórica de um mesmo referente na construção textual.

> Associando-se em redes, os referentes se mantêm (ou **têm continuidade**) no texto, mas também tendem a se transformar (ou **ter progressão**), adquirindo novos contornos de sentido em conformidade com o gênero, com as posições enunciativas do locutor, com os propósitos argumentativos e retóricos, dentre outros motivos. (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 273)

À medida que temos referentes, objetos de discurso que vão se alterando, tem-se a recategorização referencial. "Os objetos de discurso, como entidades construídas ao longo da interação discursiva, podem sofrer modificações – isso é o que se entende por *recategorização referencial*." (SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013, p. 61) A recategorização, na perspectiva da linguística textual refere-se a um fenômeno linguístico-discursivo em que uma entidade, conceito ou ideia previamente introduzida no texto é retomada e apresentada sob uma nova perspectiva.

Essa nova categorização pode ocorrer por meio de mudanças na forma de referência ou nos atributos atribuídos à entidade, promovendo variações não apenas lexicais, pois a atenção está nas dinâmicas e estratégias que os participantes utilizam para criar e ajustar significados durante a interação. A recategorização é uma ferramenta fundamental para compreender como os significados evoluem e como os textos se estruturam para atingir diferentes efeitos de sentido e interação com o leitor.

> É isso justamente o que ocorre nas redes referenciais, pois à medida em que se entrelaçam no texto, os objetos de discurso travam uma multiplicidade de relações entre si e com a aparelhagem conceitual dos interlocutores do texto capazes de estabelecer a manutenção de certos referentes e de promover a aparição e o processamento de outros simultaneamente, adicionando traços e características aos objetos continuamente, no universo textual-discursivo. (MATOS, 2018, p. 03)

Um exemplo de recategorização referencial que encontramos no *corpus* da nossa pesquisa é a recategorização metafórica. "Vale apontar ainda que apontamos pela

terminologia “recategorização metafórica” para designar os processos linguísticos de referenciação operados por metáforas.” (MARTINS; MORATO, 2013, p. 90) A recategorização metafórica é um processo referencial implícito em que um termo ou expressão é transferido de uma categoria conceitual para outra, geralmente com o objetivo de criar novos sentidos ou perspectivas. Esse aspecto é comum na formação de metáforas, em que um conceito é reinterpretado ou “reclassificado” a partir de características associadas a outro domínio conceitual. A recategorização metafórica ocorre quando:

- Um termo de um domínio fonte é aplicado a um domínio-alvo: Isso implica que algo é compreendido ou descrito em termos de outra coisa.
- Há uma mudança de perspectiva categorial: O termo deixa de ser interpretado na sua categoria original e passa a ser entendido em uma nova categoria.

Por exemplo, na frase abaixo:

“Ela é uma pedra.” Aqui, o termo “pedra” (domínio fonte) é recategorizado metaforicamente para descrever uma característica de uma pessoa (domínio-alvo), indicando que ela possui resistência, força ou insensibilidade.

4.2.1 Processos referenciais

A referenciação ocorre em redes referenciais e apresenta três processos, que são eles: **introdução referencial**, a **anáfora** e a **dêixis**. A introdução referencial é o processo no qual um novo referente é inserido no discurso ou texto, ou seja, é quando algo ou alguém é mencionado pela primeira vez. “(...) existe quando as entidades aparecem no texto pela primeira vez, indiciadas por elementos verbais não verbais, integrados a conhecimentos individuais e coletivos.” (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 290) Esse processo é fundamental para que o leitor ou ouvinte tome conhecimento da existência desse elemento.

A anáfora é uma referência linguística em que um elemento do texto (chamado de anáfora) remete a outro elemento já mencionado anteriormente no discurso. “As relações de retomada que se dão entre um referente e outro já introduzido textualmente são o que chamamos de relações anafóricas.” (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 291) Essa relação estabelece coesão textual, permitindo que o leitor ou ouvinte compreenda melhor as informações sem que seja necessário repetir palavras ou expressões. Um exemplo simples de referenciação anafórica, compreendido como uma retomada, seria:

“Maria foi à feira. Ela comprou frutas.” Neste caso, o pronome “ela” faz referência a “Maria” que já foi mencionada antes.

Destacamos dois tipos de anáforas, as diretas (correferenciais) e indiretas (não correferencial). A anáfora direta ocorre quando o elemento retomado é explicitamente localizado no texto. "(...) retoma um mesmo referente, o que já foi introduzido no texto." (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 291) Ou seja, há uma correspondência clara e direta entre o termo que retoma (anáfora) e o termo retomado (antecedente).

Exemplo:

Joana comprou um livro. Ele era sobre filosofia.

O pronome "ele" retoma diretamente "livro".

A anáfora indireta ocorre quando a retomada não é literal, mas está implícita ou relacionada ao termo anterior de forma associativa ou inferencial. Essas associações são viabilizadas por diferentes maneiras.

Exemplo:

João foi ao cinema. A sala estava lotada.

"A sala" retoma diretamente o cinema, pois é algo relacionado ao contexto (cinema tem salas).

Temos ainda o encapsulamento, fenômeno descrito primeiramente como um tipo de anáfora, mas que ocorre quando termos de um texto são resumidos em um único termo, como "isso", "essa ideia", "essa situação", etc. "Assim, um referente é apresentado sem identificação pontual, mas como um conjunto de informações que, no momento em que são encapsuladas, passam a constituir uma expressão referencial." (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 295) É comum em textos que sintetizam informações já apresentadas, sendo as chamadas anáforas encapsuladoras.

Exemplo:

A festa teve música, comida e diversão. Tudo isso deixou os convidados animados. "Tudo isso" encapsula os elementos mencionados acima (música, comida e diversão).

> Os processos referenciais não se restringem a funções de apresentar objetos de discurso introduzidos no texto e de retomá-los recategorizando-os. Existe uma outra função que pode perpassar esses dois processos fóricos (de introdução e de anáfora), que é a que estamos denominando de **função dêitica**. (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 299)

Verifica-se a função dêitica quando um referente está relacionado com o ponto de origem do locutor. Esses elementos são chamados de dêiticos e são usados para "apontar" ou referenciar objetos de discurso. "(...) quando os objetos de discurso são introduzidos ou retomados no texto, pressupondo, necessariamente, o contexto

enunciativo perspectivado pela **origo**, isto é, o ponto de origem do locutor/enunciador." (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 299) Além das expressões dêiticas outros elementos do contexto favorecem a composição do referente, tais como a utilização de sistemas semióticos. Em memes esses sistemas são constantemente acionados para criar humor em um contexto situacional. Vejamos um exemplo:

Figura 15 – Meme com função dêitica

Fonte: https://www.instagram.com/p/CgxhKGRpSJO/?igsh=ZnJraGU1dDAzcTU0

Acesso em: 24 jan. 2025

Neste exemplo, a imagem desempenha um relevante papel na construção de sentidos, pois, por meio da percepção visual, podemos confirmar que o sujeito, indicado por "eu", passou a noite em claro escrevendo um artigo para entregar no último dia, porém, no dia seguinte, o professor estendeu o período de entrega, conferindo o humor do meme.

> (...) o papel da dêixis na referenciação, que, como vimos, é bastante complexo. Uma das razões dessa complexidade é o fato de que a dêixis é um fenômeno eminentemente enunciativo, porque se relaciona à ação do locutor/enunciador, que ao enunciar, se institui como um sujeito, um *eu*, instaurando um *tu*, num dado tempo-espaço, e se posiciona em relação a quaisquer referentes por ele evocados no texto. (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 302)

As coordenadas centrais para o estudo da dêixis envolvem os três eixos principais que estruturam o uso de expressões dêiticas na comunicação: pessoa, tempo e espaço. Esses eixos são fundamentais para compreender como o significado das palavras e expressões depende do contexto em que são utilizadas. As coordenadas centrais são:

1. Dêixis pessoal: relaciona-se aos participantes da comunicação, ou seja, aos atores da interação (quem fala, quem ouve, e quem é incluído).

Exemplos de expressões dêiticas de pessoa seriam “eu”, “ele”, “nós”, “eles”, entre outros. O significado dessas palavras depende da posição do falante e do ouvinte, bem como do papel de cada um na comunicação. O meme da figura 15, temos a marcação da dêixis pessoal pela utilização do pronome pessoal “eu”. Quem fala pelos indícios apresentados na figura é a representação de uma estudante que faz mestrado. Por se tratar de um perfil que ilustra situações vividas pelos mestrandos de maneira humorística, o sentido é construído a partir da colaboração dos interlocutores que se identificam com a situação retratada no meme.

2. Dêixis Temporal: refere-se ao momento em que a comunicação ocorre ou ao momento em que algo está aqui, e seu significado está ligado ao tempo em que o discurso é produzido.

Exemplos de expressões dêiticas temporais incluem “hoje”, “ontem”, “agora”, “amanhã”, “logo”, entre outras. O valor temporal dessas palavras depende da relação com o momento de enunciação (o instante presente da fala) ou ao ponto de referência no discurso. Na captura de tela do meme da figura 15, as expressões dêiticas “madrugada” e “último dia”, ilustram o tempo associado ao ato de se posicionar como locutor/eu.

3. Dêixis Espacial: relaciona-se ao local ou à localização física não qual a comunicação ocorre, ou onde algo está situado.

Exemplos de expressões dêiticas espaciais como “aqui”, “lá”, “ali”, “perto”, “longe”, “neste lugar”, “nesse local”. O significado dessas palavras depende do ponto de vista do falante e da sua posição no espaço. Essas regiões centrais — pessoa, tempo e espaço — são fundamentais para a compreensão da dêixis, pois as palavras dêiticas precisam ser interpretadas dentro de um contexto situacional, que envolve uma interação entre quem fala, quando e onde.

Os processos referenciais são fenômenos de linguagem que permitem estabelecer conexões entre os aspectos contextuais, sociais, multimodais e tecnológicos. A introdução referencial ocorre quando um novo elemento é apresentado no texto ou no discurso, geralmente por meio de um nome próprio ou uma expressão que identifica pela

primeira vez uma pessoa, objeto ou conceito. Esse processo cria uma referência inicial que será desenvolvida ao longo do texto.

A partir dessa introdução, surgem outros processos que estabelecem relações entre as referências, como a anáfora, que se referem ao uso de expressões que retomam ou fazem referência a um elemento previamente indicado no discurso, garantindo a continuidade da comunicação.

Por outro lado, a dêixis refere-se a palavras ou expressões cujo significado depende diretamente do contexto situacional da comunicação, como a identidade do locutor, o tempo e o lugar. A dêixis de pessoa, tempo e espaço são as principais formas desse processo, e seu entendimento só é possível quando se leva em conta a situação específica da fala. “Os processos referenciais são mais amplos do que as pistas que os indicam superficialmente, por serem o resultado da dinâmica interacional que envolve usos.” (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 313) Esses processos, introdução referencial, anáfora e dêixis, são fundamentais para a construção de sentido, permitindo que o texto seja compreendido.

4.3 Intertextualidade

A intertextualidade na Linguística Textual, por sua vez, trata da relação entre um texto e outros textos, seja de maneira explícita ou implícita. De acordo com Cavalcante, o fenômeno intertextual é um dos pilares da produção textual, pois os textos não surgem de maneira isolada, mas como respostas a ressonâncias de outros discursos. “Pelo ponto de vista dialógico, o texto só existe em atravessamento com outros textos, perante os quais o locutor tem uma atitude responsiva-ativa.” (CAVALCANTE, 2019, p. 33).

Quando a autora diz que o locutor tem uma atitude responsiva-ativa, sugere que o emissor do texto (ou seja, quem fala ou escreve) não é passivo ou neutro diante de outros textos, mas se posiciona de forma ativa e responsiva. Ou seja, ele respondeu ao que foi dito antes e, ao mesmo tempo, contribui com novas ideias ou interpretações. Isso reflete uma visão dinâmica da comunicação, onde a troca e a interação são essenciais para a construção de significados.

Logo, as escolhas intertextuais do locutor não são neutras, o que caracteriza a intertextualidade como estratégia argumentativa. “Podemos, então dizer que tomamos a tentativa de influenciar o outro como pressuposto, isto é, como uma condição na qual se funda toda e qualquer interação.” (CAVALCANTE *et al*, 2020, p. 102) Compartilhamos da ideia de Amossy (2017) de que todo texto tem uma orientação argumentativa. As

diferentes maneiras como os textos se repetem uns nos outros transmitem crenças, valores e posicionamentos dos locutores, mesmo em textos não necessariamente argumentativos.

> (...) um texto retoma outro, contestando-o ou reafirmando-o; ou imita o padrão genérico de outro; ou ainda imita traços estilísticos de um dado autor. A origem remota de tais ideias não poderia ser outra, a não ser a concepção do Círculo de Bakhtin de um **dialogismo** constitutivo da linguagem. (CAVALCANTE *et al*, 2022, p. 375)

Cavalcante segue a linha de pensamento de Bakhtin, que apesar de não ter usado o termo intertextualidade, porém o diálogo estabelecido entre textos remota à noção de dialogismo. Do ponto de vista dialógico, o significado de um texto não é algo isolado ou fixo. Em vez disso, o texto só ganha existência e significado por meio de sua interação com outros textos. Isso significa que a comunicação, ou o discurso, se constrói no diálogo com outros discursos, ideias e contextos.

A linguística textual se aproxima da noção de Bakhtin considerando texto e enunciado, sendo o texto um enunciado único, levando em consideração as condições de interação que não se repetem. "À LT, nessa perspectiva, cabe investigar as regularidades que aproximam essas realizações únicas de cada texto no contexto sócio-histórico no qual se inscreve." (CAVALCANTE, MUNIZ, 2022, p. 03).

O que se propõe é investigar como os textos, com suas particularidades e características, se relacionam com o momento histórico e social em que surgem, considerando como fatores como o contexto político, cultural e social influenciam a linguagem e a construção do sentido. Ou seja, a Linguística Textual não analisa apenas a estrutura interna do texto, mas também como ele é moldado por e, ao mesmo tempo, contribui para o contexto em que está inserido.

A intertextualidade pode ser discutida de diversas maneiras, e várias tipologias foram propostas ao longo do tempo para tentar explicar as diferentes formas de relação entre textos. Uma dessas propostas, sempre mencionada, ainda que seja do campo literário, é a de Gérard Genette. A intertextualidade, segundo Gérard Genette (2010), é um conceito que se refere à relação entre textos, destacando a inserção de partes de um texto-fonte em outro texto. Genette aborda essa ideia dentro de uma teoria mais ampla chamada transtextualidade, que ele define como qualquer relação que um texto pode ter com outros textos, seja de maneira explícita ou implícita.

As demais categorias da transtextualidade segundo Genette seriam a paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade. Porém, as categorias que vamos trazer para nossa pesquisa precisam extrapolar o domínio

discursivo literário, pois nosso *corpus* compreende produções textuais do ambiente digital, interações que são intertextuais e multimodais. Diante da especificidade do nosso trabalho, vamos nos ancorar nos trabalhos de Cavalcante (2020, 2022) e Carvalho (2018).

> Inicialmente, encontramos o esforço de definir a oposição entre as intertextualidades ampla e estrita. O primeiro tipo encontra fundamento no princípio bakhtiniano do dialogismo. Já a intertextualidade estrita comporta os tipos pontuais de intertextualidade, dados pela efetiva inserção de um texto e/ou fragmentos em outro, ou seja, a parte apreensível do fenômeno intertextual. Entre os tipos discutidos de intertextualidade estrita, estão a intertextualidade implícita em oposição à explícita, as intertextualidades temática, estilística, tipológica, intergenérica e o *détournement*. (CARVALHO, 2018, p. 46, 47).

4.3.1 Categorias da Intertextualidade

Carvalho, em sua tese (2018), desenvolve um modelo bem definido das categorias de intertextualidade, que adotaremos como base para a análise deste trabalho. Primeiramente, a autora parte da premissa de que é fundamental considerar se a intertextualidade se estabelece entre textos específicos ou entre padrões de gêneros e traços estilísticos.

No que diz respeito às funções, a autora afirma que: "Em nossa perspectiva, as funções das intertextualidades ultrapassam os limites formais. Acreditamos que elas têm a ver, sim, com a intencionalidade, com a tentativa de influenciar o outro e, por isso, são argumentativas." (CARVALHO, 2018, p. 84). Compartilhamos dessa prerrogativa e temos como um dos nossos objetivos verificar a argumentação polêmica nos processos intertextuais presentes nas interações dos comentários que compõem o nosso *corpus*.

Dessa forma, ela propõe um reagrupamento das intertextualidades em duas categorias: **estritas** e **amplas**. A **intertextualidade estrita** ocorre quando é possível identificar claramente o texto-fonte dentro de outro texto. "(...) dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto." (CARVALHO, 2018, p. 81) Dentre as intertextualidades estritas, elas se subdividem em casos de copresença (inserção de partes de um texto em outro) e derivação (processo de transformação de um texto, alterando aspectos como forma, estilo ou conteúdo, mas mantendo os elementos essenciais e semânticos do texto original). Nos casos de copresença, temos três maneiras distintas de se realizarem:

1. Citação: quando um texto utiliza palavras ou trechos de outro texto de forma literal, geralmente entre aspas e com indicação da fonte. Nas relações estritas de copresença é a ocorrência intertextual mais explícita. Muito utilizada como

argumento de autoridade em produções acadêmicas, possui também a função de provocar efeitos humorísticos. “Uma prática discursiva muito frutífera nas redes sociais é destacar partes de um texto-fonte e citá-las em postagens que as subvertem e geram humor, para serem replicadas como memes.” (CAVALCANTE, 2022, p. 382) Vejamos o caso que ilustra a função humorística da citação:

Figura 16 – Meme com citação

Fonte: https://museudememes.com.br/collection/a-meta
Acesso em: 29 jan. 2025

O meme foi criado a partir de uma citação da ex-presidente Dilma. Em 28 de julho de 2015, durante a apresentação dos Planos e Metas do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec Jovem Aprendiz), um presidente então tentou explicar o aumento das oportunidades oferecidas pelo governo, afirmando que o programa não seria regido por metas ela disse: “Não vamos colocar uma meta; deixaremos em aberto e, quando atingirmos ela, dobraremos a meta.” Essa declaração gerou o meme, que ficou conhecido como “A meta”, e passou a circular intensamente nas redes sociais. A citação de Dilma foi replicada de forma humorística, como no meme da figura 15, que faz uma relação da citação com a quantidade de cervejas que os amigos beberiam.

2. Paráfrase: próxima da citação, porém nesse caso o autor reescreve uma ideia ou trecho de outro texto, sem deixar o conteúdo original, ainda que haja uma recontextualização. A paráfrase é compreendida como uma reformulação de uma parte de um texto-fonte, situando-se entre as relações de copresença, ou seja, aquelas em que um texto faz referência a outro. Esse processo intertextual envolve

mudanças na forma, como a substituição de palavras e restrição de frases, mas busca preservar o conteúdo original. Dessa maneira, a paráfrase se estabelece como um mecanismo de reescrita que mantém a essência da mensagem do texto de origem, ainda que com alterações na sua construção linguística.

3. Alusão: trata-se de uma referência indireta a outro texto. O locutor fornece ao interlocutor por meio de referências implícitas ao texto original na nova produção. "A alusão estrita é como uma referência que se faz a partes de outro texto, sem repeti-lo, mas apenas **sugerindo pistas** que façam o interlocutor lembrar-se dele." (CAVALCANTE, 2022, p. 382) Esse tipo de alusão exige que o interlocutor tenha um conhecimento prévio do texto-fonte no novo texto para captar a conexão implícita. Dessa forma, a relação se torna mais sutil, estimulando a interpretação e a interação do leitor com o texto, pois ele precisa identificar e compreender a relação entre as ideias sugeridas.

> Menos marcada e menos literal, exige maior percepção do leitor para que se dê a (re)construção do sentido planejado. Citação e alusão se diferenciam formalmente, uma vez que a primeira se apresenta como transcrição exata de um texto original. A segunda, por outro lado, pode se realizar por remissão indireta, incorporando-se sutilmente; apresentar modificações formais no texto a que recorre; realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc.(...) Importa, ainda, acrescentar, que o texto aludido será mais facilmente reconhecido se for mais clássico ou conhecido. (CARVALHO, 2018, p. 86)

Vejamos um exemplo de alusão estrita:

Hino da Vitória[4]
Cassiane

Quem é o homem que teve o poder de andar sobre o mar?
Quem é Ele que pode fazer o mar se calar?
No momento em que a tempestade vier te afogar
Ele vem com toda autoridade e manda acalmar

Quem é o homem que teve o poder de fazer Israel
Caminhar por entre as águas do Mar Vermelho?
Fez caminho no meio do mar
Para o povo de Israel passar
Do outro lado, com os pés enxutos
Puderam cantar o hino da vitória

[4] https://www.letras.mus.br/cassiane/1253517/

Quando estiver frente ao mar
E não puder atravessar
Chame este homem com fé
Só Ele abre o mar

Não tenha medo, irmão
Se atrás vem faraó
Deus vai te atravessar
E você vai entoar o hino da vitória

Toda vez que o Mar Vermelho tiver que passar
Chame logo este homem para te ajudar
É nas horas mais difíceis que Ele mais te vê
Pode chamar este homem que Ele tem poder

Se passares pelo fogo, não vai te queimar
Se nas águas tu passares, não vão te afogar
Faça como Israel que o mar atravessou
E, no nome do Senhor, um hino de vitória
Do outro lado cantou

Quando estiver frente ao mar
E não puder atravessar
Chame este homem com fé
Só Ele abre o mar

Não tenha medo, irmão
Se atrás vem faraó
Deus vai te atravessar
E você vai entoar o hino da vitória

Toda vez que o Mar Vermelho tiver que passar
Chame logo este homem para te ajudar
É nas horas mais difíceis que Ele mais te vê
Pode chamar este homem que Ele tem poder

Se passares pelo fogo, não vai te queimar
Se nas águas tu passares, não vão te afogar
Faça como Israel que o mar atravessou
E, no nome do Senhor, um hino de vitória
Do outro lado cantou

(Do outro lado cantou)
Do outro lado cantou
Do outro lado cantou

A letra da música começa com uma pergunta no primeiro verso: Quem é o homem que teve o poder de andar sobre o mar? Conseguimos responder, embora nem todos os interlocutores consigam, por um processo de alusão estrita que o homem a quem a letra

se refere é Jesus. “Essas “repetições” nem sempre são alcançadas pelo interlocutor. Mas nem por isso as intertextualidades deixam de existir, nem de ser relevantes para a interpretação.” (CAVALCANTE, 2022, p. 380) Essa interpretação só é possível quando fazemos o diálogo entre os textos, no caso a letra da música e a Bíblia que é o texto-fonte em questão.

Logo, torna-se um pouco mais difícil para os interlocutores que não têm o conhecimento bíblico em questão recuperar a informação. Segundo a Bíblia, o homem que teve o poder de andar sobre o mar foi Jesus Cristo. Esse evento é descrito no Evangelho de Mateus (14:22-33)[5], Marcos (6:45-52)[6] e João (6:16-21)[7]. De acordo com a narrativa bíblica, Jesus Cristo estava com seus discípulos em uma barca no Mar da Galileia quando uma tempestade se aproximou. Jesus então caminhou sobre as águas do mar, aproximando-se da barca, e acalmou a tempestade.

Vejamos um segundo exemplo:

Figura 17 – Alusão – “Faz o L”

Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

[5] https://www.bibliaonline.com.br/nvi/mt/14/22-33
[6] https://www.bibliaonline.com.br/nvi/mc/6/45-52
[7] https://www.bible.com/pt/bible/compare/JHN.6.16-21

Um exemplo relevante de nossa pesquisa é o uso do bordão “faz o L”, popularizado durante a campanha eleitoral vitoriosa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2022. Inicialmente associado ao gesto de mão específico da campanha que reproduz um L com os dedos, o bordão tem sido ressignificado pelos críticos do presidente, que o utilizam para expressar desaprovação e até desqualificá-lo. Na notícia 02, que anuncia a vitória de Lula à presidência, a imagem escolhida para ilustrar o texto mostra o candidato fazendo o gesto emblemático.

Ao lado da imagem, observamos que o comentário 1 faz referência ao bordão, em um processo de alusão à foto da notícia. Nesse exemplo, a menção indireta não se dá a um texto-fonte, mas à imagem utilizada na notícia, que transcende à concepção formal de texto, o que reforça o caráter intertextual e multimodal das produções textuais evidenciadas em nossa pesquisa.

> Cabe assinalarmos a importância de compreender que o texto não se resume a um produto material, mas a um processo comunicativo complexo, pautado na interação, resultante da integração entre elementos da materialidade e outros fatores de diferentes ordens (situacionais, cognitivos, socioculturais e interacionais). (CARVALHO, 2018, p. 82)

No comentário verificamos um novo significado ao “L” que seria “ladrão”, pois no comentário temos: *“(...)agr faz o L de ladrão.”* Logo, pelo contexto da notícia, é possível inferir que o internauta se refere a Lula, buscando desqualificá-lo, o que reforça o caráter argumentativo presente nos processos intertextuais das interações analisadas. Retomando os subtipos de copresença, temos:

> Nessa perspectiva, a citação se apresenta como reprodução literal de um trecho original, a alusão como uma remissão menos marcada e não literal a um texto-fonte e a paráfrase como uma retomada de uma porção textual, uma repetição de um dado conteúdo sob outra forma de expressão. Formalmente, paráfrase e alusão se distinguem porque a primeira tem um volume maior de repetição do texto-fonte, é sobremaneira comprometida com a manutenção do conteúdo original retomado, devendo se apresentar marcada pela referência ao texto-fonte (sob pena de se configurar plágio), enquanto a alusão, sem compromisso com a literalidade ou com a manutenção de conteúdo, pode apenas se valer de elementos, segmentos de um texto-fonte ou remissões referenciais notadamente intertextuais para remeter a um texto todo. (CARVALHO, 2018, p. 92)

Sobre as **intertextualidades estritas por derivação**, Carvalho (2018) define que temos um texto inteiro se originando a partir de outro texto inteiro. As categorias desse tipo de relação são a **paródia,** a **transposição** e a **metatextualidade**. Na Linguística Textual, a paródia é um tipo de intertextualidade em que um texto faz referência a outro de maneira crítica, irônica ou humorística. Diferente da citação ou da paráfrase, que

mantém o respeito pelo conteúdo original, a paródia subverte a mensagem do texto-fonte, modificando seu sentido para criar um novo significado.

A paródia pode ser usada para questionar, satirizar ou reinterpretar um discurso já previsto, mantendo alguns elementos estruturais do texto original, mas alterando seu tom ou propósito. “A paródia é um recurso bastante criativo que sempre pretende o humor. É construída por um texto-fonte retrabalhado com o intuito de produzir outro propósito comunicativo.” (CAVALCANTE, 2022, p. 386) Esse processo ocorre em diferentes gêneros textuais, como literatura, música, cinema e publicidade.

A transposição refere-se ao fenômeno de um texto ao mudar seu gênero, estilo ou perspectiva. Isso pode envolver a adaptação de um texto inteiro de uma forma para outra, sem o efeito humorístico presente na paródia. “Por força de procedimentos diversos, um texto-fonte pode ser retomado e atualizado em diferentes contextos, tendo sua a essência semântica original preservada.” (CARVALHO, 2018, p. 96) O último caso de derivação é o de metatextualidade. É um conceito que se refere a textos que comentam, explicam ou fazem referência a outros textos. Como exemplo, trazemos o *corpus* da nossa pesquisa, os comentários que repercutem, contestam e criticam as notícias a que eles se referem.

Figura 18 – Metatextualidade (comentários sobre a inelegibilidade de Bolsonaro)

Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igsh=Mm1kangyb25wd3pv . Acesso em: 04 set. 2023

As **intertextualidades amplas** ocorrem quando um texto estabelece relações com outros textos de maneira não específica, mas a um conjunto de textos. Na proposta de Carvalho (2018, p. 98) a intertextualidade ampla ocorre em três situações: imitação de gêneros, imitação de estilo de autor ou alusões a textos não específicos, podendo ou não ser reconhecido pelo interlocutor.

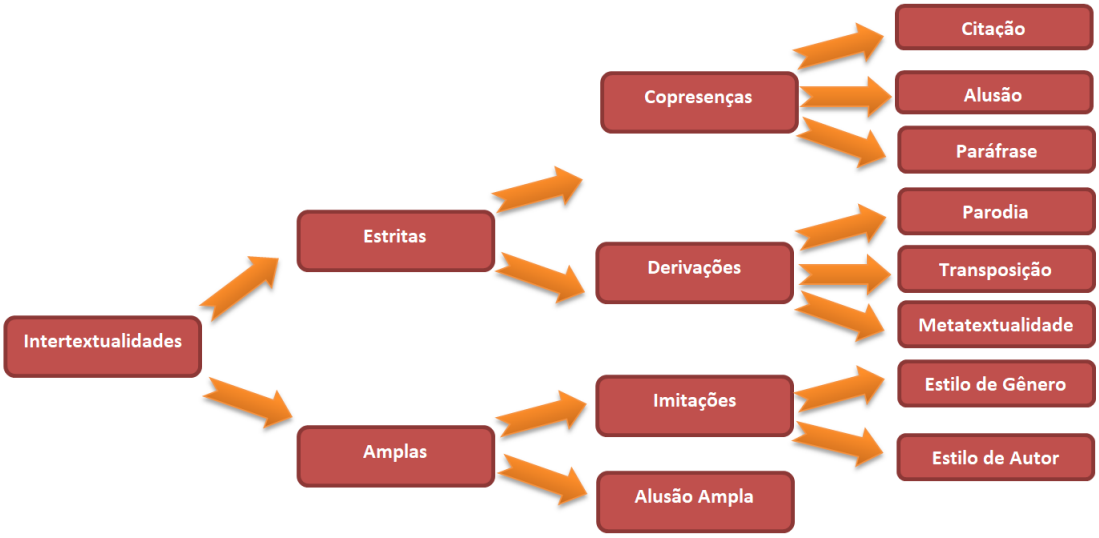
Imitação de parâmetros de gênero: refere-se ao modo como textos de diferentes gêneros dialogam entre si, incorporando e reformulando convenções estilísticas e estruturais. Cabe ressaltar que por estar tratando de uma intertextualidade ampla, não há retomada de um texto-fonte, mas da recuperação de aspectos composicionais do gênero em questão, tidos como parâmetros.

A imitação de estilo de autor envolve o uso de características específicas de um autor, como escolhas linguísticas, estruturas narrativas e temas recorrentes. Carvalho (2018) destaca que essa imitação pode ocorrer de maneira singular (quando a imitação é do estilo de um determinado autor) ou coletiva (quando a imitação é de um estilo comum a vários escritores, como por exemplo de uma escola literária).

A alusão ampla refere-se ao uso indireto de referências a outros textos, autores, ou evento partilhado em uma determinada cultura, de maneira que essas referências não sejam explicitamente relacionadas, mas sim sugeridas ou evocadas por meio do contexto, da linguagem ou da estrutura do próprio texto. “Definimos como alusões amplas as ocorrências em que se verifica referência difusa a fatos, conteúdos ou situações que, embora não apontem para um texto específico, estabelecem uma relação ainda tangível entre um texto e diversos outros.” (CARVALHO, 2018, p. 120).

Por se tratar de um recurso sutil de referência onde o locutor escolhe a alusão, nem sempre o interlocutor recupera a informação em sua totalidade, porém nem por isso a intertextualidade deixa de existir. “Desse modo, o recurso à alusão pode ser uma maneira estratégica, e, portanto, argumentativa, tanto de exclusão quanto de conivência.” (CAVALCANTE, 2022, p. 396) Carvalho (2018) destaca que embora as intertextualidades estritas e amplas sejam distintas, ambas podem coexistir em um mesmo texto. Vejamos o esquema elaborado pela autora que propõe a classificação das intertextualidades estritas e amplas e adotado neste trabalho:

Figura 19 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas



Fonte: Carvalho (2018, p. 110)

Podemos concluir que a referenciação e a intertextualidade não são apenas técnicas linguísticas, mas fenômenos textuais fundamentais mobilizados para a produção de sentido em nosso trabalho. Além disso, buscamos evidenciar o caráter argumentativo dos processos referenciais e intertextuais nas interações analisadas. A referenciação constrói a rede de relações nas interações, enquanto a intertextualidade posiciona os comentários feitos pelos internautas dentro de um campo mais amplo, conectando-os a outros textos e as práticas culturais e sociais dos contextos.

A Linguística Textual Brasileira oferece uma compreensão mais profunda de como o texto se organiza e se comunica, não apenas no nível linguístico, mas também no nível social e cultural. Os fenômenos de referenciação e intertextualidade são centrais para essa compreensão, pois revelam como o texto depende de relações e de diálogos com outros textos e com o mundo ao seu redor. O estudo desses processos não só enriquece a análise textual, mas também fornece uma visão mais crítica e reflexiva sobre a produção de sentidos.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresentaremos o caminho percorrido e os procedimentos metodológicos adotados para a execução da presente pesquisa. Neste sentido, discorreremos sobre as etapas decisivas do método de abordagem, delimitação do universo e da amostra, a técnica de coleta de dados e os procedimentos adotados durante a análise de dados.

5.1 Método de abordagem

A presente pesquisa se encontra ancorada em uma *abordagem qualitativa* (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Neste sentido, a pesquisa qualitativa se concentra na coleta e análise de dados não quantitativos, buscando compreender profundamente questões, contextos ou comportamentos humanos complexos. "A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais." (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p 32).

A presente pesquisa se delineou para uma dinâmica das relações sociais em um ambiente natural, à medida em que optamos por coletar dados concretos em interações reais veiculadas no *Instagram*, consideramos que o trabalho se caracteriza pelo seu teor qualitativo.

Destaca-se que nos voltamos para as interações argumentativas que partem do *conflitual*, pois compreendemos que este é o ponto de confluência entre as teorias mobilizadas na presente pesquisa. Optamos por trabalhar, inicialmente, com as premissas da argumentação no discurso (AMOSSY 2020), a polêmica como modalidade argumentativa (AMOSSY, 2017), além dos critérios textuais de intertextualidade (CAVALCANTE 2020,2021, 2022) e referenciação (CAVALCANTE 2003, 2020, 2022)

5.2 Seleção e delimitação do *corpus*

O processo de seleção e delimitação do *corpus* foi composto por algumas etapas. A primeira etapa de seleção foi realizada durante o processo dos seminários 1 e 2, optamos por coletar notícias relacionadas à política brasileira no ano de 2022, aproveitando que era o ano de eleições presidenciais no Brasil. A proposta inicial tinha como objetivo investigar como a polêmica se atualiza nas notícias e nos comentários que as repercutem, com ênfase na polarização política e ideológica entre direita e esquerda acentuada na última eleição presidencial.

Nos propusemos a estabelecer um diálogo entre a polêmica como modalidade argumentativa, como propõe Ruth Amossy (2017) e os critérios textuais da análise da argumentação no discurso (intertextualidade e referenciação) (CAVALCANTE, 2003, 2020, 2021, 2022). A polarização política direita/esquerda no cenário brasileiro pode ser observada nos comentários dos internautas, bem como os outros traços que definem a modalidade polêmica, segundo Ruth Amossy, que são a dicotomização de teses e a desqualificação do outro.

A pesquisa está pautada em dados de situações públicas veiculadas pela plataforma de compartilhamento online *Instagram*, de domínio público e livremente divulgadas. Mesmo em se tratando de publicações livremente divulgadas, optamos por suprimir qualquer dado que pudesse identificar autoria, para que seja preservada a identidade/pseudônimo do internauta. Dessa forma, não haverá necessidade de submissão ao Comitê de Ética/CEP.

O exemplário da análise compõe-se de três notícias e as interações a partir dos comentários sobre elas gerados sobre a política brasileira, especificamente a polarização política direita/esquerda representada pelas figuras de Jair Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva, no período de 2022 a 2023 na página do portal g1, no *Instagram*. Optamos por selecionar notícias de momentos distintos dessa polarização, que seriam: o questionamento sobre a eficiência do sistema eleitoral brasileiro feito pelo então candidato à reeleição, Jair Bolsonaro em um encontro com embaixadores no Palácio da Alvorada em 18 de julho de 2022.

O segundo momento, o resultado da eleição para presidente, onde o candidato Lula venceu o segundo turno das eleições para a presidência do país no dia 30 de outubro de 2022. Com a totalização da apuração de todas as seções, Lula obteve 60.345.999 votos (50,90% dos votos válidos) e Jair Bolsonaro (Coligação Pelo Bem do Brasil) recebeu 58.206.354 votos (49,10% dos votos válidos)[8]. O terceiro momento escolhido, foi a votação do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que condenou e tornou Bolsonaro inelegível em 30 de junho de 2023.

Com relação às questões éticas, este trabalho não objetiva qualquer tipo de coleta de dados que possa envolver riscos a pessoas de grupos específicos, visto que não envolverá diretamente o contato com seres humanos na coleta de dados, nem exposição de nomes reais ou qualquer forma de identificação real. Caso haja necessidade, nomes

[8] Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confira-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-2o-turno . Acesso em: 04/09/2023

serão substituídos por abreviações ou será feito a identificação numérica dos internautas. Será aplicado um efeito para cobrir a imagem dos usuários.

5.3 Técnica de coleta de dados

Na subseção anterior, apresentamos o processo de seleção e delimitação dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho. Como dissemos, selecionamos para a análise três notícias com temáticas relacionadas ao atual contexto de polarização política brasileira direita/esquerda. Neste sentido, após a seleção e delimitação do *corpus*, realizamos a primeira etapa: extrair do *Instagram* os comentários contemplados em cada notícia. Nesse sentido, foram coletados um total de 21.437 (vinte e um mil quatrocentos e trinta e sete) comentários. A tabela (1) a seguir, contempla os dados das interações relacionadas às notícias coletadas para compor o banco de dados da presente pesquisa. Confira:

Tabela 1: Interação nas postagens que constituem o *corpus* da pesquisa

Notícias	**Curtidas**	**Comentários**
N1: Urnas	11.734	2.729
N2:Resultado das eleições	176.613	8.992
N3: Inelegibilidade de Bolsonaro	104.279	9.716
Total de reações	292.626	21.437

Fonte: Elaboração da autora.

A segunda etapa foi selecionar uma amostra dos comentários que contemplasse os traços que dão à polêmica a categoria de modalidade argumentativa. A técnica utilizada para a coleta dos dados foi a da documentação indireta, que se refere ao fornecimento de informações a partir de fontes escritas, eletrônicas ou outras formas de documentação já existentes. As três notícias jornalísticas escritas e os comentários sobre elas foram capturados da Internet e salvas em arquivos JPG. Os demais textos que compõem nosso trabalho foram retirados da Internet e incorporados ao corpo da dissertação.

5.4 Procedimentos de análise de dados

Como procedimentos de análise dos dados coletados para esta pesquisa, inicialmente, buscamos mobilizar as categorias de análise que seriam utilizadas. Como havia o interesse em estudar as interações conflituosas nas redes sociais, partimos dos dados coletados para fundamentar a teoria. A partir disso, foi possível identificar um ponto recorrente nas interações conflituosas analisadas: o constante choque entre pontos de vista dissonantes, geralmente orientados por temas de interesse público e social. Assim, as redes sociais têm sido utilizadas como espaços para a deliberação de assuntos

com pauta pública. Neste caso, focamos nas pautas políticas, que estavam especialmente em destaque em 2022, devido, em grande parte, às eleições presidenciais.

Posto isto, optamos por desenvolver esta pesquisa com base nos preceitos da Teoria da Argumentação no Discurso (2011, 2016, 2017, 2020), de Amossy, no pressuposto de que a argumentação é intrínseca ao funcionamento discursivo, em consonância com a perspectiva de polêmica como modalidade argumentativa (AMOSSY, 2008, 2017) e em alguns postulados da Linguística Textual (CAVALCANTE 2020, 2022), os processos referenciais e fenômenos da intertextualidade. A escolha se ampara no fato de ambas as teorias direcionarem a atenção de suas análises para a interação argumentativa em dados retirados de situações reais situados em contextos interacionais.

6. ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA

Amossy (2017) afirma que a polêmica se constitui a partir de casos concretos, únicos e irrepetíveis. Ela emerge de um confronto interdiscursivo caracterizados pelos três movimentos específicos do seu discurso: a dicotomização, a polarização e desqualificação do outro. Vejamos então, como a polêmica se instaura no espaço público e se atualiza nas interações virtuais e conflituosas selecionadas para a composição do *corpus* desse trabalho.

Os traços definitórios da modalidade argumentativa ocorreram simultaneamente no embate argumentativo. Toda polêmica emerge de um conflito, de um choque de opiniões antagônicas e, a partir desses posicionamentos opostos entre os interlocutores, observa-se a formação dos grupos polarizados. Nas interações polêmicas selecionadas para este estudo, nota-se também a presença do terceiro traço na maioria dos comentários: a desqualificação do outro. Para fins didáticos, analisaremos os três traços separadamente, embora seja importante destacar que, nas interações discursivas eles se manifestam de forma concomitante. Esta análise, como dito anteriormente, terá o respaldo teórico da análise da argumentação no discurso de Ruth Amossy, especificamente a modalidade argumentativa polêmica (2017, 2020), aliado aos critérios de análise da Linguística textual, a referenciação e a intertextualidade.

6.1 Análise da modalidade argumentativa polêmica e critérios textuais de análise da argumentação no discurso

As redes sociais experimentaram um enorme crescimento e mantiveram-se cumprido um papel fundamental na comunicação e interação *online*. Elas se expandiram rapidamente em todo o mundo, com plataformas como o *Facebook, Instagram* e *Twitter,* alcançando bilhões de usuários. O acesso à Internet e a disponibilidade de dispositivos móveis aplicam-se, significativamente, para esse crescimento.

O *Instagram* foi uma das primeiras redes sociais cujo acesso se dá por meio do celular. É a 4ª rede social mais popular em número de usuários, perdendo apenas para o *Facebook*, o *YouTube* e o *WhatsApp*. A rede social consta com [9]1bilhão de usuários ativos mensais no mundo, e 113,5 milhões de usuários no Brasil. Ao longo dos anos, a expansão de suas funcionalidades proporcionaram uma experiência mais abrangente aos usuários, entre elas, a divulgação de notícias. Diversos jornais utilizam o *Instagram* e criam seus

[9] Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/266529-descubra-criou-instagram-o-app-tornou-sucesso.htm . Acesso em: 21/08/2023

perfis na rede para compartilhar notícias, que se espalham rapidamente para um público amplo em questão de minutos que por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários repercutem as mesmas.

> [...] os indivíduos se inserem nos grupos pelos interesses em comum e pelo posicionamento político-ideológico. Ademais, esse espaço de troca de mensagens, reação a *posts3* é também o de manifestar-se, por conseguinte ocorre a dissensão de opiniões sobre questões polêmicas que colaboram para a instauração da polêmica pública. (PEREIRA; BRITO, 2020, p.3).

Esta seção destina-se à apresentação dos resultados obtidos a partir da análise dos dados desta pesquisa. Como forma de recapitulação, ressalta-se que foram extraídas da rede social *Instagram* três notícias, juntamente com os comentários que as repercutiram, todas relacionadas ao atual contexto político brasileiro.

As análises serão conduzidas sob a perspectiva de Ruth Amossy sobre a polêmica argumentativa. Para isso, mobilizaremos as categorias que são específicas da polêmica argumentativa, ou seja, a dicotomização, polarização e desqualificação do outro. Além disso, foram adotados critérios analíticos da Linguística Textual, como referenciação e intertextualidade, considerando sua relevância para a argumentação em interações polêmicas.

Seguindo a ordem cronológica das três notícias selecionadas para compor o corpus, temos inicialmente a postagem publicada em 18 de julho de 2022 no portal *G1* do *Instagram*, com a manchete "Sem provas, Bolsonaro repete a embaixadores suspeitas já desmentidas sobre urnas." Em seguida, a postagem de 30 de outubro de 2022, também no portal *G1* do *Instagram*, que traz a manchete "ELEITO NOVO PRESIDENTE LULA."

Por último, a terceira postagem foi publicada em 30 de junho de 2023 no portal *G1* do *Instagram*, com a manchete "Com voto de Cármen Lúcia, TSE forma maioria para tornar Bolsonaro inelegível." Em seguida apresentaremos alguns comentários das notícias digitais que desencadearam uma série de reações dos internautas.

Figura 20 – Notícia 01 do portal *g1* no *Instagram*

Fonte: https://www.instagram.com/p/CgK4gi2Onhs/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==. Acesso em: 04 set. 2023

Figura 21 – Notícia 02 do portal *g1* no *Instagram*

Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

Figura 22 – Notícia 03 do portal *g1* no *Instagram*

Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igsh=Mm1kangyb25wd3pv . Acesso em: 04 set. 2023

Figura 23 – Compilado de comentários (dicotomização) da Notícia 01

Fonte: https://www.instagram.com/p/CgK4gi2Onhs/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==.

Acesso em: 04 set. 2023

A notícia 1 não atualiza uma dicotomização de tema polêmico, apenas aborda a informação de um evento ocorrido, recentemente: a realização de uma apresentação no Palácio da Alvorada para embaixadores de diversos países, onde o então presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, repetiram suspeitas já desmentidas por órgãos oficiais sobre as eleições de 2018 e a segurança das urnas. Porém, a notícia desencadeou a reação em outros textos, nos comentários dos internautas. Nesse sentido, corroboramos com Cavalcante *et al* (2020) no que diz respeito ao modo de atualização da polêmica:

> O primeiro modo de atualização da polêmica é quando o próprio texto de um dado gênero, (como a charge), refere-se indiretamente, ou alude, a uma situação, divulgada em textos anteriores, que provavelmente vai disparar reações em outros textos, confirmando a modalidade argumentativa polêmica. (CAVALCANTE *et al*, 2020, p.53).

Vemos, nesta interação, a dicotomização política sendo instaurada. Nos comentários situados do lado esquerdo (I1, I2, I3) percebemos que eles concordam com a posição do então presidente e pré-candidato à reeleição, Jair Bolsonaro. O internauta 1 diz: "*NÃO é sobre as urnas as suspeitas, e sim o sistema do TSE. jornal mentiroso.*" O internauta 2 questiona: "*Pq a esquerda tem tanto medo do voto auditável???*" E continua no comentário seguinte: "*Os únicos países que têm eleições com urnas eletrônicas são, BRASIL E BUTÃO!! Alguém acredita 100% nessas urnas de um país marcado pela corrupção!!! Todo o mundo sabe!*" O internauta 3 diz: "*Mesmo que o sistema de urnas seja confiável, o que impede que tenhamos um item a mais de segurança? Alguma coisa errada tem! Não tem lógica*".

Percebemos que os internautas 1,2 e 3 possuem a mesma opinião de Jair Bolsonaro no que diz respeito às eleições eletrônicas do país e a segurança das urnas. Nos comentários situados do lado direito (I4, I5, I6), os internautas assumem posicionamentos opostos ao do então presidente, e, consequentemente do primeiro grupo de usuários.

O internauta 4 diz: "*Não vejo a hora deste dia...será nossa segunda independência...se livrar desse maligno.*" Continua no comentário seguinte: "*Pra ganhar a eleição passada não teve erro das urnas né.... só pq sabe que vai perder essa já está dando chilique.... #forabolsonaro*"

O internauta 5 comenta: "*Ele fazer tudo para fazer o povo acreditar que se ele perder é porque roubaram nas urnas, me poupe né?*"

O internauta 6 diz: "*O ataque só provoca uma reação dos seus opositores. Demonstra a falta de preparo para o cargo.*"

As opiniões atualizam a dicotomização entre direita e esquerda atualmente no país. Essa oposição de dois pontos de vista constitui a polêmica que necessita de um espaço discursivo com dois polos contrários e sem possibilidade de acordo. “Diz respeito a um embate em que opiniões contrárias são manifestadas em praça pública.” (CAVALCANTE *et al*, 2022, p.125).

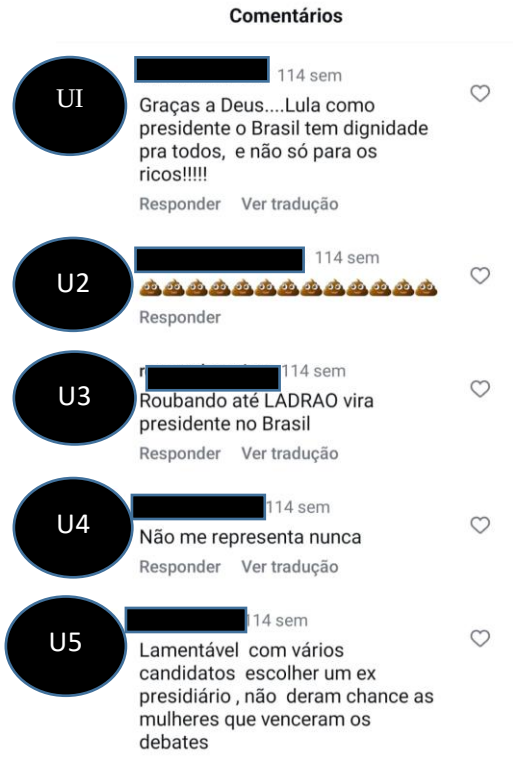
A praça pública das redes sociais são os espaços abertos ao público para que haja a interação, principalmente através dos comentários. Os comentários no *Instagram* são uma parte fundamental da interação e do engajamento na plataforma. Eles permitem que os usuários compartilhem suas opiniões, façam perguntas, e participem de conversas nas postagens de outros usuários. Amossy (2017) defende que as mídias são um espaço profícuo para a difusão da polêmica.

> Mas é nelas que a polêmica se difunde – até mesmo se elabora – no espaço público. É pelo canal das mídias que os discursos parlamentares são reportados ao conhecimento do grande público: é nesse espaço que as discussões cidadãs podem se dar a ler e a ouvir. (AMOSSY, 2017, p.73).

Como o *corpus* da nossa pesquisa foi retirado de um perfil público, o portal de notícias *g1*, abaixo das postagens, há uma seção de comentários onde outros usuários podem escrever e publicar seus comentários públicos sobre a postagem. Outros usuários podem ler os comentários existentes e interagir com eles, respondendo aos comentários ou clicando no botão "Curtir" para expressar sua aprovação.

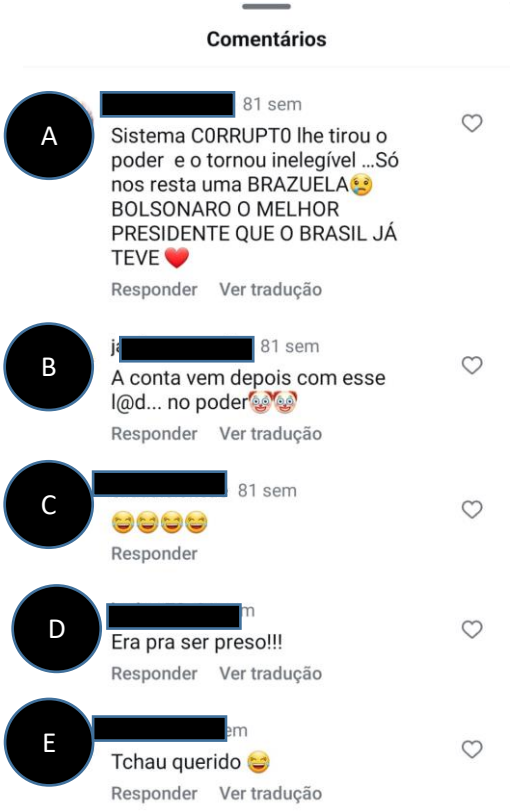
Como podemos observar na análise dos primeiros comentários, a interação entre os internautas da primeira notícia revela uma dicotomização a respeito das eleições eletrônicas e a segurança das urnas, que teve como gatilho a declaração feita pelo Jair Bolsonaro no encontro com embaixadores no Palácio da Alvorada. Observamos nos comentários que repercutiram a notícia 2 e notícia 3 o mesmo traço da dicotômico presente na notícia 1.

Figura 24 – Compilado de comentários (dicotomização) da Notícia 02



Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

Figura 25 – Compilado de comentários (dicotomização) da Notícia 03



Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igsh=Mm1kangyb25wd3pv . Acesso em: 04 set. 2023

Novamente a dicotomização política foi instaurada a partir da análise dos comentários das notícias 02 e 03. Sobre a notícia 02, que se trata do anúncio de que Lula foi eleito para a presidência do país, temos o comentário da U1 que comemora a vitória do candidato, ao dizer: "*Graças a Deus....Lula como presidente o Brasil tem dignidade para todos, e não só para os ricos*!!!" Os comentários a seguir (U2, U3, U4, U5) se posicionaram contra a notícia, demonstrando a falta de apoio ao candidato Lula.

Nos comentários da notícia 03, que se refere a inelegibilidade de Jair Bolsonaro, temos o comentário do usuário A não concorda com a decisão do TSE como podemos observar no comentário: "*Sistema CORRUPTO lhe tirou o poder e o tornou inelegível... Só nos resta uma BRAZUELA BOLSONARO O MELHOR PRESIDENTE QUE JÁ TEVE*." reflete um sentimento de frustração e de apoio contínuo a Jair Bolsonaro, particularmente entre seus apoiadores.

Esse comentário revela a crença de que o ex-presidente foi vítima de um "sistema corrupto" que, segundo o autor, conspirou para retirá-lo do poder e torná-lo inelegível, referindo-se a decisão judicial citada na notícia e que afeta sua capacidade de disputar novas eleições.

Além disso, ele usa o termo "BRAZUELA", que como vimos em outros comentários, são associações do Brasil com a Venezuela. "Brazuela" é um termo que não faz parte do vocabulário formal da língua portuguesa, usado para se referir à relação entre Brasil e Venezuela, geralmente em contextos políticos, econômicos ou culturais, com uma carga subjetiva e ideológica. Ele é uma fusão dos nomes dos dois países, sendo, portanto, considerado um neologismo, inserido no comentário como uma introdução referencial. "O papel da introdução referencial é apresentar pela primeira vez um novo referente, sem que este esteja ancorado no texto anteriormente." (SOARES, 2018, p. 49).

O locutor apresenta um ponto de vista indiciado na introdução referencial, o qual indica uma postura contra a política atual do país, sugerindo que o Brasil estaria seguindo políticas semelhantes às da Venezuela, vistas como negativas, sob a sua perspectiva. Dessa forma a introdução referencial apresenta um posicionamento argumentativo do locutor.

> Recorrer ao nome próprio como introdução referencial possibilita alçar conhecimentos partilhados acerca do referente que é acionado em virtude dos conhecimentos compartilhados "impregnados" no nome próprio, principalmente, quando há modificações no modo de expressão dessas formas referenciais, ativando conhecimentos e indiciando uma orientação

> argumentativa que tende a se confirmar ao longo do texto por outras pistas contextuais. (SOARES, 2018, p. 52)

O comentário B segue não concordando com a inelegibilidade do Bolsonaro. Os comentários D e E atualizam a dicotomização da notícia, ao se manifestarem satisfeitos com a decisão do TSE. Destacamos o comentário E com a frase "*Tchau querido*", que se trata de uma intertextualidade estrita por alusão. Conforme já foi discutido anteriormente, a alusão estrita seria uma menção indireta. "(...) uma relação intertextual em que o locutor deixa pistas para que seu interlocutor resgate o sentido pretendido do texto, pois há insinuações, **menções indiretas ao texto-fonte no novo texto**." (CAVALCANTE, 2022, p. 382).

O texto-fonte do comentário E é a frase "Tchau, querida" surgida no contexto político brasileiro durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. Sua origem está ligada a um áudio vazado de uma conversa telefônica entre Dilma e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, divulgado pelo então juiz Sérgio Moro no âmbito da Operação Lava Jato.

No diálogo, Dilma informou a Lula que enviaria um documento referente à sua nomeação como ministro da Casa Civil. A divulgação do áudio gerou polêmica, pois adversários políticos interpretaram a ação como uma tentativa de garantir o foro privilegiado a Lula, dificultando sua investigação na Lava Jato. Ao final da ligação, Lula se despede com a expressão "Tchau, querida", um termo coloquial e sem intenção política naquele momento. No entanto, a frase foi rapidamente respondida pelos opositores e transformada em um símbolo do fim do governo Dilma.

Durante a votação do impeachment na Câmara dos Deputados, vários parlamentares apresentaram uma expressão de forma irônica ao declarar seus votos contra o ex-presidente. Além disso, a frase ganhou força entre os críticos do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo amplamente compartilhada em redes sociais e políticas de manifestação. Desde então, "Tchau, querida" segue sendo usado no debate político brasileiro, principalmente por grupos críticos do Partido dos Trabalhadores (PT).

Assim como "Tchau, querida" se tornou um marco do impeachment de Dilma, "Tchau, querido" passou a representar as derrotas políticas de Bolsonaro, tais como a perda para presidente do país e a sua inelegibilidade anunciada na notícia 3. Essas construções textuais evidenciam a forte polarização e a continuidade do uso de expressões irônicas na política brasileira.

A dicotomização instaurada leva à segunda propriedade da polêmica, a polarização social. Vejamos como isso acontece nos comentários das três notícias, onde podemos observar os polos contrários sendo formados na sociedade em relação à política brasileira, que vieram se consolidando ao longo dos anos e nesta última eleição, através do uso mais intensivo das redes sociais.

Figura 26 – Compilado de comentários (polarização) da Notícia 01

Fonte: https://www.instagram.com/p/CgK4gi2Onhs/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==.
Acesso em: 04 set. 2023

Nos comentários da notícia 01, começamos pelo internauta AC onde ele diz: "*BOLSONARO REELEITO*" teve 66 curtidas e 14 respostas de outros internautas, uma interação significativa na postagem. O comentário foi escrito em letras maiúsculas, "[...] escolha que, no ambiente digital, costuma indicar uma imposição daquilo que está sendo dito." (CAVALCANTE *et al*, 2020, p.76) Os internautas VD, LV, RZ e CA se reportam diretamente ao internauta AC, por meio do @. Essas respostas ao comentário AC são o que Muniz-Lima (2024) aponta como um aspecto da interatividade, o caráter dialogal.

> Consideramos esse elemento da interatividade como a possibilidade que os interlocutores têm de fornecer respostas entre si, estabelecendo trocas dialogais. Esse aspecto se refere, portanto, à possibilidade que os interlocutores podem ter de realizar trocas de turno nas interações no contexto digital." (MUNIZ-LIMA, 2024, p. 176)

Percebemos, nessa interação, que já há uma polarização. A leitura dos comentários permite identificar dois grupos diferentes: os internautas que apoiam a reeleição de Bolsonaro e os que são contrários. O grupo favorável é representado pelo comentário do internauta AC, assim como pelo internauta LV, que utiliza a hashtag #Bolsonaro2022, e pelo internauta RZ, que inclui bandeiras do Brasil em sua mensagem O uso dessas bandeiras, presentes também no comentário de AC, está associado ao patriotismo característico dos apoiadores de Bolsonaro.

> No contexto digital, de modo ainda mais amplo, estamos diante de uma multiplicidade de sistemas semióticos, e, por isso, observar não só as semioses oral e escrita, mas também a imagética (estática e dinâmica), a gestual e a sonora são fundamentais para a compreensão do que está sendo construído nessas interações. (CAVALCANTE; MUNIZ LIMA, 2022, p.10).

Seguindo com o restante dos comentários, na interação que houve na captura de tela ao lado esquerdo da página, a polarização segue sendo instaurada. O internauta VD responde o internauta AC, dizendo: "*Mano tu e doido esse cara e psicopata*." O internauta CA diz: "*kkkkkkk*". Percebemos que o internauta VD não concorda com a opinião do internauta AC e o desqualifica atribuindo-lhe o adjetivo de "doido". Além disso, o internauta recategoriza o referente Bolsonaro para "psicopata", se configurando como uma estratégia de desqualificação do então presidente. "As expressões recategorizadoras podem explicitar o posicionamento do locutor ou a forma como este estabelece o posicionamento de outros enunciadores presentes no texto." (SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013, p. 63).

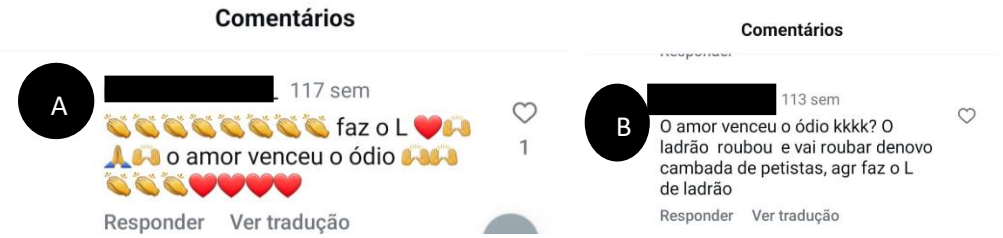
Podemos perceber que a recategorização referencial utilizada pelo usuário possui um teor argumentativo na interação, configurando-se como uma escolha textual do locutor. Essa escolha se insere no terceiro traço definitório da modalidade argumentativa polêmica, que tem como objetivo desqualificar o adversário e influenciar a opinião do terceiro.

Nos comentários da direita temos o internauta JL que concorda com o posicionamento de Bolsonaro em relação a vulnerabilidade das urnas ao dizer: "*Sem provas MEU SACO! Ja foi provado a vulnerabilidade das urnas pelo proprio relatorio do TSE que Bolsonaro vazou na malandramente. Fanfarrões voces....*" O usuário RV comenta: "*é o desespero*." Por fim, o internauta RG faz o seguinte comentário: "*esse mi, mi, mi de bolsominions não acaba nunca*." Esses dois últimos comentários se posicionam contrários ao então presidente.

Os usuários assumem posicionamentos dicotômicos ao longo da interação, constituindo a polarização no espaço público. Vemos a formação do grupo que apoia Jair Bolsonaro e defende as suas colocações, e o grupo que não concorda com o seu posicionamento, e, portanto, não o apoia.

Esses grupos apesar de interagirem não visam persuadir o grupo oposto, mas sim influenciar a opinião do Terceiro, "[...] a quem é dirigido esse choque de opiniões antagônicas. A ele cabe o papel de espectador, no entanto, a partir do momento em que se posiciona deixa de ser o Terceiro, para ser Proponente ou Oponente)." (PEREIRA; BRITO, 2020, p. 07) A polarização é a característica pela qual os participantes da polêmica tentam cooptar adeptos na interação. Na notícia 2, de um lado, temos os internautas que reconhecem a vitória de Lula para a presidência do Brasil. De outro, temos os que refutam por considerarem o candidato um político corrupto, que já foi preso e como muitos afirmam, um ladrão.

Figura 27 – Compilado de comentários (polarização) da Notícia 02



Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

A Notícia 2 traz a imagem do candidato Lula (figura 21) fazendo o gesto com a mão em formato de "L", um slogan de sua campanha[10] em 2022 que se popularizou e é utilizado tanto por seus apoiadores quanto por seus opositores. O internauta A comemora a vitória do candidato em seu comentário e faz referência ao slogan, estabelecendo uma relação intertextual com a imagem que ilustra notícia. Dessa forma, a expressão "faz o L" é empregada para manifestar apoio e elogiar Lula.

No entanto, a polarização se evidencia nas interações, pois os opositores do candidato também utilizam a expressão por meio de uma alusão estrita, mas ressignificam o "L", associando-o à palavra "ladrão", como exemplificado no comentário do internauta B. "O texto é entendido como o ponto de encontro de muitos diálogos, do cruzamento de vozes originadas das práticas de linguagem." (FARIA, 2014, p. 26, 27)

[10] https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/08/em-ritmo-de-pisadinha-jingle-da-campanha-de-lula-aposta-em-coreografia-de-redes-sociais.ghtml

Nesse sentido, o dialogismo pode ser subjacente ao pressuposto amplo de que todo texto é absorção de outro texto. Todo texto é resultado de um encontro de diferentes vozes e diálogos que se cruzam dentro das práticas de linguagem.

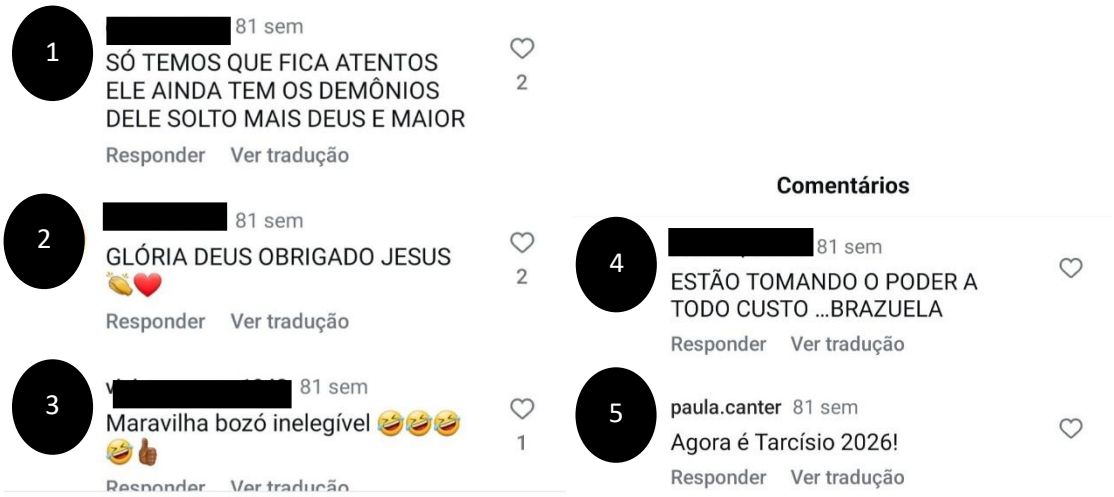
Os dois comentários dialogam com a imagem que traz o slogan da campanha de Lula, mas apresentam posicionamentos discursivos distintos. No segundo comentário, a intenção argumentativa do locutor é desqualificar o candidato que venceu as eleições. Vejamos outros comentários de opositores ao Lula:

Figura 28 – Compilado de comentários (polarização) "Faz o L de ladrão"

Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

Podemos verificar que os comentários seguiram utilizando a expressão "faz o L de ladrão." Podemos inferir que são os opositores ao candidato que passaram a associar Lula à palavra "ladrão" como uma crítica baseada em acusações e condenações passadas contra o mesmo. Na notícia 3 que se refere a inelegibilidade de Bolsonaro, identificamos a polarização nos comentários que de um lado comemoraram o fato supracitado na notícia, e do outro, foi identificado os apoiadores do ex-presidente lamentando o acontecimento.

Figura 29 – Compilado de comentários (polarização) da Notícia 03



Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igsh=Mm1kangyb25wd3pv . Acesso em: 04 set. 2023

Percebemos a polarização instaurada, onde os comentários 1, 2 e 3 demonstram satisfação com o fato de o TSE ter formado maioria para tornar Bolsonaro inelegível. Destacamos o comentário 3 "*Maravilha bozó inelegível*" reflete uma postura crítica e comemorativa por parte do autor em relação à inelegibilidade de Jair Bolsonaro. A recategorização para "Bozo" é um claro indicativo de desdém, associando Bolsonaro a uma figura caricatural onde o interlocutor alude a um estereótipo cultural do personagem.

O apelido dado a Jair Bolsonaro tem várias origens, mas está relacionado principalmente a uma tentativa de desqualificação e caricaturização do ex-presidente, associando-o a uma figura negativa. O nome "Bozo" originalmente se refere a um palhaço de um programa infantil da década de 1980, conhecido por ser exagerado, com um comportamento muitas vezes bobo ou ridículo.

Além disso, o apelido ganhou força durante o período em que Bolsonaro esteve no poder, especialmente por parte de seus críticos, como uma forma de ridicularizá-lo, associando suas atitudes e declarações a algo infantil, irresponsável ou desprovido de seriedade. A associação do nome "Bozo" ao ex-presidente foi uma estratégia de desconstrução de sua imagem pública, utilizando um símbolo da cultura popular para fortalecer a crítica.

No contexto político brasileiro, os comentários 1,2 e 3 revelam uma satisfação de setores contrários ao bolsonarismo com a ideia de que o ex-presidente não poderá participar das próximas eleições. Esse tipo de comentário indica uma vitória simbólica para os opositores de Bolsonaro, que celebram a possibilidade de sua exclusão do jogo

político eleitoral. Assim, os comentários expressam tanto uma crítica direta ao ex-presidente quanto uma aprovação de sua marginalização política.

Os comentários 4 e 5 se mostram apoiadores de Bolsonaro. O comentário 5 "*Agora é Tarcísio 2026!*" revela um apoio à continuidade do bolsonarismo no cenário político brasileiro, destacando Tarcísio de Freitas como uma liderança possível para as eleições presidenciais de 2026. Tarcísio, atual governador de São Paulo e aliado de Jair Bolsonaro, é visto como uma alternativa para os governantes que apoiam o ex-presidente e busca manter sua agenda política. Ao mencionar a candidatura de 2026, o comentário indica movimentações e articulações dentro da direita para viabilizar sua candidatura.

Dessa forma, a frase sugere que o eleitorado bolsonarista está começando a consolidar Tarcísio como um novo representante político, pronto para dar continuidade aos valores e propostas defendidos por Bolsonaro.

Neste ponto da análise, pretendemos examinar a desqualificação do outro em contexto de interação digital. Como aporte teórico, utilizaremos os pressupostos da terceira propriedade da modalidade argumentativa polêmica de Amossy (2017), perpassando pelos estudos sobre argumento *ad hominem* de Fiorin (2022), violência verbal em contexto digital e o teor argumentativo dos processos referencias e intertextuais. Começaremos pelos comentários da primeira notícia:

Figura 30 – Compilado de comentários (desqualificação) da Notícia 01

Fonte: https://www.instagram.com/p/CgK4gi2Onhs/?igshid=NmQ4MjZlMjE5YQ==. Acesso em: 04 set. 2023

O primeiro caso analisado parte de uma interação entre internautas a partir do comentário do internauta 01, que diz: "*É um marginal*." Os comentários que se seguem

são respostas ao comentário do internauta 1 e internauta 2, como podemos verificar na imagem capturada as marcações feitas pelo @. O uso do @ como estratégia específica nas interações digitais está diretamente ligado ao seu papel de referência e direcionamento no discurso. A dêixis, no contexto linguístico, refere-se a elementos que precisam de um contexto específico para serem interpretados, como pronomes, advérbios de tempo e espaço, e marcas de pessoa. Nesse sentido, o @ funciona como um marcador dêitico ao estabelecer uma referência explícita a um interlocutor dentro de um espaço comunicativo digital.

Nas redes sociais e aplicativos de mensagens, o @ permite que o emissor direcione seu discurso a um destinatário específico, delimitando o contexto de interação. Quando alguém menciona um usuário com @username, está criando um ponto de referência claro dentro do fluxo da conversa, tornando uma interação mais eficiente e evitando ambiguidades. Esse mecanismo é especialmente útil em ambientes virtuais com múltiplos participantes, como grupos no *WhatsApp* ou fóruns no *X*, onde a necessidade de indicar claramente quem se dirige a mensagem é fundamental e em interações no *Instagram*, através dos comentários dos usuários.

Além disso, o @ pode fortalecer a construção de identidade digital ao vincular a fala de um usuário ao seu perfil, promovendo engajamentos e interações personalizadas. Essa dêitica não apenas organiza a estratégia de comunicação, mas também influencia a forma como as relações sociais se estabelecem no ambiente virtual, criando um senso de proximidade e reconhecimento entre os interlocutores.

O contexto da postagem indica a recategorização sofrida pelo referente estabelecido ao candidato Bolsonaro, "marginal" como uma tentativa de desqualificá-lo, pois o termo foi utilizado de maneira pejorativa no sentido de que se trata de alguém que não respeita as leis, um criminoso. "(...) a recategorização, a qual vai acrescentando ou alterando características e propriedades dos referentes, por meio de traços diferentes que lhe vão sendo atribuídos, cada um revelando uma face diferente do mesmo objeto." (MATOS, 2018, p. 05).

Percebemos que as principais figuras públicas mencionadas nos comentários dos usuários, Lula e Bolsonaro, são constantemente recategorizados, e na tentativa de desqualificar as suas imagens públicas, e características depreciativas lhes são atribuídas, revelando a intenção argumentativa das interações.

O internauta 02 responde o comentário da seguinte forma: "*quem, o Lula*🤣🤣🤣". Ao responder o comentário do internauta 01, o usuário 02 rebate a desqualificação e

atribui ao candidato da oposição, no caso o Lula, atualizando a polêmica e polarizando os grupos de quem considera Bolsonaro ou Lula como marginal. O internauta 04 também menciona o candidato Lula no seu comentário: "*putz, Lula é o que? Ele sim, é presidiário*." Além de questionar se o Lula não é um marginal, o usuário afirma que o candidato é um presidiário.

Pelo processo intertextual de alusão os leitores recuperam a informação de que o candidato Lula foi preso[11], porém, não é mais um presidiário, uma vez que ele já se encontra em liberdade. "Na verdade, a alusão é um tipo de citação mais discreta, já que não é explícita, e exige mais da memória do leitor, para perceber a relação de um texto com outro nas entrelinhas." (FARIA, 2014, p. 45). O recurso intertextual acrescenta uma capacitação argumentativa ao texto, uma vez que a pista que o locutor sugere é a palavra presidiário para lembrar o seu interlocutor que o então candidato Lula já foi preso, e, portanto, não seria digno de credibilidade.

Percebemos que a intenção do usuário 04 ao afirmar que o Lula é um presidiário foi desqualificar o candidato à presidência, pois na disputa do embate visando o Terceiro, a desqualificação do Oponente é feita de modo a rebaixá-lo, oprimi-lo. "A desqualificação da tese, geralmente, acompanha a desqualificação da pessoa ou do grupo que ela representa." (AMOSSY, 2017, p.59).

Apesar da notícia não ser sobre o Lula de maneira direta, por ele ser o principal candidato adversário do Jair Bolsonaro, os grupos estão em constante interação no meio digital se atacando e atacando o candidato do grupo opositor, como podemos ver na interação dos comentários que repercutem a notícia.

A desqualificação do outro surge a partir do movimento de polarização, quando o sujeito se identifica com um grupo e passa a depreciar o grupo opositor. O internauta 03 se reporta diretamente ao internauta 02 por meio do @ e no seu comentário diz: "*Lula presidente 2022* 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 *para o desespero dos b0lsoloides re-tar-da-dos comedores de c@pim* 😂😂😂😂😂 *vcs vão fazer arminh@ nos 5* dos inf€rn0s*." Nota-se que o usuário 03 apoia o candidato Lula para a presidência do Brasil e desqualifica o grupo que faz oposição ao mesmo, ou seja, o grupo que apoia o candidato Jair Bolsonaro, inserindo o internauta 02 nesse grupo ao utilizar o termo "vcs".

[11] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pris%C3%A3o_de_Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva Acesso em: 14/09/2023

Para isso, ele utiliza palavras agressivas, que por questão de o *Instagram* possuir diretrizes[12], e quem as desrespeita com linguagem ofensiva ou violência pode ser denunciado por qualquer usuário, o usuário utiliza caracteres especiais e divisão silábica para tentar burlar os filtros de proteção e poder insultar o usuário.

O internauta 03 em vez de discutir com argumentos a afirmação do internauta 02, preferiu atacar diretamente a sua pessoa, colocando em dúvida a sua credibilidade, utilizando argumento *ad hominem* na sua variante de ataque pessoal direto, onde "[...] sempre se apresenta uma característica negativa do debatedor." (FIORIN, 2022, p.181)

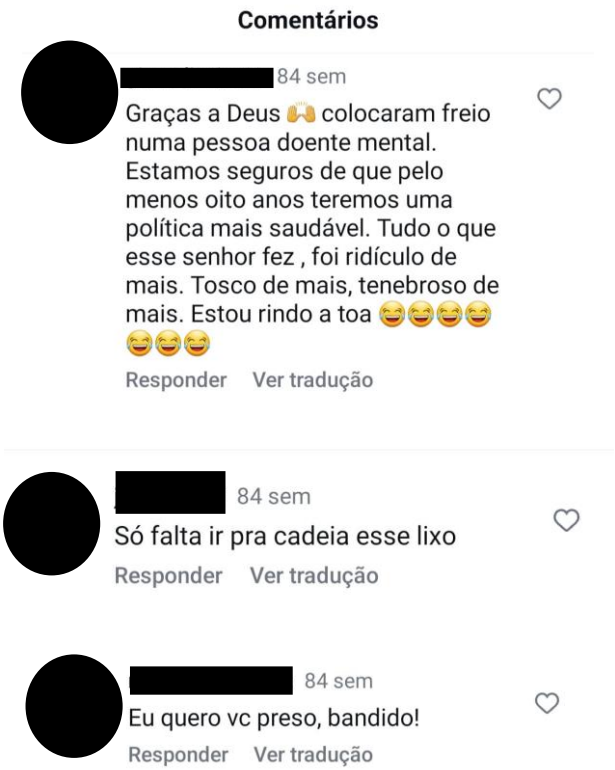
O ataque foi motivado por uma tomada de posição do internauta 02, que ao afirmar que o Lula seria o marginal, o internauta 03 automaticamente o identificou como pertencente ao grupo apoiador do candidato Bolsonaro. "É, portanto, o próprio ser do Oponente naquilo que é constitutivo de sua identidade social que se vê atacado." (AMOSSY, 2017, p 60).

Os interactantes atualizam a polêmica e ao defender seu ponto de vista – no caso da interação exemplificada, qual candidato pode ser considerado um marginal – desqualificam o outro, recorrendo a violência verbal. "Para a desqualificação do outro, em algumas interações, o Proponente pode recorrer ao uso da violência como estratégia argumentativa, deixando mais evidente o apelo à figura patêmica." (CAVALCANTE *et al*, 2020, p.68).

O internauta utilizou argumento a*d hominem* para atacar o seu Oponente, que se trata de um argumento relacionado ao *pathos*, pois está ligado às emoções que podem suscitar nos interlocutores. A desqualificação de Jair Bolsonaro segue na terceira notícia, como podemos verificar nos comentários abaixo:

Figura 31 – Compilado de comentários (desqualificação) da Notícia 03

[12] Disponível em: https://about.instagram.com/pt-br/safety Acesso em: 14/09/2023



Fonte: https://www.instagram.com/p/CuHqTv0tJ92/?igsh=Mm1kangyb25wd3pv . Acesso em: 04 set. 2023

Observamos um conjunto de comentários postados na primeira e terceira notícia, nos quais os autores se dirigem diretamente ao ex-presidente do país. Esses comentários recorrem à recategorização de "Bolsonaro" com o objetivo de desqualificá-lo, empregando termos agressivos e estratégias de ataque, que incluem até mesmo a sua diabolização.

Comentários dos internautas gerados a partir da notícia:

- **F. F.:** *Enlouquecido, dó desse ser*
- **L.G.:** *Ele é uma doença grave no Brasil de ódio e corrupção.*
- **E.S.:** *Satanás desse*
- **F.G.:** *Desorientado*
- **A.T.:** *Ridículo, querendo comprometer a democracia do país, já devia ter sido preso*
- **M.M.:** *Asno*
- **L.S.:** *Esse senhor é uma fr4lde*
- **E.G.:** *Bozo é medíocre*
- **S.T.:** *Palhaço Faz o LLL*

- **D.13.:** *Lugar de covarde é fora do sistema mesmo*
- **J.J.:** *Lugar de lixo é no lixo...*
- **N.P.:** *Bah esse infeliz q se diz presidente ta desesperado*
- **R.R.:** *Não vejo a hora deste dia.... será nossa segunda independência... se livrar desse maligno.*

Podemos verificar que por meio de anáforas diretas que representam a retomada recategorizadora do referente Bolsonaro os internautas não apenas recuperam o referente Bolsonaro, mas acrescentam novos sentidos por meio das caracterizações que o modificam, proporcionando-lhe diversos acréscimos de informações através dos termos "enlouquecido", "desorientado", "ridículo", "asno", "fralde", "medíocre", "palhaço", "covarde", "lixo" e "infeliz".

A utilização desses vocábulos tem como estratégia a desqualificação do presidente. "Pelas recategorizações nas anáforas, é possível agregar valores e pontos de vista ao referente, mantendo-o também em foco no texto e permitindo sua continuidade em rede, com os demais elementos." (CAVALCANTE, 2022, p. 293).

Destacamos a recategorização metafórica entre os referentes "Bolsonaro" e "doença" de ódio e corrupção no comentário de L.G.: "*Ele é uma doença grave no Brasil de ódio e corrupção*." O uso da metáfora "doença grave" sugere que sua influência teria causado danos significativos à política e à estabilidade do país, representando uma ameaça, segundo essa visão crítica.

Ao estabelecer essa comparação direta, o internauta evidencia o caráter argumentativo de seu enunciado, pois a doença é algo que necessita de tratamento para ser curada. Inferimos, portanto, que, nessa perspectiva, a retirada de Bolsonaro do poder seria equivalente a essa "cura".

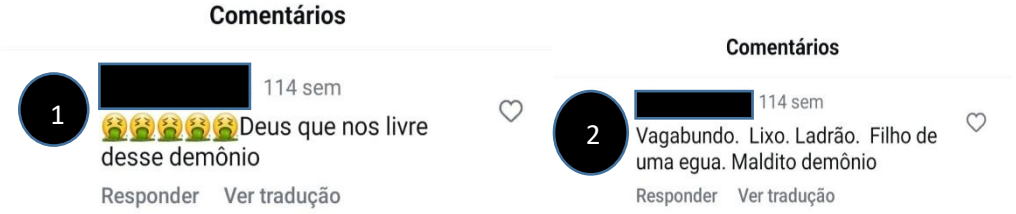
> (...) a eficácia retórico-argumentativa deste processo revela-se não só pela grande quantidade de enunciados em que há algum tipo de construção referencial metafórica, mas também pelo fato de que sua emergência, de forma qualitativa, caracteriza uma recategorização que opera como uma forma particular de articulação de diferentes domínios linguístico-conceptuais, cuja função é reinterpretar ou dar uma determinada orientação argumentativa para informações dispostas na enunciação. (MARTINS; MORATO, 2013, p. 91,92)

Pela proposta de Amossy (2017), a desqualificação ocorre com o intuito de desacreditar o adversário e o seu discurso. Os usuários dos comentários recorrem então à estratégia de recategorização para atingir o objetivo de desqualificar a sua pessoa e a tese que ele sustenta. "Valer-se dos processos referenciais para argumentar, como já foi

discutido, é um dos recursos linguageiros para persuadir aqueles que se intenta atingir ao interagir textualmente." (CAVALCANTE et al, 2020, p.139).

Ocorre ainda em dois comentários, o que seria para Amossy (2017) o extremo da desqualificação do outro. Os usuários E.S. e R.R. fazem referência a Jair Bolsonaro respectivamente, como "satanás" e "maligno". O termo "satanás[13]" é empregado como sinônimo da palavra diabo, ou seja, a desqualificação atingiu o nível de diabolização do adversário, visto como um mal absoluto. "O outro demonizado só pode ser excluído porque é impensável estabelecer um diálogo com Satã em pessoa." (AMOSSY, 2017, p.60) Já o termo "maligno[14]" empregado como substantivo masculino no comentário, também faz alusão ao diabo. Vejamos alguns comentários que repercutem a notícia 02, onde o Lula é desqualificado e os usuários também utilizam termos de diabolização.

Figura 32 – Compilado de comentários (diabolização) da notícia 02



Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

Os usuários que fazem os comentários 1 e 2 utilizam o processo de recategorização ao se referir ao então presidente eleito Lula como "demônio". O termo demônio[15] bem como satanás e maligno representa a figura do diabo. A diabolização do Oponente caracteriza a polarização total dos grupos que seriam então divididos como o bem e o mal. Em nossa cultura, majoritariamente cristã[16], o diabo é a representação do mal. "Na visão cristã, o Hades tornou-se um lugar da presença do mal, e como contraste perturbador, a ausência total do bem." (FERNANDES, 2016, p.18).

Logo, essa comparação com o diabo recai na visão dos interlocutores sobre o presidente, pois a desqualificação sempre visa a face do Terceiro. "É precisamente nessa ação (de linguagem) para afetar o outro que reside o caráter argumentativo da construção

[13] Disponível em: https://www.dicio.com.br/satanas/ Acesso em: 16/09/2023
[14] Disponível em: https://www.dicio.com.br/maligno/ Acesso em 16/09/2023
[15] Disponível em: https://www.dicio.com.br/demonio/ Acesso em 24/01/2025
[16] Disponível em: https://jornal.unesp.br/2022/07/05/as-religiosidades-do-brasil-da-independencia-a-pluriexistencia/#:~:text=O%20Brasil%20ainda%20se%20mant%C3%A9m,mais%20majoritariamente%20cat%C3%B3lico%2C%20mas%20crist%C3%A3o. Acesso em: 16/09/2023

da referência.” (CAVALCANTE et al, 2020, p.133). Podemos verificar outras retomadas recategorizadoras do referente Lula na notícia 2 com o intuito de desqualificá-lo:

Figura 33 – Compilado de comentários (desqualificação) da Notícia 02

Fonte: https://www.instagram.com/p/CkWv4JWsMLf/?igsh=NWkzb2hmdWs5bmFu . Acesso em: 04 set. 2023

Nos comentários acima, podemos verificar que os internautas X, Y e Z retomam por anáforas diretas recategorizadoras o referente Lula e investe-o de novos conteúdos informacionais, acrescentando novos sentidos, tendo em vista o seu propósito argumentativo de desqualificar o candidato. A recategorização de Lula para os referentes (bandido, ladrão e desgraça) sinalizam para a depreciação dele. Nos três comentários aparece a expressão “Lula ladrão” que tem sido amplamente usada no contexto político brasileiro, especialmente por críticos do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Essa frase utilizada com frequência nos comentários dos opositores de Lula faz referência às acusações de corrupção e outros crimes que envolvem o presidente e o Partido dos Trabalhadores (PT). A mais notória delas é sua condenação no âmbito da Operação Lava Jato, em que ele foi acusado de envolvimento em esquemas de corrupção envolvendo grandes empresas estatais, como a Petrobrás. A expressão “Lula ladrão” é, em muitos casos, uma forma de deslegitimar sua imagem pública.

Percebemos ao longo da análise das interações que os interlocutores mobilizaram estratégias para delinear seu posicionamento acerca das notícias e das principais figuras políticas citadas, Jair Bolsonaro e Lula. Dentre as estratégias, podemos verificar que as três propriedades da modalidade argumentativa polêmica foram mobilizadas, além da

utilização de processos referenciais e intertextuais na dinâmica argumentativa que tencionam influenciar o outro.

6.2 Resultados

Caracterizamos diferentes modos de atualização da polêmica com base na teoria de Ruth Amossy (2017) e nos postulados da Linguística Textual, analisando comentários de internautas em três notícias selecionadas, publicadas na página do Instagram do Portal G1. Evidenciamos a construção referencial como uma estratégia argumentativa, considerando a intenção dos locutores de desqualificar o oponente e influenciar o outro por meio dos processos referenciais apresentados nos comentários.

Além disso, relacionamos os processos intertextuais às manifestações interacionais dos textos detalhados e concluímos que os próprios comentários se inserem nas intertextualidades estritas, pois comentam, criticam e refutam outros textos — o que a Linguística Textual descreve como metatextualidade. Assim como a referenciação, a intertextualidade também assume um caráter argumentativo na análise proposta, uma vez que as repetições escolhidas pelos locutores não são neutras; pelo contrário, negociam sentidos com o propósito de influenciar o outro. Por fim, este trabalho contribui para a compreensão das relações entre interações polêmicas digitais e estratégias argumentativas nos textos investigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo analisar a atualização da polêmica nas interações dos internautas nas redes sociais, especificamente no *Instagram*, à luz da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Ruth Amossy e dos conceitos da Linguística Textual. Ao longo do trabalho, buscamos entender como a argumentação se manifesta nas discussões virtuais, onde temas polêmicos são debatidos e frequentemente polarizados, gerando dissensos e intensificando a dicotomização entre diferentes pontos de vista.

Os objetivos propostos foram atingidos de maneira significativa. Primeiramente, conseguimos identificar como a argumentação se constrói nas interações polêmicas nos comentários dos internautas, destacando os três principais traços da polêmica argumentativa: dicotomização, polarização e desqualificação do outro. Esses elementos foram analisados no contexto das redes sociais, permitindo compreender o papel crucial da Internet na promoção de debates acirrados e no engajamento dos cidadãos nas questões sociais e políticas.

Em segundo lugar, cumprimos o objetivo de investigar como os parâmetros da Linguística Textual, como a intertextualidade e a referenciação, contribuem para a textualização e orientação argumentativa nessas interações. Foi possível observar que esses recursos linguísticos desempenham um papel fundamental na construção de sentidos e na legitimação de diferentes teses, ampliando a compreensão sobre como as redes sociais se configuram como espaços de disputas discursivas.

Por fim, conseguimos contextualizar a polêmica argumentativa no cenário atual das mídias sociais, refletindo sobre sua importância para a democracia e destacando como as redes sociais se tornaram espaços significativos para o debate público. A pesquisa permitiu compreender que a polêmica, longe de ser um simples conflito, é uma estratégia discursiva eficaz para atrair a atenção e fomentar o engajamento, consolidando-se como um elemento central nas interações digitais.

A partir da perspectiva de Amossy, foi possível observar que a polêmica não apenas é uma característica intrínseca à democracia, mas também uma estratégia discursiva poderosa nas redes sociais, que permite aos cidadãos manifestarem suas opiniões e se engajarem ativamente em debates públicos. A pesquisa revelou como a intertextualidade e a referenciação, categorias centrais da Linguística Textual, contribuem para a construção e a textualização dessas interações polêmicas, influenciando a forma como as diferentes vozes se posicionam e se confrontam.

Ao longo da análise das interações, percebemos que os interlocutores mobilizaram diferentes estratégias para delinear seu posicionamento em relação às notícias e às principais figuras políticas mencionadas, Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Dentre essas estratégias, identificamos o uso das três propriedades da modalidade argumentativa polêmica, além da utilização de processos referenciais e intertextuais na dinâmica argumentativa, com o objetivo de influenciar o outro.

Partimos do pressuposto de que todo o texto é argumentativo e, portanto, os comentários dos internautas têm sempre a intenção de influenciar o terceiro, modificando seu ponto de vista sobre o assunto debatido. Para isso, o locutor emprega estratégias discursivas e argumentativas que o auxiliam a alcançar esse objetivo. A análise revela que a escolha das marcas textuais — como os processos referenciais, as introduções e retomadas recategorizadoras — e dos recursos intertextuais —como alusão e citação — tem caráter argumentativo e contribui para o confronto polêmico.

Por fim, esperamos que os resultados deste estudo contribuam para o avanço das pesquisas na área de Argumentação, ao oferecer uma análise das interações polêmicas nas redes sociais e integrar os conceitos da Linguística Textual com a Teoria da Argumentação no Discurso. Este trabalho também abre novas possibilidades de investigação sobre o impacto das tecnologias digitais na dinâmica dos debates públicos e o papel da argumentação na construção da opinião social.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **As modalidades argumentativas do discurso**. In: LARA, Gláucia; MACHADO, Ida; EMEDIATO, Wander (Orgs.). Análises do discurso hoje, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 231-254. 2008

AMOSSY, Ruth. **Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares.** Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011.

AMOSSY, Ruth. **É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios**. ReVEL, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. [www.revel.inf.br].

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017a.

AMOSSY, Ruth. **Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica**. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa. EID&A - Revista *Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, n. 13, p. 227-244. https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526, jan/jun. 2017b

AMOSSY, Ruth. **Nova retórica e linguística do discurso**. Trad.: Patrícia Sousa Almeida de Macedo. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/organon/article/download/84518/48771 , 2018.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

AMOSSY, Ruth. **A dimensão argumentativa do discurso: questões teóricas e práticas.** *In:* CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO; Mariza (org). Texto, Discurso e Argumentação: traduções. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ARANHA, M.B.R.; PONTES, A. M. **Argumentação Polêmica: uma análise textual de interações na rede social Instagram.** In: Linda Maria de Jesus Bertolino; Ernani Terra. (Org.). I Colóquio Internacional de Literatura e Estudos da Linguagem. 1ed.SÃO LUÍS: EDUEMA, 2024, v. 1, p. 658-670.

ARANHA, M.B.R.; FARIA, M. G. S.; DUTRA, R. B. **(Re)categorização e hashtag: a desqualificação do outro em textos digitais**. *Littera Online*, v. 14, p. 47-64, 2023.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2 ed. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª ed. —São Paulo: Martins Fontes, 1997

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001).

BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n.3, p. 679-704, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/8TPr4y57SBtJvQSsZt3XWgx/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: mar. 2025.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de. **Argumentação e Polêmica nas Redes Sociais: o Papel de Violência Verbal**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan./abril 2017.

CARVALHO, A.P.L. de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018.136f. – Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **O caráter naturalmente recategorizador das anáforas**. In: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (Orgs.). Estudos do discurso: caminhos e tendências. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. 185p. ISBN 978-85-99829-77-6. Acessível em: http://cied.fflch.usp.br/

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; GIERING, Maria Eduarda; PINTO, Rosalice. **A negociação persuasiva para a análise da argumentação nos discursos**. Revista (Con)textos Linguísticos, v.13, n. 25, 2019, p. 99-116.

CAVALCANTE, M. M *et al*. **O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise**. Revista (Con)textos Linguísticos, v.13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al*. **Linguística Textual e Argumentação**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; SILVA, T. S.; SILVA, Y. W. Dimensões analíticas da Linguística Textual. In: LIMA, A. H. V; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al*. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MUNIZ-LIMA, Isabel. **Texto e interação em ambiente digital.** Entrepalavras, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2419, p. 1-17, outubro/2022. DOI: 10.22168/2237- 6321-2419.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **REDISCUTINDO O PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO NEGOCIADA DOS OBJETOS DE DISCURSO** / REDISCUSSING THE PRINCIPLE OF NEGOTIATED BUILDING OF SPEECH OBJECTS. Revista de Letras, [S. l.], v. 2, n. 36, 2017. Disponível em: http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31255. Acesso em: 18 jan. 2025.

FARIA, M. da G. dos S. **Relações intertextuais de copresença e de derivação em textos verbo-visuais: por uma abordagem didática**. /Projeto de tese. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012.

FÁVERO, Leonor. **Linguística Textual – história, delimitações e perspectivas**. Revista (Con)Textos Linguísticos, v. 13, n. 25, p. 12-24, 2019.

FERNANDES, Kátia Goreth Sardinha. **A personificação do mal em Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa**. 2016. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, Goiânia, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação e discurso**. Bakhtiniana, São Paulo, Número 9 (1): 53-70, jan./jul. 2014.

_____. **Argumentação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

FIORINI, Bruno José. **Jornalismo de inovação: midiatização da persona jornalista no instagram stories do @estadão**. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28857/FIORINI_Bruno_Jose_2019_TCC.pdf?sequence=1

GENETTE, G. **Palimpsestos:** a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRIZE, J.-B. **O ponto de vista da lógica natural.** Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 20, n. 3, 23 dez. 2020.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La polémique et ses definitions**. Disponível em: https://www.tau.ac.il/~adarr/index.files/bibliographies/polemique/kerbrat1980.doc 1980

_____. **Les interactions verbales**. Tome 1. Paris: A. Colin, 1990

MACEDO, P. S. A. de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual.** 243 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso. Tradução de Sírio Possenti**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português do Brasil**. In: I Colóquio Internacional de Língua Portuguesa, Berlim, março de 1998.

MARTINS, Erik Fernando Miletta; MORATO, Edwiges Maria. Referenciação e orientação argumentativa na retórica neopentecostal: o percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. (orgs) **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MATOS, Janaica Gomes. **Em defesa da noção sobre redes referenciais na construção do texto**. 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51708 Acesso em: 22 jan. 2025.

MONDADA, Lorenza & Dubois, Danièle. (1995). **Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation**. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. Rev. de Letras - N0 118. 24 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2002.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Linguística textual e interação digital**. 1 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2024.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. 2022.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras,** Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Interação polêmica nos comentários da página do *Facebook* "Quebrando o tabu".** Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n.2, e1849, p. 1-21, maio/ago., 2020.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **Análise e crítica do discurso argumentativo**. Tradução de Rodrigo dos Santos Mota; Sébastien Giuliano Giancola; Thaise Almeida dos Santos. Revisão da tradução de Moisés Olímpio Ferreira; Sérgio Israel Levemfous. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.1, p. 17-37, nov. 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

SANTOS, K. R. C. **Sujeito e Subjetividade na Análise de Discurso Pecheutiana**. PORTO DAS LETRAS, v. 5, p. 90-108, 2019.

SILVA, Franklin Oliveira; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. (orgs) **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, Maira Sousa. **Processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas**. 119f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/33104